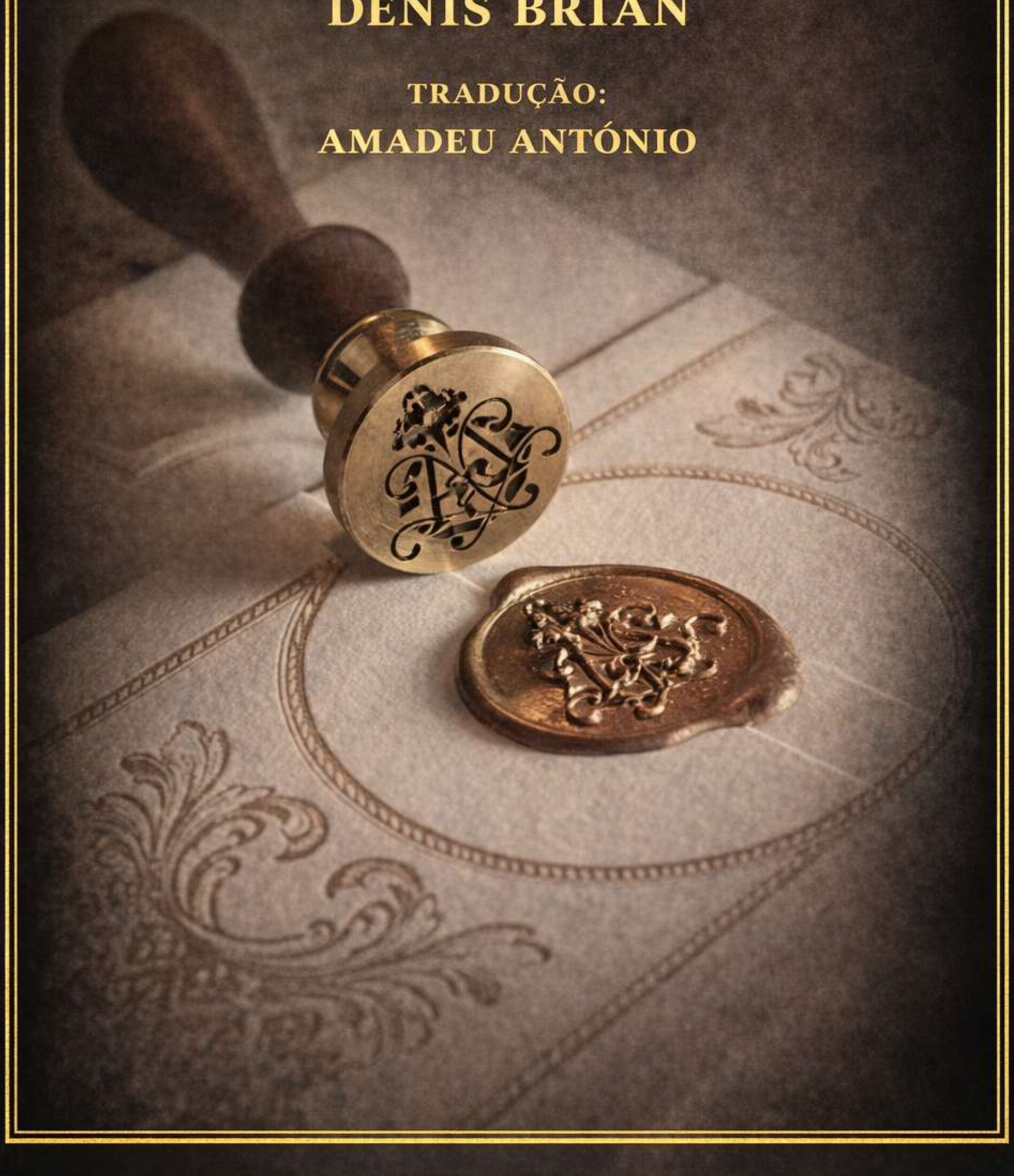
JEANE DIXON
AS TESTEMUNHAS

DENIS BRIAN

TRADUÇÃO:
AMADEU ANTÓNIO



JEANE DIXON

AS TESTEMUNHAS

Denis Brian

1976

PREFÁCIO POR JEANE DIXON

Fiquei chocada quando comecei a ler este livro — chocada como ficamos quando ouvimos pela primeira vez a nossa própria voz gravada. Chocada e amargamente dececionada. Vou dizer-vos porquê.

Sempre foi um hábito meu, numa viagem, ao chegar ao meu destino, recorrer à Bíblia, abri-la ao acaso, e o que quer que esteja nessa página é a minha lição para o dia. Por vezes, outros livros cruzam-se no meu caminho e neles encontro a minha mensagem.

Assim foi quando li o manuscrito de *Jeane Dixon: The Witnesses*. Abri-o ao acaso e comecei a ler. Foi como tocar num fio elétrico sob tensão. Outro livro tendencioso! Outra tentativa de negar a verdade e dar publicidade a mentiras, meias verdades e insinuações.

Mas à medida que fui lendo mais, começando desta vez pelo início, percebi que o autor tinha sido fiel às suas intenções — apresentar os factos, e os factos, claro, incluem o que os meus críticos disseram sobre mim, bem como o testemunho dos meus apoiantes. Ele deu a todos a oportunidade de serem ouvidos — e o que mais se poderia pedir quando o objetivo é aproximarmo-nos dos factos tanto quanto é humanamente possível?

Os escritores muitas vezes propõem-se a desmascarar-me e a todo o campo da PES. E procuram apenas as provas que sustentem o seu argumento. Lembro-me de quando Jess Stearn me veio visitar e jantou comigo; ele ia desmascarar tudo sobre a PES, e a mim juntamente com ela. E quando fui capaz de lhe dizer coisas que ele sabia que eu não tinha forma normal de saber, e quando ele entrevistou pessoas que me conheciam e que também me viram na NBC a prever com exatidão que o *Sputnik* seria colocado em órbita — então ele soube que havia algo ali.

O famoso psicólogo e filósofo William James disse que havia entre muitas pessoas "uma vontade de acreditar"; que estão demasiado prontas para aceitar mistérios e milagres como factos. Há também "uma vontade de desacreditar" e "uma vontade de enganar". Mas, felizmente, com o tempo, a verdade prevalece.

Há vários anos, Denis Brian começou a fazer-me perguntas sobre a minha capacidade de prever com exatidão, e o questionamento continuou ao longo dos anos. Achei-o perspicaz, informado — e persistente. Nunca me citou erradamente — e mantém uma abordagem de mente aberta, a marca de todos os investigadores eficazes.

Há, naturalmente, muitas perguntas a que não consigo responder. Não sei porquê, por exemplo, o médico do Presidente Franklin Roosevelt, o Vice-Almirante Ross McIntire, lhe ocultou o facto de o Presidente ser um homem muito doente, de que um derrame ou um ataque cardíaco fatal poderia ocorrer a qualquer momento — e isto pouco antes de ele estar a considerar o seu quarto mandato. FDR também se comportou de forma misteriosa, evitando fazer aos seus médicos até as perguntas mais superficiais sobre a sua própria saúde ou esperança de vida.

Mas o Presidente Roosevelt chamou-me duas vezes à Casa Branca, e quando me perguntou quanto tempo mais tinha para concluir o seu trabalho, eu disse-lhe que lhe restava pouco tempo. Que estranho que ele ignorasse a riqueza de conselhos médicos ao seu dispor e me chamasse para lho dizer! Jim Bishop revela esta conspiração de silêncio sobre a saúde de FDR no seu livro *FDR's Last Year* — mas não menciona as minhas duas visitas à Casa Branca.

Os Serviços Secretos, os Arquivos Nacionais, a Biblioteca Roosevelt não têm registo das minhas visitas, pelo que oficialmente e nos livros de história não há menção a elas. Quanto se perde para a história, pergunto-me, por não estar nos registos.

Mas aconteceu. E as tentativas de Denis Brian para encontrar uma testemunha irrefutável para confirmar as minhas visitas à Casa Branca, correndo contra o tempo à medida que se aproxima do prazo de publicação do livro, lêem-se como uma excitante história de detetives. Terá ele encontrado a testemunha? E quem era? Terão de ler isso por vós mesmos.

Quando me pedem para explicar o meu dom de ver o futuro, digo aos que me perguntam que não o poderia explicar melhor do que poderia realmente definir o amor ou a eletricidade. E quando me perguntam para explicar por que sou uma profetisa apenas de desgraças, digo que não é assim. Faço muitas previsões de acontecimentos felizes para as pessoas — mas estas não fazem manchetes. Há algumas neste livro.

Quando me perguntam qual acredito ser o nosso propósito aqui na terra, digo algo como isto:

Acredito que o homem consiste num corpo, alma e Espírito Santo. E através desse espírito, Deus alcança o Seu propósito — que é evoluirmos na espiral superior do progresso humano e espiritual. E para cumprir esse propósito, o espírito pode reencarnar em muitos corpos.

A alma, que é unicamente nossa — e não reencarna — creio ser a intérprete do Espírito Santo.

Lembram-se de como o Senhor prometeu que Elias voltaria à terra após a sua morte? E as pessoas perguntavam onde estava Elias. E o Senhor disse:

"Elias voltou — apenas vós não o reconheceis."

O espírito de Elias tinha regressado no corpo e na alma de João Batista, para continuar o trabalho de Elias que não tinha sido concluído.

Ora, então, João Batista chegou a este planeta terra, num elevado patamar humano e espiritual, e continuou o trabalho de Elias para nosso benefício.

E acredito que o Senhor pretende que todos evoluamos da mesma forma, com o Espírito Santo em nós — e este Espírito Santo é o laço que nos une a todos, independentemente da nossa raça, cor ou credo.

É por isso que estou tão interessada na investigação pré-natal, para garantir que um espírito possa viver num corpo e numa mente saudáveis.

Acredito que quando Deus quer que saibamos algo, Ele traz-nos isso. Ele não quer que saiamos por aí a conjurar os mortos para obter mensagens deles, embora eu saiba que isso é possível. Acredito em anjos e que estamos rodeados por imortais sagrados, e acredito que os anjos falam comigo — porque tive essa experiência.

Acredito que tudo está no tempo de Deus, não no nosso tempo, porque só Deus é suficientemente grande para fazer o bem a partir do que nos parece ser uma tragédia.

Acredito que Deus tem um plano para cada um de nós, mas acima de tudo acredito nisto: Se aceitarmos o patamar humano que é só nosso neste planeta terra e fizermos a Sua vontade e permanecermos em harmonia com o nosso patamar humano e espiritual, então estaremos em harmonia com o batimento cardíaco do universo.

Naturalmente, tento conduzir a minha vida de acordo com as minhas crenças e, através da oração e meditação, estar preparada para mensagens de Deus e vislumbres do futuro.

Neste livro encontrarão as respostas para muitas perguntas que as pessoas me fazem sobre a minha vida e pensamentos. Os historiadores falam de anti-história quando um evento é visto através dos olhos limitados de um escritor — inevitavelmente tendencioso porque nenhuma pessoa tem conhecimento de todos os factos numa dada situação — mas neste livro podereis aprender não só como eu vi e recordo os eventos dramáticos da minha vida, mas como outros os recordam. É um livro revelador e descobre informações que até agora estavam ocultas do público.

ÍNDICE

Prefácio por Jeane Dixon Introdução: O Tribunal de Inquérito "Vi que o Avião ia Despenhar-se!" — A Testemunha Independente

"Nancy ou se Matará ou Alguém a Matará" "Ele Nunca porá o Anel no Dedo de Joan" — O Juiz do Supremo Tribunal Frank Murphy e a sua Secretária Executiva, Eleanor (*Lady* Bumgardner) Wright

O Destino de Richard Nixon "Disse a FDR que Ele Tinha Menos de Seis Meses para Concluir o Seu Trabalho" — O Presidente Franklin Roosevelt consultou Jeane Dixon na Casa Branca?

"Uma Bola Prateada Circulará a Terra" — Martha Rountree: Repórter de Televisão

"Alguém vai Alvejar o Presidente" — Jeane Dixon Tenta Salvar o Presidente Kennedy

"Senti que Ele Estava em Contacto com Deus" — Diplomata da Cortina de Ferro e o Executivo do *Reader's Digest* **"Algo vai Acontecer..."** — Rapto de Frank Sinatra, Jr.

"Tira essas Lições de Canto" — O Apresentador de *Talk Show* de Boston, Bob Kennedy

"Vão Morrer pelo Fogo" — Três Astronautas

"Faz o que Eu Digo ou Não Terás um Neto" — Jeane Dixon: Salvadora de Vidas?

"O Dinheiro dos Teus Pais Será Cortado" — A Fortuna Bumerangue

"*Proud Clarion* Ganhará o Derby de Kentucky" — O Homem Mais Rico do Mundo pede a Jeane Dixon para o Ajudar a Ganhar Mais

"Diz à Rose para Manter o Bobby Fora Deste Hotel" — Morte de Robert Kennedy

"Casarás no Próximo Ano" — James Fahey Casa-se

"Um Homem Branco Alvejará o Governador Wallace" — Os Seus Cabeleireiros

Psiquiatra-Mágico: Dr. F. Regis Riesenman Vozes do Passado: Irmãos e Irmãs O Repórter de Investigação Nada pelo Valor Facial A Própria Jeane Dixon — Quatro Entrevistas

Opiniões de Dois Padres Católicos Jeane Dixon: A Favor e Contra A Visão de Jeane Dixon John Nebel, JFK e Lee Harvey Oswald Sumário Apêndice

INTRODUÇÃO

O Tribunal de Inquérito

"Tudo é possível... mas o peso da prova deve estar em proporção à estranheza do facto."

— Theodore Flournoy

"As pessoas que registaram, verificaram e validaram as previsões de Jeane Dixon são tão conhecidas, inteligentes e de mentalidade científica que o seu testemunho não pode ser descartado. O investigador científico encontrará a prova que procura sobre o alcance da mente."

— Arthur Ford, citado em *A Gift of Prophecy*

"O investigador de pesquisa psíquica tem de suspeitar de fraude tão desapaixonadamente e com tão pouco respeito pelas pessoas, como um detetive tem de suspeitar de impulsos homicidas em todos os que poderiam, à face disto, ter cometido um determinado assassinato."

— Kenneth Richmond em *Evidence of Identity*

"Não creio que a telepatia venha alguma vez a substituir o telefone."

— Jeane Dixon

Estará Deus em contacto direto com Jeane Dixon? E revelar-lhe-á Ele o futuro?

Se acreditarmos nela e nos seus admiradores, a Sra. Dixon:

- Previu os assassínios do Presidente Kennedy e do seu irmão Robert, o rapto de Frank Sinatra, Jr., a tentativa de assassínio do Governador George Wallace e a morte nas chamas de três astronautas.

- vaticinou, logo em 1949, que Richard Nixon estava destinado a ser Presidente — numa altura em que para os conhecedores da política isso não era sequer uma possibilidade remota.

- Devolveu a saúde a um homem com algumas palavras; persuadiu o seu marido a perder um avião que mais tarde se despenhou, matando vários a bordo; salvou a vida de uma criança ao detetar uma doença potencialmente fatal que nem o médico da criança tinha identificado.

- Leu as mentes dos seus amigos do outro lado da mesa, e de homens a meio mundo de distância no Kremlin.

Este livro é uma tentativa de descobrir se estas afirmações resistem a uma investigação objetiva e de descobrir se Jeane Dixon é uma profetisa, curadora psíquica e leitora de mentes sem igual — ou se é, quer o saiba ou não, uma fraude.

Durante noventa anos, membros da Sociedade Americana de Pesquisa Psíquica, e os seus homólogos britânicos, têm testado médiuns em transe para tentar descobrir se as suas mensagens são prova de vida após a morte. A conclusão deles: não sabemos.

A investigação noutras áreas extrassensoriais trouxe resultados mais positivos. Embora seja difícil distinguir entre telepatia e clarividência, testes controlados indicam que uma ou outra, ou ambas, existem. Há fortes evidências de precognição (ser capaz de ver com exatidão o futuro).

Mas Jeane Dixon, o tema desta investigação, evita testes de parapsicólogos. Ela diz que o seu dom de prever o futuro vem de Deus e não tem tempo nem inclinação para ser uma cobaia. De modo que ninguém registou os impulsos elétricos do seu cérebro durante uma visão, verificou a sua pressão arterial enquanto meditava, monitorizou os seus sonhos, ou a persuadiu a ser fechada numa gaiola de Faraday, para filtrar ondas eletromagnéticas e garantir que ela não está a receber as suas "mensagens" de um rádio escondido. E ninguém, que eu saiba, colocou detetives no seu encalço.

Mas em livros e jornais, na rádio e em programas de TV, a Sra. Dixon tem feito previsões com a segurança e o entusiasmo de um profeta do Antigo Testamento, e até descreveu como se sente ao receber uma revelação diretamente do Próprio Deus.

Hoje, Jeane Dixon é inquestionavelmente uma das videntes mais publicitadas do mundo. Até agora, tem havido duas abordagens a ela e ao seu trabalho: os elogios deslumbrados como em *A Gift of Prophecy* de Ruth Montgomery, escrito com a Sra. Dixon, e *My Life and Prophecies*, conforme contado a Rene Noorbergen; e os relatos independentes que variam entre o acrítico ao satírico ou mesmo selvagem.

Numa mistura de sátira e ferocidade, Marcia Seligsen, escrevendo no *New York Times Book Review* de 19 de outubro de 1969, descreve Jeane Dixon como "... a profetisa mais rica do mundo... cujo livro *A Gift of Prophecy* é um elogio próprio parvo que consiste em anedotas assustadoras onde a Sra. Dixon prevê a desgraça para muitos dos seus amigos ou diagnostica doenças das pessoas na sua bola de cristal depois de os médicos terem falhado... Mas, basicamente, é o desvario inofensivo de uma senhora que pode ou não ser vidente e pode ou não ser maluca..."

Uma visão menos amarga do que a de Miss Seligsen veio do Professor Gardner Murphy. Num artigo intitulado "Direct Contacts with Past and Future: Retrocognition and Precognition", ele escreveu sobre *A Gift of Prophecy*, no Jornal da Sociedade: "Aqui temos pela primeira vez que eu me lembre um grande número de casos dramáticos explicados com bastante detalhe e com muitos nomes e datas. Embora não tenhamos o tipo de autenticação que gostaríamos de ter na pesquisa psíquica, há muitos casos que podem ser cruzados e que indicam, aparentemente, uma capacidade bastante extraordinária por parte da Sra. Dixon para 'atravessar o tempo'.

"Várias das experiências descritas são, naturalmente, inferíveis a partir de vários factos conhecidos na altura, mas escolher uma data específica como 20 de fevereiro de 1947, como a data da separação da Índia e do Paquistão, longos meses antes de existir qualquer evidência específica que tornasse possível a afirmação da data, justifica certamente considerarmos o livro como algo mais do que o habitual entulho do entusiasmo jornalístico. Eu diria que é uma pena, como sempre é, que não tenhamos uma autenticação adequada — tentamos fazer melhor nas nossas próprias publicações profissionais. Mas isto não significa que possamos dar-nos ao luxo de descartar casos de fenómenos deste tipo descritos de forma mais ou menos completa."

A história da pesquisa psíquica está repleta de tantos relatos de pessoas de mente aberta a serem feitas de estúpidas pelos inescrupulosos, que um cético tem o direito de perguntar: "Esperas seriamente que eu acredite que Deus selecionou uma mediadora imobiliária em Washington, D.C., e voa até à casa dela para

apresentar um espetáculo de TV a cores do FUTURO? Alguém que não fosse um idiota ou o absolutamente crédulo acreditaria nisso? TU acreditas nisso?"

Acredito que a Sra. Dixon e os seus aparentes poderes valem bem a pena investigar. Tentei manter a mente aberta.

Ao longo dos anos, como escritor particularmente interessado em PES, entrevistei a Sra. Dixon muitas vezes — talvez vinte. Tive uma visita rápida e pessoalmente guiada à sua casa, onde vislumbrei o seu gato de vinte e cinco anos no quintal, guardando o que parecia ser uma miniatura de um pagode; admirei o rés-do-chão de mármore branco, a sua cama com dossel, que pertenceu à Imperatriz Eugénia, e a cama com dossel do seu marido, onde outrora dormiu o Presidente Calvin Coolidge. O orgulho que sente por estas posses tem exercitado vários críticos. Visitei a sua empresa imobiliária, onde o seu escritório se assemelha à cela de um monge desarrumado que se corresponde com o mundo, e falei com o seu marido, James, um homem de voz forte e opiniões firmes.

Não partilho as crenças políticas, filosóficas ou religiosas da Sra. Dixon. Mas admiro a sua determinação. Parece-me estar a perseguir o que sente ser a verdade, apesar das tentativas de críticos — alguns deles antigos amigos — para a desacreditar.

A forma mais proveitosa e prática de investigar Jeane Dixon, decidi, seria moldada num tribunal de inquérito: conseguir que o maior número possível de testemunhas falasse, incluindo a própria Sra. Dixon. O seu testemunho seria o registo e os leitores poderiam julgar por si mesmos. Discuti o projeto primeiro com a secretária de Jeane Dixon, Gertrude Parker, que entretanto faleceu, e que foi uma das suas apoiantes mais leais e convictas. Ela e a Sra. Dixon concordaram em dar-me endereços e números de telefone de testemunhas que eu queria questionar. Naturalmente, estas tenderiam a ser pessoas com uma atitude positiva em relação a ela. Outros, mais críticos, localizei-os sem ajuda.

A minha abordagem tem sido compreensiva mas não partidária. Embora não exista tal coisa como um repórter totalmente objetivo, ou ser humano quanto a isso, tentei ser imparcial; deixar que todos digam o que pensam. Esperava, também, poder responder em parte ao apelo do Dr. Gardner Murphy num fórum da ASPR sobre perceção extrassensorial em 20 de novembro de 1965, quando disse: "Onde estão as abordagens de história de vida realmente adequadas? Obtenham a história de vida da pessoa — este é o tipo de coisa que o clínico, o psicanalista, considera como algo natural. Mas temos muito pouco disto na pesquisa psíquica hoje em dia."

Durante o meu trabalho neste livro, descobri que algumas pessoas estavam perturbadas porque aqueles que poderiam ter evitado tragédias, caso tivessem

ouvido as previsões de Jeane Dixon, não o fizeram. Robert Kennedy, dizem, poderia ter sido salvo se os seus avisos tivessem chegado às pessoas certas e tivessem sido tomadas precauções.

Discuti isto com o secretário de imprensa de Edward Kennedy, Richard Drayne. Ele disse: "Se a família Kennedy ouvisse todas as pessoas que lhes enviam avisos, não fariam nada senão estar sentados nos seus quartos com as cortinas fechadas." Ele concordou que o registo aparente da Sra. Dixon para previsões precisas era notável e disse que, se ela alguma vez o contactasse, ele garantiria que a mensagem seria transmitida. A Sra. Dixon sabe agora disto.

Para aqueles que dizem que as suas previsões bem-sucedidas só são relatadas após o evento e depois "conforme contado a um amigo próximo", aqui estão três impressas antes do evento. No *Washington Daily News* de 21 de outubro de 1968, Jeane Dixon previu: "Nixon será o nosso próximo presidente."

No mesmo jornal, ela escreveu: "Um escândalo de escutas telefónicas que eu previ anteriormente está ainda para vir."

Mais recentemente, o *Laconia Evening Citizen* de 22 de outubro de 1975, um jornal de New Hampshire, imprimiu extratos de um discurso que a Sra. Dixon proferiu na noite anterior. Jeane Dixon é relatada como dizendo a uma audiência no Colonial Theater, em Laconia: "Em 1983 a bandeira voltará a estar a meia haste sobre a Casa Branca. Cabeças vão rolar em breve ali devido ao início aparentemente instável da campanha presidencial de Ford. Ford substituirá vários oficiais de campanha no início do próximo ano e fará uma revisão da equipa da Casa Branca, que verá novas faces no nível superior do comando presidencial."

Pouco mais de uma semana depois, a 3 de novembro, o Presidente Ford fez um anúncio surpresa de que estava a despedir o diretor da CIA William Colby e o Secretário da Defesa James Schlesinger, removendo Henry Kissinger do cargo de presidente do Conselho de Segurança Nacional, embora mantendo-o como Secretário de Estado; nomeando o chefe de gabinete da Casa Branca Donald Rumsfeld para o cargo de Secretário da Defesa e substituindo-o na Casa Branca por Richard Cheney.

Isto cumpriu parte da previsão publicada da Sra. Dixon à letra.

A Sra. Dixon também publicou na *Parade*, logo em 1956, a sua previsão mais famosa: "Quanto à eleição de 1960, a Sra. Dixon pensa que será dominada pelo trabalho (*labor*) e vencida por um Democrata. Mas ele será assassinado ou morrerá no cargo, embora não necessariamente no seu primeiro mandato."

Não foi dominada pelo trabalho.

Foi vencida por um Democrata: John Kennedy.

Ele foi assassinado.

Mas no seu primeiro mandato.

Portanto, ali ela estava errada, certa, certa, parcialmente errada. Será que isso a anula? Como resolvemos o enigma?

Será a Sra. Dixon a intermediária de Deus, dotada de perceção extrassensorial num grau deslumbrante? Ou é uma adivinhadora astuta e instruída, que tira o máximo proveito da ânsia das pessoas pelo milagroso, das suas memórias falhas e seletivas, da sua credulidade e sugestibilidade? Usará ela o seu conhecimento da cena política de Washington e os seus muitos amigos bem informados para obter informações privilegiadas sobre o que é provável que aconteça? Ou será Jeane Dixon uma profetisa, uma versão moderna dos antigos bíblicos que exortavam Jerusalém a atender às suas mensagens?

Este livro tentará descobrir a resposta.

"Vi que o Avião ia Despenhar-se!"

A Testemunha Independente

Os céticos dizem que, se Jeane Dixon tem um "dom de profecia dado por Deus", para que serve? Assim, ela prevê que o Presidente Kennedy e o seu irmão Robert serão mortos — e eles são. Na verdade, uma grande parte das suas previsões é vaticinar a morte de celebridades. Então ela acerta. E daí? Que diferença terrena faz isso?

Jeane Dixon diz que, embora a morte de John Kennedy fosse inevitável, as mortes de Robert Kennedy, Martin Luther King e outros poderiam ter sido evitadas. Ela afirma que algumas das suas vibrações mais poderosas tinham a intenção de ajudar a família Kennedy e, eventualmente, o mundo — mas que os Kennedy rejeitaram os seus avisos.

Haverá, de facto, alguma prova de que as suas previsões tenham salvado a vida de alguém?

Em *A Gift of Prophecy*, ela conta como, pouco depois de se casar, o seu marido ia voar da sua casa em Detroit para Chicago em negócios. Ela implorou-lhe que não voasse, pois previu que o avião se despenharia. Ele ouviu-a — e foi

de comboio. O avião despenhou-se de facto, matando todos os passageiros a bordo.

Mas a única testemunha deste evento citada no livro, além dela própria, é o seu marido. A data é vagamente mencionada como sendo pouco antes da Segunda Guerra Mundial. Nenhuma testemunha independente é citada. Nenhuma causa é dada para a queda.

Não é preciso ser um cético para considerar isto como um evento com muito pouca evidência e sem documentação para o autenticar.

Mas aconteceu? Se aconteceu, então o seu "dom de profecia" tem um propósito além de assustar.

Quando o seu marido, James Dixon, decidiu no último momento não voar para Chicago, outro homem estava na fila para que o seu bilhete fosse verificado. Ele ouviu Dixon dizer que não ia voar, e ele também decidiu ir de comboio.

Entrevistei esse homem, uma testemunha independente, bem como os Dixon, trinta e três anos após o evento. Aqui está a evidência:

James L. Dixon

George W. Hubley, Jr.

A primeira testemunha é Jeane Dixon. Falei com ela por telefone a 13 de junho de 1973. Foi isto que ela disse:

Tive a sensação de que o avião se despenharia dias antes de acontecer. No minuto em que o Jimmy me disse que ia voar para Chicago, eu disse: "Oh, não!" No preciso segundo. Sabe, essa foi uma resposta espontânea. Vi que o avião se ia despenhar. Vi-o tão claramente como o estou a "ver" a si agora, lembrando-me de como era do nosso último encontro. Quando lhe disse que o avião se ia despenhar, o Jimmy não disse uma única palavra. Mas quando descobri que ele tinha os bilhetes de avião, continuei a insistir com ele.

[Apesar do seu aviso, James Dixon decidiu voar.]

Eu chorava lágrimas amargas quando o Jimmy saiu de casa. Tanto quanto eu sabia, ele ia para o avião. Disse-me que não queria chegar atrasado à reunião, que era uma viagem de negócios importante a Chicago.

Mais tarde, nesse mesmo dia, questionei James L. Dixon. Este é o seu testemunho:

Sim, é verdade; a minha mulher estava a chorar quando saí de casa para apanhar o avião. Cheguei até ao aeroporto, mas depois decidi não apanhar o

avião. A Sra. D. tinha-me influenciado a não fazer o voo para Chicago. Tudo aconteceu da maneira que ela disse que aconteceu.

Na altura, 1940, George W. Hubley, Jr., vivia em Chicago, trabalhando para a agência federal de obras encarregada de vários projetos da WPA. Falei com ele a 13 de junho de 1973, e novamente a 4 de fevereiro de 1974. Isto foi mais de trinta e três anos após um evento que ele ainda recordava vividamente, embora nem todos os detalhes lhe fossem claros.

Ele recorda:

Um Sr. Keller Melton, o engenheiro de segurança regional da WPA, e eu tínhamos estado a assistir a uma reunião de negócios em Detroit e estávamos a caminho de regresso a Chicago. Metemo-nos num táxi a caminho do aeroporto. Havia gelo, e os carros estavam a derrapar e isto foi antes de terem descongeladores nos aviões. Também foi antes de haver muito voo por instrumentos.

E eu disse ao engenheiro de segurança: "Caramba, não tenho a certeza se gosto de voar com este tipo de tempo."

Ele continuou a desvalorizar-me. Acho que disse: "Sou um aviador da Primeira Guerra Mundial e um engenheiro de segurança muito bom e sei que isto não é mau tempo para voar."

Então eu disse algo do género: "Quem sou eu para desafiar um homem da segurança e um piloto? Não percebo nada de nenhum dos dois. Se tu o dizes, deve estar tudo bem."

E ele tranquilizou-me: "Não te preocupes. Eu não voaria se não fosse perfeitamente seguro."

Chegámos ao aeroporto e pusemo-nos na fila para o check-in, mas de uma forma ou de outra acabámos por nos separar. Havia outro tipo à frente, entre mim e ele, e ouvi esse tipo dizer: "Devolvam-me o meu bilhete." E depois disse para si próprio: "Não vou voar com isto. Vou de comboio."

Ouvi isto e pensei: "Está decidido. Acho que também não vou voar." E disse-lhe: "Ouvi o que disse. Acho que vou consigo. Eu próprio andava preocupado com este tempo."

Esse homem, aparentemente, era o Sr. Dixon. Mas, claro, na altura eu não o conhecia de lado nenhum. Disse adeus ao engenheiro de segurança: "Vou dar o pito (*chicken out*). Vemo-nos no escritório."

O engenheiro de segurança riu-se e disse: "Eu estarei em casa enquanto tu ainda estiveres a andar nos carris."

Então, o Sr. Dixon e eu apanhámos um táxi juntos e falámos sobre como íamos apanhar o comboio várias horas mais tarde — por volta das dez ou onze horas. Um dos arranjos que eles tinham naqueles dias era que, como a viagem demorava apenas algumas horas e se chegava a Chicago por volta das duas ou três da manhã, eles desviavam a carruagem para um ramal e deixavam-nos dormir até às sete.

Durante a nossa jornada juntos, eu tinha-me perguntado vagamente o que me teria desencorajado de voar, porque eu já tinha voado centenas de milhares de milhas antes disso. E nunca uma única vez, antes ou depois, eu alguma vez, por minha conta, cancelei um voo. Voando tanto como voava, devo ter encontrado condições meteorológicas semelhantes e, por isso, estava de algum modo intrigado com o meu próprio comportamento.

Naquela época, creio que era necessário voar 100.000 milhas na American Airlines para se qualificar para a adesão ao seu *Admirals Club*, e eu obtive um cartão de membro, que ainda carrego na minha carteira. Isso era apenas uma companhia aérea e eu voava em qualquer companhia que estivesse disponível. E já voei centenas de milhares de milhas desde então, mas nunca antes ou depois cancelei um único voo.

Creio que o Sr. Dixon me disse algo no táxi, do género: "Não gosto deste tempo."

E eu disse: "Eu também não."

Depois ele disse: "Além disso, a minha mulher opôs-se ao voo."

Ou algo desse género. E creio que, por brincadeira, posso ter dito algo sobre "captar as vibrações dela" avisando-me também para não apanhar o voo.

De um modo geral, não sou supersticioso. Não acredito realmente em fenómenos psíquicos, e certamente não em premonições e visões, mas tenho de admitir que, por alguma razão, quando o Sr. Dixon disse que ia sair da fila, aquilo decidiu por mim. Embora, quando falei sobre o voo com o Sr. Melton anteriormente, ele me tivesse convencido de que eu estava a ser excessivamente cauteloso.

O Sr. Dixon e eu apanhámos o comboio para Chicago e, na manhã seguinte, saímos do comboio e eu estava a falar com o mesmo tipo, que provavelmente era o Sr. Dixon, e vimos o jornal juntos. E ele disse: "Meu Deus, olhe para isto!"

Um avião tinha-se despenhado. E as manchetes eram sobre a queda.

Compraram os jornais e olharam para eles; era o mesmo avião em que ambos tinham cancelado a viagem.

O relato que leram na edição de 5 de dezembro de 1940 do *Chicago Tribune* era o seguinte:

Seis pessoas morreram e dez ficaram gravemente feridas ontem à noite quando um gigante avião de transporte da United Air Lines estancou no seu planeio em direção a uma aterragem no aeroporto de Chicago, despenhou-se contra uma casa e uma garagem na South Keating Avenue, 6350, cortou uma linha de energia elétrica e depois esmagou as suas 12 toneladas contra o solo.

Testemunhas disseram que a nave perdeu velocidade de voo quando estava a cerca de 150 pés do solo e caiu quase verticalmente, irrompendo em chamas após o impacto. O fogo foi extinto por bombeiros chamados ao local.

Relatórios não oficiais indicaram que o gelo nas asas pode ter sido responsável pelo acidente, ao fazer com que o piloto julgasse mal a sua velocidade de aterragem.

[O engenheiro de segurança Keller Melton foi listado entre os feridos. A sua morte foi relatada mais tarde.]

Antes que a sua mulher pudesse ouvir a notícia do acidente na rádio, ou lê-la nos jornais, James Dixon telefonou e assegurou-lhe que estava seguro, tendo seguido o seu conselho e perdido o avião. Ele diz:

Eu costumava ouvir a Sra. D. com bastante atenção em todos os momentos, mas particularmente após este evento. Quando cheguei a casa, agradeci-lhe, naturalmente. Mas agradeci-lhe como um marido a uma mulher. Sabe, os maridos dão muita coisa por garantida.

George W. Hubley, Jr., diz:

A família do engenheiro de segurança disse-me que ele sobreviveu à queda, mas que tinha uma condição cardíaca e não estava a usar nenhum daqueles itens de segurança que as pessoas usam agora para explicar que não lhes devem ser dadas certas drogas. E deram-lhe uma injeção de Adrenalina após o acidente. E foi isso que o matou.

Bem, muitas coisas me aconteceram depois disso. Estive no Exército nos cinco anos seguintes durante a Segunda Guerra Mundial. Voltei para o...

... Kentucky — sou do Kentucky — e consegui um emprego no estado. Depois, após sete ou oito anos, vim para Maryland para organizar um programa de desenvolvimento económico.

Depois de estar aqui há algum tempo, o primeiro livro da Sra. Dixon, *A Gift of Prophecy*, foi condensado no *Reader's Digest* (julho de 1965). Uma noite, eu estava com dificuldades em dormir e perguntei à minha mulher se ela não me lia nada, e ela disse: "O que é que eu tenho para ler?"

Eu disse: "Não sei; lê este resumo de livro no *Reader's Digest*." E ela começou a lê-lo — e continha o relato do acidente de avião.

A minha mulher e eu dissemos ambos: "Meu Deus, é o mesmo acidente!"

E eu disse: "Aquele deve ser o tipo que cancelou no mesmo dia que eu."

Bem, na manhã seguinte fui para o meu escritório e a Sra. Ann Rockwell, a minha secretária, disse: "Tem uma chamada de um Sr. Dixon."

Eu disse: "Isto é demais!" Mas retornei a chamada e disse: "É o Sr. Dixon a quem Jeane Dixon se refere no seu livro, que a minha mulher me estava a ler ontem à noite?"

Ele disse: "Sim." Explicou que queria falar comigo. Eu vivia em Annapolis e trabalho em desenvolvimento económico. O Sr. Dixon disse: "Trabalho no ramo imobiliário e quero falar consigo sobre o padrão de crescimento da área de Annapolis, e gostaria de almoçar consigo hoje e discutir a área porque estou a planear comprar um hotel lá."

Então eu disse: "venha daí", e quando ele chegou aqui eu disse: "Isto é incrível. Não se lembra de mim, pois não?" E ele disse: "Não."

Eu disse: "Eu também não me lembro de si." Mas depois contei-lhe a história.

E o Sr. Dixon disse: "Bem, pelo amor de Deus. Tenho vivido com a Sra. D. há alguns anos, por isso já não fico espantado com coisas como esta como costumava ficar."

"Nancy ou se matará ou alguém a matará"

Pouco antes da Segunda Guerra Mundial, os Dixon mudaram-se da Califórnia para Detroit e depois, em 1942, para Washington, D.C., onde Dixon trabalhou para o Departamento de Guerra, procurando imóveis para usar como depósitos e armazéns. Cedo começaram a ser convidados para festas, onde muito rapidamente se tornou conhecido que Jeane Dixon conseguia prever o futuro. E a partir daí, ela estava habitualmente rodeada.

Em festas para militares, dizia-se que ela era mais solicitada do que as estrelas de cinema visitantes e, se pressentia tragédia para os jovens, aparentemente guardava essas notícias para si. Eles saíam das festas, dizem as testemunhas, animados pelas suas previsões e ansiosos por contar aos amigos sobre a jovem mulher de olhos azuis-claros brilhantes e o entusiasmo de uma evangelista, que apenas tinha de tocar as pontas dos seus dedos para ver o que lhes ia acontecer.

Em festas para políticos e diplomatas, ela era menos inibida do que entre os militares e a sua reputação, de acordo com *A Gift of Prophecy*, chegou à Casa Branca. Há evidência independente (o testemunho de Estelle Friedrichs e Elliott Roosevelt, dado em capítulos posteriores) de que o Presidente Franklin Roosevelt mandou chamar Jeane Dixon e pediu-lhe que lhe dissesse quanto tempo mais ele tinha para concluir o seu trabalho. De acordo com a Sra. Dixon, ela avisou-o: não muito mais tempo.

Ninguém tem a certeza de que ano era, mas foi provavelmente em 1944, quando Jeane Dixon chegou para um chá de caridade na Embaixada Britânica e foi apresentada à Baronesa Kitty Von Ammon, uma loira elegante e atraente.

Testemunha: Baronesa Kitty Von Ammon (entrevistada a 14 de outubro de 1973):

Cheguei à Embaixada Britânica com um humor muito feliz. Estava apaixonada e tinha ficado recentemente noiva do homem — um comandante da Marinha Americana.

Fui subitamente abalada na minha euforia pela Sra. Dixon ao dizer, enquanto segurava a minha mão: "O homem na sua vida nunca casará consigo."

Eu respondi: "Sra. Dixon, este homem está muito profundamente apaixonado por mim e havemos de casar."

E a Sra. Dixon segurou a minha mão novamente e disse calmamente, mas com convicção intensa: "Este homem nunca casará consigo. Ele será retirado da sua vida tão rapidamente quanto nela entrou."

Eu simplesmente não acreditei nela. Na verdade, quando ela disse que ele não casaria comigo, pensei que ela estivesse um pouco fora de si.

Três semanas após a previsão da Jeane, um avião da marinha despenhou-se no Rio Potomac. Havia sete pessoas no avião. Três foram resgatadas vivas e três corpos foram recuperados dos destroços. Mas faltava um homem — o homem com quem eu planeara casar.

Enquanto os mergulhadores o procuravam e ainda havia esperança de que pudesse ser encontrado vivo, a Sra. Dixon veio ver-me. Ela disse-me que o "via" num caixão. Estava terrivelmente certa sobre isto.

Vários dias depois, o meu noivo foi encontrado morto por um pescador, que o trouxe para terra. Eu estava tão desolada que não sabia o que fazer, mas a Jeane veio e sentou-se comigo o dia inteiro, tentando confortar-me.

A Jeane e eu tornámo-nos amigas e, eventualmente, ela sugeriu que eu trabalhasse durante algum tempo no seu escritório imobiliário. E um dia, lá, ela disse-me:

"Vai casar com um homem com os dentes da frente afastados e com cabelo ruivo."

E eu não conseguia acreditar! Eu disse: "Oh, este homem nunca será para mim; este homem com os dentes afastados e cabelo ruivo. Eu por acaso gosto de homens bonitos."

Desta vez não consegui acreditar nela, porque o homem que ela descreveu soava-me tão pouco atraente. Senti que, apesar dos seus poderes, esta previsão não poderia possivelmente tornar-se realidade. Parecia completamente ridícula.

Mas ela tinha a certeza de que estava certa. "Ele será para si", disse a Jeane. "Mas não entrará na sua vida antes de dois anos."

Bem, esqueci-me completamente dessa previsão.

Dois anos mais tarde, em 1946, ainda trabalhava para a Sra. Dixon quando um major do exército ligou para o escritório imobiliário da Dixon e disse que queria vender a sua casa. Fui ver a casa e ele veio à porta. Apresentou-se como Major George Racey Jordan. Tornámo-nos amigos e ele convidou-me várias vezes para ir ao *Army and Navy Club* e a outros lugares. Com o passar do tempo, apaixonei-me profundamente por ele. Era uma pessoa muito grande e excelente; um dos homens mais simpáticos que conheci em toda a minha vida. [Ele era autor de um *best-seller* controverso, *Major Jordan's Diary*.]

Casámo-nos na Califórnia a 5 de novembro de 1948.

Sim, ele tinha cabelo ruivo e era muito atraente.

Logo depois de casarmos, voltámos para Washington e a Jeane segurou a minha aliança de casamento. E disse: "Terão todo o tipo de problemas. Sinto-me tão terrivelmente preocupada com tudo isto. Não há nada senão sofrimento."

Mais uma vez, ela foi absolutamente precisa. O Major Jordan tinha cancro e morreu após anos de sofrimento. Esteve a entrar e a sair de hospitais durante

cinco anos. Esteve muito doente grande parte do tempo. Não houve nada senão sofrimento. Foi muito, muito difícil.

Mas antes de ele morrer, houve outra tragédia que a Jeane previu. A minha filha, Nancy, de um casamento anterior, estava separada do marido. Nancy era uma rapariga muito, muito bonita, com todo o tipo de talentos. O seu marido queria que a Nancy voltasse para ele, mas ela recusou. Ele era um alcoólico e um homem potencialmente violento.

Lembro-me de estar à porta do escritório imobiliário com a Sra. Dixon e ela disse-me para levar a Nancy comigo, para a tirar da cidade. E eu tentei levá-la. Mas os filhos têm as suas próprias vidas e não ouvem as mães. A Jeane disse-me: "A Nancy, ou se matará, ou alguém a matará."

Ela foi tão precisa.

[Não muito depois, o marido de Nancy, Robert Dean Rogers, tentou, mas falhou em persuadir Nancy a voltar para ele. Depois alvejou-a mortalmente e matou-se.]

Jeane também previu que a minha mãe morreria de cancro e "viu" o algarismo nove em ligação com ela. A minha mãe morreu mesmo de cancro, no Adrian Hospital em Punxsutawney, Pensilvânia, a 1 de maio de 1954. O quarto em que ela morreu era o número nove.

Depois disso, a Jeane disse-me que as coisas começariam a ficar mais brilhantes para mim, que depois de terem sido difíceis durante muito tempo, tudo se resolveria e ficaria bem com o passar do tempo. Bem, as coisas estão a melhorar.

Tudo o que a Jeane me disse, e eu conheço-a há mais de trinta anos, foi absolutamente preciso. Ela nunca falhou. Esta mulher tem tido razão consistentemente sobre todos os eventos na minha vida que ela previu. É um dos seres humanos mais fabulosos que conheci, tão espiritual e maravilhosa. Nunca conheci ninguém como ela.

Após registar o testemunho de Kitty Von Ammon, questionei Jeane Dixon.

Brian: A forma como a Baronesa Von Ammon conta é: "Entrei na Embaixada Britânica, fui apresentada à Sra. Dixon e imediatamente ela disse: 'Não vai casar com o homem por quem está apaixonada'."

Jeane Dixon: Não foi bem assim. Houve outras coisas durante a noite. Eu estava lá para os rapazes soldados, durante os anos da guerra. E isso era sete dias por semana nesta Embaixada e naquela Embaixada. E foi nessa altura que apanhei um espião também. Está no meu primeiro livro. E eu sabia que ele era

um espião. E havia outro, mas não posso falar dele porque — oh pá! Aquilo foi obra! A Baronesa Von Ammon não me deixava em paz. Voltava sempre para mim. Mas eu gostava dela. Gostava muito, muito dela.

E eu disse: "A pergunta que tem na mente. Não, não vai casar com ele." A pergunta estava a transparecer nela por todo o lado. Ela não a fez.

Brian: Porque previu tantas tragédias que ela não podia fazer nada para evitar? Porque lhas contou?

Jeane Dixon: Senti que ela aguentaria tais notícias, que era melhor ela saber que tinha de enfrentar a tragédia. E acredito que há uma razão para tudo. E como eu disse, só Deus é suficientemente grande para trazer o bem a partir da tragédia.

Brian: Conhecia o homem de cabelo ruivo e o espaço entre os dentes antes de prever que ela casaria com um homem assim?

Jeane Dixon: Não, nunca o tinha conhecido.

Brian: Quando previu o assassínio da filha dela, sabia que o marido da filha era alcoólico e um homem potencialmente perigoso?

Jeane Dixon: Não. Não sabia nada sobre os problemas deles.

Brian: Mas Kitty Von Ammon era sua amiga e estava preocupada com a filha dela, Nancy, a lutar com o seu marido violento e separado... Não sabia isto?

Jeane Dixon: Não, não sabia.

Brian: Por que não sabia, se era amiga dela? E tinham amigos comuns?

Jeane Dixon: Isto não aconteceu na altura em que a Kitty Von Ammon estava a trabalhar para nós. Isto foi anos mais tarde, quando a filha andava com este rapaz em particular. A Baronesa Von Ammon estava à porta e ia para a Califórnia para casar com o Major Jordan e eu disse-lhe: "Leve a Nancy consigo."

[Perguntei então a outro membro da família Von Ammon se a Sra. Dixon poderia saber, por meios normais, que Nancy e o marido estavam a lutar. Diz esta fonte, que pediu anonimato: "Não, a Sra. Dixon não poderia saber na altura."]

"Ele nunca porá o anel no dedo de Joan"

O Juiz do Supremo Tribunal Frank Murphy e a sua Secretária Executiva, Eleanor (*Lady* Bumgardner) Wright

Aos cinquenta e seis anos, Frank Murphy, um solteiro alto, magro e de sobrancelhas cerradas, era Juiz do Supremo Tribunal há nove anos. À exceção de um conflito com o mundo do trabalho quando, como governador do Michigan, ameaçou usar tropas durante uma greve na General Motors, não havia sombra sobre a sua carreira; e não havia sinal de escândalo na sua vida privada. Tinha cumprido a promessa feita à sua mãe luso-americana de nunca tocar em álcool, e raramente estava sem a Bíblia que ela lhe dera quando ele concluiu a oitava classe.

Admirado como idealista e como o mais militante lutador pelos direitos civis no tribunal, ele fazia jus ao seu lema de "falar suavemente e bater com força". O seu desacordo mais memorável foi em 1944, quando denunciou como "racismo" a decisão militar de prender nipo-americanos na Costa Oeste após o bombardeamento japonês de Pearl Harbor.

Na sua carreira, Murphy tinha seguido um caminho surpreendente, rápido e sempre ascendente. Aos trinta e um anos, em 1924, era juiz em Detroit. Seis anos depois era presidente da câmara da cidade e, três anos depois disso, tornou-se o último governador-geral e o primeiro alto comissário das Filipinas. Quatro anos mais tarde era governador do Michigan e, em 1939, Murphy foi nomeado Procurador-Geral dos EUA. Um ano e dois dias depois disso, era Juiz do Supremo Tribunal.

A presidência e o casamento pareciam ser os únicos objetivos que lhe restavam alcançar. E ele estava prestes a tentar um deles. Tinha-se apaixonado por Joan Cuddihy e confiado o seu plano de casamento a alguns amigos próximos e parentes.

A sua secretária executiva, Eleanor Bumgardner (a quem ele chamava *Lady*), estava a par do segredo. E quando o Juiz Murphy saiu do seu escritório para ir fazer o seu exame médico anual, deu a aliança de casamento à Miss Bumgardner para que a guardasse. Ela deveria garantir que a aliança estaria lá quando ele e a sua noiva estivessem no altar alguns dias depois.

O casamento estava marcado para 24 de julho de 1949, no Michigan.

O que aconteceu a seguir é contado por Eleanor Bumgardner (agora Sra. Frank Wright). Ela diz:

O Juiz Murphy tinha ido para o hospital para o seu exame anual em julho de 1949 e, poucos dias depois disso, pretendia casar com Joan Cuddihy. Ele nunca tinha sido casado antes e queria evitar publicidade.

Jeane Dixon e eu éramos amigas e convidei-a para almoçar no escritório no Supremo Tribunal. Na verdade, ela estava sentada na cadeira do Juiz Murphy

quando lhe disse que ele estava no hospital para um exame de rotina e que ele e a Joan iam casar na semana seguinte.

"Oh, eles nunca se casarão", disse a Jeane.

"Oh, sim, casarão", respondi eu. "Tenho a aliança na minha mala e vou levá-la comigo para o Michigan."

Mas a Jeane insistiu da mesma forma que o Juiz Murphy nunca casaria.

Mais tarde, durante o almoço, ela previu que alguém querido para mim faleceria subitamente em poucos dias e que eu deveria estar preparada para o choque. Assegurou-me que não era o meu pai nem qualquer parente. Também me disse que eu teria um novo cargo. Eu disse-lhe que não trabalharia para mais ninguém senão para Frank Murphy.

"Trabalhará", disse ela. "É um cargo maravilhoso."

Bem, claro, eu deveria ter juntado as peças e percebido o que ela queria dizer quando foi tão enfática em que o Juiz Murphy nunca chegaria a casar.

Eu disse: "Gosto de si, mas está errada em relação a tudo."

Mas ela estava absolutamente certa. Em menos de duas semanas, tudo o que ela disse tinha-se tornado realidade. Frank Murphy nunca saiu do hospital. Embora tenha passado no exame, morreu subitamente a 19 de julho de 1949. E fomos ao seu funeral — no dia marcado para o seu casamento.

E como a Jeane previu, consegui um novo cargo; como secretária executiva itinerante para todos os nove juízes.

Quando percebi que tudo o que ela previu se tornou realidade, fiquei atónita. E não duvido dela desde então.

Eu estava a planear ir para o estrangeiro no verão de 1961 e a Jeane disse-me: "Não vá no mesmo avião que Dag Hammarskjöld." Ele era então secretário-geral das Nações Unidas.

Eu estava na Europa a 18 de setembro desse ano, quando li que Hammarskjöld tinha morrido num acidente de avião. A Jeane disse-me mais tarde que teria sido inútil tentar avisar Hammarskjöld, porque ele teria ignorado o seu aviso.

Depois de o seu primeiro livro, *A Gift of Prophecy*, ter saído em 1965, por vezes viajei com ela para os vários locais onde ela autografava exemplares do seu livro. Fazia isto apenas como amiga para lhe fazer companhia.

Lembro-me de que num local, um jovem estava afastado da longa fila de pessoas à espera de terem os seus livros autografados pela Jeane. E continuava a dizer em voz alta: "Não acredito. Não acredito que ela me possa dizer nada."

A Jeane pegou na mão dele, olhou para ela e disse: "Posso dizer que já foi casado duas vezes e divorciado duas vezes e a culpa foi sua em ambas as vezes."

Ele olhou para ela com espanto. Depois disse: "Tem razão."

A Jeane tinha previsto muitas vezes que eu teria um casamento tardio na vida e cada vez que me via com um acompanhante dizia: "Ele não é o tal."

Quando conheceu pela primeira vez o Frank Wright comigo, segredou-me excitada: "Ele é o tal."

O Sr. Wright e eu casámo-nos a 29 de dezembro de 1966 — e somos muito felizes juntos.

Naturalmente, tendo conhecido a Jeane antes da Segunda Guerra Mundial e tendo ouvido ela fazer tantas previsões extraordinárias que se tornaram realidade, estou completamente convencida dos seus poderes.

Jeane Dixon responde às minhas perguntas

Brian: Como soube que o Juiz Murphy morreria poucos dias antes do seu casamento planeado?

Jeane Dixon: A Eleanor e eu estávamos no escritório dele. O retrato dele estava lá pendurado e eu sentei-me lá e a Eleanor disse: "Ele vai casar daqui a uma semana no sábado. Tenho a aliança." Eu disse: "Ele nunca porá o anel no dedo de Joan" — porque eu estava a captar o canal do destino dele. E quando é destino, acontece. Estava pré-ordenado que o Juiz Murphy nunca casaria.

Brian: E quando disse à Eleanor que alguém próximo dela ia morrer, referia-se ao Juiz Murphy?

Jeane Dixon: Claro que sim, mas não lho quis dizer. Eu disse: "Irá mudar a sua vida inteira." Isso é destino, e no destino, isso é pré-ordenado. Nós não mudamos isso.

Brian: O que a fez pensar que o Frank Wright era o homem certo para ela?

Jeane Dixon: Eu disse-lhe: "Esse é o homem." Através das vibrações soube que haveria harmonia ali. E os outros homens eram errados para ela e ela era errada para eles. Há uma harmonia que existe ou não existe. O dinheiro não a pode pôr lá se não existir. Há uma lei da harmonia no universo e não podemos mudar essa lei. É a lei de Deus.

Brian: Como soube que o jovem na loja tinha sido casado e divorciado duas vezes?

Jeane Dixon: Estava a captar o canal do destino daquele jovem. Há alturas em que nasce o primeiro bebé, eu posso tocar nos dedos desse bebé e dizer quantas vezes o bebé vai casar.

Este é o testemunho de Ivy Baker Priest, que foi tesoureira dos Estados Unidos durante nove anos. A entrevista foi a 3 de outubro de 1972, quando ela era tesoureira do estado da Califórnia.

A primeira vez que vi Jeane Dixon foi durante a Segunda Guerra Mundial. Ouvi-a falar para um grupo de mulheres em Washington e gostei imenso dela. Fiquei tão interessada no seu discurso e, depois, fui conhecê-la e dizer-lhe o quanto tinha gostado. E depois conversei com ela.

Sabe, com algumas pessoas parece que as conhecemos desde sempre, e ela e eu parecemos dar-nos bem e, a partir daí, fomos simplesmente muito boas amigas.

Havia um sentimento mútuo de nos conhecermos há muito tempo.

Eu estava a almoçar com a Jeane em Washington, D.C., em 1949 e ela disse que Richard Nixon seria um dia Presidente dos Estados Unidos. Ora, nessa altura Richard Nixon tinha feito um trabalho maravilhoso como congressista, mas eu nunca tinha ouvido ninguém sequer sugerir que ele alguma vez seria Presidente.

Teria sido praticamente impossível para qualquer especialista político escolhê-lo para a presidência. Mas a Jeane tinha a certeza.

E não havia dúvida na minha mente de que ela estava a usar o seu talento psíquico ao fazer essa previsão.

Ela repetiu a previsão para mim em 1953, porque eu tinha-lhe perguntado sobre isso novamente, e ela disse que manteria a sua previsão original.

O meu aniversário e o aniversário de uma boa amiga eram no mesmo dia, por isso costumávamos combinar e fazer uma festa de aniversário única. E Jeane Dixon estava lá, uma boa amiga de ambas. E alguém disse: "Tem alguma previsão para as aniversariantes?"

E a Jeane disse: "Bem, a Ivy vai escrever um livro."

Foi a primeira vez que soube disso. Eu não tinha absolutamente nenhuma intenção de escrever um livro. Mas escrevi mesmo a minha autobiografia cerca de um ano e meio depois disso e foi publicada em 1958.

Brian: É possível que o facto de Jeane Dixon dizer que ia escrever um livro a tenha encorajado a fazê-lo?

Sra. Priest: Não, de todo. Porque não voltei a pensar nisso. Depois, um dia, quando estava em Nova Iorque, um dos editores da McGraw-Hill contactou-me — eu estava a almoçar com um amigo deste editor — e foi-me pedido para escrever um livro.

Eu disse: "O quê! Eu, escrever um livro? Olhe, eu nem sequer consigo assinar o meu nome com qualquer grau de arte. Como espera que eu escreva um livro? Além disso, sobre o que escreveria eu?"

Ele disse: "Achamos que tem uma carreira muito interessante. Uma rapariga que vem de uma cidade mineira num pequeno estado lá em Utah e que acaba por ser tesoureira dos Estados Unidos. Achamos que há uma história. E achamos que deve escrevê-la."

Na altura nem me recordei da pequena observação da Jeane no aniversário de que "a Ivy vai escrever um livro".

Só quando começámos a avançar no livro é que isso me voltou à mente: ela disse que eu ia escrever um livro e aqui estou eu a escrever um livro.

Da Sra. Priest, fui ter com a Sra. Dixon para lhe perguntar por que sentiu, vinte e um anos antes de acontecer, que Nixon seria um dia Presidente.

Jeane Dixon: Eu não senti, eu sabia que ele seria Presidente dos Estados Unidos um dia e tinha muita certeza. Tive a minha primeira conferência de imprensa internacional em 1949 e perguntaram-me sobre um jovem no Capitólio chamado Richard Nixon. Será que ele chegaria a ser alguém? Ele era tão pró-Americano e anticomunista, será que chegaria a ser alguém? Ele era apenas um jovem congressista na altura, creio, em 1949, e ninguém tinha ouvido falar do homem. E eu não obtive a resposta imediatamente. Pedi-lhes que por favor me deixassem meditar, e depois a minha resposta foi — e a Ivy Baker Priest lembra-se disto porque eu lhe contei — que um dia Richard Nixon seria Presidente dos Estados Unidos, porque a vida dele era uma vida de destino, e o destino não pode ser negado.

Lembrem-se, eu tinha meditado e obtido o canal dele — o seu canal de ser. Vejam, somos todos criados por uma razão, para uma missão, para um propósito: na verdade, a missão dele aqui era ser Presidente dos Estados Unidos.

Mesmo depois de ele ter perdido a corrida presidencial de 1960 para John Kennedy, e depois de ter perdido a eleição para governador da Califórnia, a

minha crença no seu destino nunca vacilou. E eu disse às pessoas: "Ninguém, mas ninguém, o vai mudar."

"Disse a FDR que ele tinha menos de seis meses para concluir o seu trabalho"

O Presidente Franklin Roosevelt consultou Jeane Dixon na Casa Branca?

Em *A Gift of Prophecy*, Jeane Dixon conta como foi marcado um encontro para ela ver o Presidente Roosevelt numa manhã de quinta-feira em novembro de 1944. A Sra. Dixon diz que o Presidente, então um homem doente, lhe perguntou quanto tempo lhe restava e ela tocou nas pontas dos seus dedos e disse-lhe "menos de seis meses". Ela também diz que lhe previu que os Estados Unidos seriam aliados da Rússia contra a China. Ele convidou-a à Casa Branca uma segunda vez, diz ela, em janeiro de 1945. E nessa altura ela disse-lhe que lhe restava muito pouco tempo. Ele morreu a 12 de abril de 1945.

Essas visitas não foram mencionadas em livros sobre ou pelo Presidente Roosevelt, nem em nenhuma das memórias ou diários publicados de pessoas que lhe eram próximas.

Falei com a sua secretária, Grace Tully, que diz não ter marcado nenhum dos encontros. Outra secretária, Roberta Barrows, disse que ocasionalmente, quando as coisas estavam difíceis nos dias do "Sr. Hitler", o Presidente Roosevelt dizia "deitem-me as cartas". E alguém lia as cartas. Mas, insiste ela, era feito de forma leve para o animar e que ele não levava isso a sério. A Miss Barrows não sabia das visitas de Jeane Dixon, mas diz que "muita gente entrava pela porta das traseiras".

Estelle Friedrichs, assistente administrativa de Franklin Roosevelt, recorda um dos dias em que Jeane Dixon viu o Presidente Roosevelt. A Sra. Friedrichs trabalhava na Casa Branca na altura.

Estelle Friedrichs diz:

Eu não marquei o encontro para a Jeane, mas estive com ela na noite do dia em que ela viu o Presidente Roosevelt. Então ela simplesmente fechou os braços e disse: "Oh, Mikey, se tu soubesses quem eu vi hoje, não acreditarias!" Mais tarde tive razões para acreditar. Entre outras coisas, ela descreveu o escritório dele com precisão e eu conhecia-o tão bem que podia andar por lá a dormir.

Brian: Parece não ter havido nenhum registo oficial das visitas dela.

Friedrichs: Ele dificilmente quereria que o mundo soubesse que estava a chamar uma vidente. É compreensível que ele quisesse manter isso como um segredo profundo e obscuro.

Brian: Os Serviços Secretos teriam de conhecer cada visitante que ele recebia?

Friedrichs: Não, nem sempre tinham de ser informados.

Discuti isto com Grace Tully, secretária do Presidente Roosevelt, e ela não recorda de alguma vez ter marcado um encontro para a Sra. Dixon visitar o Presidente Roosevelt — e não conseguia compreender como Jeane Dixon poderia ter falado com ele sem ela saber.

Friedrichs: Talvez a Grace Tully estivesse a almoçar ou de férias quando aconteceu. Sabe, as pessoas veem o Presidente sem marcações oficiais. Lembro-me de estar na antecâmara da Sala Oval da Casa Branca com um rapaz jovem quando uma porta se abriu e lá estava o Presidente Truman. E o rapaz, para seu espanto, foi apresentado ao Presidente Truman, que o levou para o seu escritório e lhe deu uma caneta.

Daniel St. Albin Greene, um escritor do *The National Observer*, falou com muitos membros da família Roosevelt, nenhum dos quais recorda ter ouvido o Presidente mencionar as visitas de Jeane Dixon.

Friedrichs: Recordo-me de ter lido algures que o Elliott disse que o pai lhe tinha mencionado isso. Só porque a Grace Tully e a família Roosevelt não têm conhecimento do encontro com Jeane Dixon, não significa que não tenha acontecido.

Naquela altura, o meu cargo era de assistente administrativa júnior do Presidente. Mas eu era uma "rapariga para todo o serviço" (*Girl Friday*).

[Continuo a questão das visitas da Sra. Dixon a FDR no Capítulo 25.]

Do seu encontro em Washington, D.C., durante a Segunda Guerra Mundial, Jeane Dixon e Estelle Friedrichs (apelidada de Mike) viriam a tornar-se boas amigas. E a Sra. Friedrichs consegue lembrar-se de muitas vezes em que Jeane Dixon demonstrou capacidade psíquica. Por exemplo:

Friedrichs: Certa vez a Jeane ligou-me para dizer que tinha recebido um telegrama de uns amigos dela que tinham um cavalo que ia correr no Derby de Kentucky. Lembro-me de estar ali ao telefone e ela disse: "Mike, tenho de responder ao telegrama, mas não sei como responder. Não lhes quero dizer, porque não vejo aquele cavalo a ganhar a corrida."

E eu disse: "Jeane, já que não percebes muito de corridas de cavalos, vou dizer-te isto: os cavalos chegam em primeiro, segundo ou terceiro. Isso é ganhar (*win*), lugar (*place*) ou mostrar (*show*)."

E ela disse: "Oh, é isso! É segundo. Vejo dinheiro à volta dele — o cavalo ficará em segundo."

Esse foi o Derby de Kentucky de 1953, e o cavalo, *Native Dancer*, o favorito e anteriormente invicto, chegou em segundo.

Eu trabalhava para David K. Niles, em grupos minoritários, imigração, pessoas deslocadas e coisas do género, além do meu trabalho regular. Fiquei durante todo o mandato do Presidente Truman.

Por volta do final de janeiro de 1956, foi-me oferecido um emprego como secretária de Jiggs Donahue, um advogado de Washington. Ele era o diretor de campanha de Estes Kefauver e perguntei à Jeane se devia aceitar o emprego. E ela disse: "Sim, claro que deves. Mas digo-te já que Kefauver não conseguirá a nomeação para a presidência. A lista Democrata será Stevenson-Kefauver, mas eles não ganharão a eleição."

De facto, o dia 26 de abril de 1956 era o meu décimo terceiro aniversário de casamento e convidei todo o grupo do Kefauver para minha casa e a Jeane leu para o Kefauver nessa altura. Ela disse-lhe que ele não conseguiria a nomeação, tenho a certeza. Ele continuou a lutar e a esforçar-se. Mas eu sei que ela passou cerca de uma hora a ler para ele nessa noite.

Sabe aqueles pequenos cartões de oração que a Jeane tem? Ela disse: "Põe isto na tua mala." Agora esqueci-me de qual era a data porque o levava na mala e alguém me roubou a mala, mas nela ela escreveu: "Não sei o que significa, mas tudo o que consigo ver é MIRV."

E anos depois disso foi quando surgiu o veículo de reentrada de alvos múltiplos independentes (*multiple independently targeted re-entry vehicle*). Eu tinha um registo deste MIRV vários anos antes de ele surgir. E tinha-o guardado na minha mala todo aquele tempo e, quando falava às pessoas sobre a Jeane, dizia: "Esperem. Algum dia verão o que significa MIRV." Bem, metade das pessoas não acha que alguém consiga ver tão longe, ou saber essas coisas. Naquela altura a Jeane também não sabia o significado. Mas ela tem-no. Ela está em cima do acontecimento (*She has it on the ball*). E não sei como ela se contém, parece tão calma. Eu perderia a cabeça.

Quando regressei a Washington na primavera de 1964, liguei à Jeane do centro da cidade. Disse: "Jeane, posso almoçar contigo?" Ela disse: "Se queres

almoçar comigo, encontra-me no aeroporto. Vou voar para Boston para uma comparência na rádio."

Então fui até Boston e sentei-me na cabine com ela na estação de rádio e o público telefonava e fazia perguntas. Mais tarde, quando saímos de lá e íamos a ser conduzidos pela zona de Boston onde tinha sido selecionado um local para a Biblioteca do Presidente Kennedy, ela disse: "Oh meu Deus, algo terrível vai acontecer aos Kennedys novamente. Será o Bobby ou o Teddy."

Bem, naquela altura, creio eu, o Bobby não era muito popular e eu disse: "Espero que não seja o Teddy." Ela segurou firmemente a minha mão, olhou-me diretamente nos olhos e disse enfaticamente: "**Será o Teddy.**"

Não passou um mês ou pouco mais até o acidente de avião acontecer. [As costas de Edward Kennedy foram quebradas quando o seu avião se despenhou a 19 de junho de 1964.]

Brian: Se Jeane Dixon lhe dissesse alguma coisa sobre o futuro, acreditaria piamente?

Friedrichs: Com certeza que sim.

Brian: Nunca iria contra isso?

Friedrichs: Não, porque... quero dizer, quem é 100 por cento? Mas a Jeane, para mim, tem este poder. E vi-a passar por muitas lutas. Estive com ela quando senti pena dela, mais do que das pessoas que ela estava a tentar ajudar. Mas acredito plenamente na capacidade dela.

"Uma bola de prata circulará a terra"

Martha Rountree: Repórter de Televisão

O cliché é que os repórteres são céticos endurecidos de Missouri. O facto é que os repórteres surgem em todas as formas e tamanhos psicológicos. E se três repórteres veem um acidente, eles — como outros seres humanos — relatam-no de forma diferente. O equipamento humano é propenso a distorcer.

Muitos repórteres, de facto, foram enganados, caíram em milagres fabricados e imprimiram como facto o que acabou por ser ficção. Pensando bem, é mais provável que um repórter queira que um mistério seja genuíno, que um milagre seja plausível — porque isso dá uma história melhor.

E mesmo que, após investigação posterior, o evento acabe por ser o produto de um vigarista, ou de uma vidente iludida, ou de um adolescente à procura de rir, o repórter ainda triunfa, porque pode demonstrar aos seus leitores e ao seu editor que, através da sua perceção e persistência, a verdade acabou por

prevalecer. Isto serve apenas para enfatizar que, pelo facto de um repórter atestar que um evento é um facto, isso não o torna um facto.

Por outro lado, em quem se pode confiar?

Martha Rountree, uma autoproclamada "repórter de televisão direta e terra-a-terra", neta de um pregador batista e mãe de duas filhas adolescentes, é uma testemunha tão boa quanto se pode arranjar — tirando J. B. Rhine ou os membros do comité da Sociedade Americana de Pesquisa Psíquica.

Aos nove anos Martha Rountree escreveu a sua primeira história e intitulou-a "*This Crazy World*". Os seus encontros com Jeane Dixon confirmaram as suas visões precoces.

Martha (Sra. Oliver Presbrey) Rountree fez o seu nome como fundadora, produtora e moderadora de programas de TV como "*Meet the Press*", "*Washington Exclusive*" e "*Press Conference*", nos quais explorava com cientistas e senadores assuntos de consequência mundial.

Falei com a Sra. Rountree várias vezes entre novembro de 1972 e abril de 1974.

Martha Rountree: Jeane Dixon tem um jeito invulgar de ser capaz, quando está suficientemente perto de uma pessoa, de sentir as coisas. Acho que sou vidente. Acho que todas as mulheres são, sabe. O meu problema é que, quando olho para trás, sei exatamente o que deveria ter feito. Mas ela sabe sempre com antecedência.

Brian: Lembra-se da primeira previsão de Jeane Dixon que a impressionou?

Rountree: Ela disse-me que achava que o Oliver, o meu marido, era o tipo certo para mim, e que eu devia casar com ele. Eu estava noiva de outra pessoa com milhões. Mas tivemos uma vida feliz. Não a trocaria por um milhão de dólares. Ele tem sido maravilhoso para mim. O nosso casamento tem sido feliz e temos duas filhas maravilhosas.

Brian: Ela alguma vez lhe fez alguma das suas famosas previsões, pessoalmente?

Rountree: Eu fiz a primeira festa de Washington que foi televisionada pela NBC. [14 de maio de 1953.] Jeane Dixon estava lá e Joseph Davies, antigo Embaixador na Rússia. Estávamos sentados à volta de uma mesa e falávamos sobre os militares com um par de militares e foi nessa altura que a Jeane profetizou o primeiro *Sputnik*. Ela disse que "uma bola de prata indo para o espaço exterior, circulará a terra e voltará para a Rússia, aterrando como uma

pomba da paz na cabeça careca do homem baixo e gordo". Jeane explicou que depois de a Rússia lançar o primeiro objeto em órbita, a Rússia teria um poder enorme.

O Embaixador Davies perguntou à Jeane: "Quanto tempo será Malenkov primeiro-ministro da Rússia?"

A Jeane disse: "Ele será substituído por outro homem em pouco menos de dois anos, um homem com uma cabeça de forma oval, cabelo cinzento ondulado, uma pequena pera e olhos esverdeados."

Davies, o especialista na Rússia, estava muito cético quanto a Malenkov ser substituído pacificamente por outro líder. Disse que os líderes russos ou morrem ou levam um tiro. Não achava que ninguém fosse sair de cena.

Quando ela falava com Davies ficava muito tensa e as mãos dela estavam quase como — sabe, quando se usa os dedos para os tornar o mais tensos possível? Assim.

Eu estava cética. Leio um horóscopo. Se for bom, acredito. Se for mau, descarto-o.

Mas a Jeane tinha razão e Davies, o especialista na Rússia (que continuou cético durante todo o programa), estava errado. A Jeane disse que Malenkov seria substituído em dois anos. Ele foi substituído por Bulganin em um ano e onze meses. Ela previu a bola de prata a ir para o espaço exterior e a circular a terra. Em 1957 os russos colocaram em órbita o primeiro satélite artificial, chamado *Sputnik*. E no março seguinte o homem baixo e gordo [Khrushchev] que a Jeane descreveu, assumiu o lugar de Bulganin.

Brian: Tenho ideia de que ela a avisou para não se mudar para uma casa...

Rountree: Comprei uma casa em 1963 e a Jeane avisou-me para não me mudar para lá. Ela tinha-me implorado no final de 1963 para fazer mais seguros e, em 1964, quando eu estava pronta para me mudar e já tinha transferido todos os meus móveis, todas as nossas prendas de casamento, todos os meus livros — eu tinha 10.000 volumes, a melhor biblioteca do mundo: tudo estava naquela casa, tapetes, carpetes, pratas...

A Jeane disse-me: "Não podes ir. E se insistires — serás travada! Não é a vontade do Senhor."

Cada vez que ela me dizia algo ficava mesmo como alguém que vai dar um salto... como se um leopardo fosse saltar em cima de ti.

"Não o faças!" Ela é tão enérgica e eu também sou uma pessoa enérgica. Ela disse: "Não o faças. Se queres ir, não leves para lá a minha afilhada."

O facto é que ela foi tão dura comigo que me irritou e eu pensei apenas: "Oh, bem, isto é loucura."

O facto é que mudámos tudo para aquela casa e perdemos tudo. Ardeu até ao chão.

Tudo o que eu tinha que era importante para mim estava na casa, exceto o meu bebé e o meu marido. E se não fosse o facto de o meu marido estar no hospital, o meu bebé e todos nós estaríamos a viver naquela casa e teríamos morrido queimados.

A Jeane disse que eu devia mudar o fogão para uma fornalha a óleo. Eu estava no meio de fazer isso e não o tinha feito. A fornalha de carvão (*stoker furnace*) foi sobrecarregada pelo caseiro e foi isso que incendiou a casa. Era uma casa antiga que tinha sido convertida, durante a guerra, de óleo para o que chamam uma fornalha de carvão automática. E a Jeane queria que eu a tivesse reconvertido para óleo. Mas eu estava a fazer dois ou três programas de TV nacionais na altura e, embora tivesse feito preparativos para que fosse feito, eles estavam a ser lentos a fazê-lo. Era uma noite fria, um nevão, de facto. Aparentemente o caseiro exagerou e incendiou a casa e a casa de trezentos anos ardeu em chamas.

Brian: O caseiro ficou bem?

Rountree: Estava perfeitamente seguro. Vivia na casa dos rendeiros.

Lembro-me de que nesse dia fiquei ali e vi que tudo tinha desabado, as nossas chávenas de chá e porcelanas, o meu cristal dos meus avós, prendas de casamento. Só ficaram três chaminés de pé. Tenho as fotografias disso. É a coisa mais macabra que alguma vez viu.

Derramei lágrimas e fiquei com gelo na cara. E tudo o que conseguia recordar era a Jeane a dizer: "Não leves a minha afilhada [a filha de Martha Rountree] para lá! Se queres ir e ser tola, não o faças! Não te quero naquela casa! Tenho a certeza de que ainda não está bem. Tens de fazer o que eu digo!"

Se não tivéssemos ouvido os avisos da Jeane e nos tivéssemos mudado para a casa, a minha filha teria morrido queimada. Disseram-me que o fogo... não o poderíamos ter parado. Ardeu como papel. Nenhum de nós poderia ter escapado. Começou na cave da casa, com trezentos anos, um lar lindo. Não poderíamos ter saído de lá...

Faço notas tontas. Não guardo um diário mas faço notas porque falei com pessoas famosas ao longo da minha vida e escrevo notas e guardei-as porque, quando olho para trás, são muito importantes. A Jeane disse-me sempre que, não importava o que eu tentasse fazer, não conseguiria reformar-me e ir para o campo; que eu pertencia ao público. E é tão verdade.

Tudo o que fiz... aceitei um contrato para fazer uma série distribuída em Nova Iorque e ia ganhar 5.000 dólares por semana. Finalmente assinei os contratos e contratei todas as pessoas e a distribuidora faliu e eu fiquei presa com aquilo.

Regresso a Washington, vou para o campo, aceito um adiantamento de 20.000 dólares de uma editora para escrever um livro e vou escrever o meu livro. Pedem-me para fazer este discurso em San Antonio, Texas, perante 3.400 delegadas de clubes de mulheres e, de repente, rasgo o meu discurso... percebo que tenho de fazer algo depois de ler os jornais. Mudo o meu discurso e levanto-me e digo: "Precisamos de quarenta milhões de mulheres para salvar o mundo." Elas votam unanimemente para o fazer. E é isso que estou a fazer.

E a Jeane Dixon tinha-me dito o tempo todo: "Tudo o que tentares fazer para a Martha correrá mal. Tu pertences ao público."

É por isso que a minha casa ardeu, é por isso que a distribuidora faliu. Tive de devolver o dinheiro à editora. Fiquei comprometida com isto. [*Leadership Foundation*.]

Gostava de ter um jardim, gostava de escrever um livro... mas cada vez que tentei fazer algo [para si mesma] — e ofereceram-me somas fabulosas de dinheiro para fazer coisas — parto a perna, a casa arde, a distribuidora vai à falência. Neste momento, acho que estou a fazer o que é suposto fazer, como chefe da *Leadership Foundation*.

Cada vez que tentei fazer algo que trouxesse ganho pessoal para a Martha — tive uma tragédia que me impediu de o fazer.

Brian: Passou de cética a crente?

Rountree: Acredito mesmo que a Jeane tem estas premonições ou previsões estranhas e misteriosas, não sei como lhes chamaria. Eu própria fui criada como neta de um ministro batista; sempre achei que ser vidente era senso comum, mas a Jeane apareceu com algumas coisas bizarras, acredite em mim. Ela tem os seus inimigos... mas não se pode ser bem-sucedido sem fazer inimigos, não inimigos pessoais mas pessoas que têm inveja, e por isso querem desvalorizá-la. Mas eu acho, e todos temos os nossos defeitos... mas eu sei que Jeane Dixon é misteriosa. Ela assusta-me às vezes.

Acho que deve dizer, em toda a justiça para comigo: passei vinte e sete meses a reunir milhões de mulheres neste país para se juntarem num esforço concertado para mudar as coisas que estão a quebrar todas as nossas tradições e a arruinar o clima moral do nosso país. Estou a gastar todo o meu dinheiro e tempo nisso e se a Jeane Dixon me dissesse para fazer mais seguros agora, eu diria: "Ótimo, onde é que arranjo o dinheiro?"

Mas a Jeane provavelmente seria capaz de me dizer isso também.

27 de novembro de 1972

Brian: Lembra-se de avisar Martha Rountree para não se mudar para a casa dela?

Jeane Dixon: Liguei-lhe. Era uma manhã fria. Havia gelo e neve, e apanhei um táxi e fui à casa dela. E disse à Martha e à secretária dela: disse: "Martha, por favor não vás. E se fores, faz mais seguros para a tua casa, mas por favor não vás agora." Ela disse: "Tratarei do seguro amanhã." Eu disse: "Amanhã será tarde demais." Eu disse: "Se tens de ir — mas por favor não vás, porque vejo apenas esta grande perda para ti."

Quando fechei os olhos conseguia ver e sentir... eu simplesmente vivi tudo. Por outras palavras, foi como viver a coisa toda. Aquilo foi uma espécie de destino.

Brian: É-lhe possível recordar como o *Sputnik* lhe veio à mente?

Jeane Dixon: Isso foi muito, muito fácil. Estava sentada à direita do antigo Embaixador Joseph Davies e a Sra. Merriweather Post estava sentada à esquerda dele e a Martha Rountree estava à minha direita. E Davies perguntou-me: "Quanto tempo ficará Malenkov no poder?" E imediatamente captei que Malenkov estaria menos de dois anos. E tive uma imagem em tecnicolor do Bulganin. Depois disse: "O homem baixo." Obtive as letras Kru e as letras chev no final. Disse: "Eles vão lançar"... e descrevi como uma bola de prata a ir para o espaço exterior. Disse que os russos iam procurar força militar no espaço exterior, seguida pelo MIRV, ao qual chamei "o torpedo do céu". Veja, os russos não mudaram os seus planos. Eram os pensamentos deles, e isso é telepatia.

Brian: Estava a obter essa informação de alguns dos líderes russos, por telepatia?

Jeane Dixon: Isso é captá-la do ar. Mas lembrem-se, eles tinham grandes e potentes equipamentos de receção da NBC em camiões grandes. Agora, talvez, apenas talvez, eles estivessem a atrair essas coisas [pensamentos] naquela altura em particular. Depois, quando ele quebrou o meu canal [Davies interrompeu-a],

ele desapareceu [o elo telepático] e nunca mais fui capaz de o recuperar. O céu sabe quanto mais eu teria obtido; repreendi o Davies por quebrar o meu canal.

"Alguém vai alvejar o Presidente"

Jeane Dixon tenta salvar o Presidente Kennedy

As Testemunhas: Jack Anderson Lorene Melton Dr. F. Regis Riesenman Eleanor Bumgardner Wright Jeane Dixon Estelle Friedrichs Grace Tully Sra. Harley Cope

Quando John F. Kennedy se tornou o trigésimo quinto Presidente dos Estados Unidos, os Serviços Secretos tinham os nomes de 50.000 pessoas "perigosas" no seu ficheiro de cartões, qualquer uma das quais poderia tentar matá-lo. Três antigos Presidentes tinham sido assassinados — Lincoln, Garfield e McKinley. Theodore Roosevelt foi baleado no peito, e tanto o Presidente Franklin Roosevelt como o Presidente Truman escaparam por pouco de atentados contra as suas vidas. Não havia dúvida de que o Presidente Kennedy estava a entrar numa ocupação de alto risco.

Um mês antes da viagem fatal de Kennedy ao Texas, Adlai Stevenson testou o clima emocional. Foi a Dallas a convite da Associação das Nações Unidas da cidade. Foi empurrado, vaiado e cuspido por manifestantes anti-Nações Unidas, e uma mulher bateu-lhe com um cartaz. Stevenson, que à chegada tinha dito: "Acredito no perdão do pecado e na redenção da ignorância", limpou agora sombriamente a cuspidela da cara e perguntou: "Estes são seres humanos ou são animais?"

Kennedy leu sobre o incidente nos jornais da manhã seguinte e pediu ao assistente especial Arthur Schlesinger para telefonar a Stevenson: "Dá-lhe a minha simpatia e diz-lhe que achámos que ele foi fantástico." Enquanto falavam ao telefone, Stevenson disse a Schlesinger que a atmosfera em Dallas era assustadora e achava que talvez o Presidente devesse ser aconselhado a manter-se afastado. Antes que Schlesinger pudesse mencionar isto ao Presidente, Stevenson ligou de volta e disse que seria alheio ao caráter de Kennedy cancelar a visita devido ao envolvimento de perigo físico.

Três semanas depois, a 14 de novembro de 1963, Kennedy mostrou o seu desprezo pela cautela ao conduzir de Idlewild para Manhattan sem uma escolta de batedores. Ele gostou da viagem. A polícia e os Serviços Secretos ficaram menos entusiasmados.

Cinco dias mais tarde, a secretária de Kennedy, a Sra. Evelyn Lincoln, discutia detalhes da viagem a Dallas com ele. Mencionou o pressentimento do

seu marido de que ele se devia manter afastado do Texas. Disse Kennedy: "Se me quiserem apanhar, apanhar-me-ão mesmo na igreja."

Nesse mesmo dia, o secretário de imprensa de Kennedy, Pierre Salinger, abriu uma carta de uma mulher de Dallas e leu: "Não deixe o Presidente vir aqui baixo. Estou preocupada com ele. Acho que algo de terrível lhe vai acontecer." Salinger respondeu à carta: "... seria um dia triste para este país se houvesse alguma cidade nos Estados Unidos que ele não pudesse visitar sem medo de violência. Estou confiante de que o povo de Dallas o saudará calorosamente."

Mas alguém tinha mais do que medo de que a visita de Kennedy a Dallas lhe custasse a vida — e essa pessoa, de acordo com as testemunhas, era Jeane Dixon. Ela, dizem elas, estava convencida disso. Durante semanas tinha estado a tentar persuadir pessoas com contactos na Casa Branca a dizerem-lhe para não ir para o sul. Logo em 1952, quando Kennedy era um congressista de trinta e cinco anos de Massachusetts, Jeane Dixon, dizem as testemunhas, tinha previsto tanto o seu maior triunfo como a sua morte violenta.

Qual é a prova?

De acordo com a Sra. Dixon, ela estava prestes a rezar diante de uma estátua da Virgem Maria na Catedral de St. Matthew em Washington quando teve a visão de um homem alto, de olhos azuis e cabelo castanho, de pé em frente à Casa Branca. Ela sentiu que ele era um Democrata, que seria eleito Presidente em 1960 e morreria violentamente no cargo.

O colunista de jornal Jack Anderson registou pela primeira vez a previsão após entrevistar Jeane Dixon, na sua coluna na revista *Parade* em 1956. Recordou-a quando escreveu na *Parade* de 12 de janeiro de 1964: "Há oito anos, a Sra. Jeane Dixon olhou intensamente para a sua bola de cristal e focou-se nos anos 60. A *Parade* tinha-a convidado para prever o futuro, para vaticinar, entre outras coisas, o resultado da eleição presidencial de 1960. As nossas notas desbotadas, desenterradas dos ficheiros, mostram que ela respondeu: 'Ele será um Presidente azarado'. O resto da resposta foi publicado na nossa edição de 13 de maio de 1956: 'Quanto à eleição de 1960, a Sra. Dixon pensa que será vencida por um Democrata. Mas ele será assassinado ou morrerá no cargo, embora não necessariamente no seu primeiro mandato'."

Em 1959, Jeane Dixon disse a um proeminente político comunista de um país da Cortina de Ferro (eu sei quem ele é e falei com ele, mas prometi não revelar a sua identidade) que o próximo Presidente seria Kennedy e que ele seria morto. Isto foi numa altura em que, de acordo com Pierre Salinger no seu livro *With Kennedy*, muitas pessoas com longa experiência política achavam insano acreditar que Kennedy seria Presidente.

A eleição de Kennedy em 1960 verificou metade da previsão de Jeane Dixon. O sentimento que ela tinha de que ele estava condenado era algo que Jeane Dixon não conseguia afastar, e ela confidenciou os seus medos aos que a rodeavam.

Os críticos dizem que muitos videntes e astrólogos previram o assassínio de Kennedy. Outros apontam que, sendo a presidência um cargo perigoso, a previsão dela foi apenas um palpite fundamentado. Mas os seus apoiantes afirmam que a profecia da Sra. Dixon foi muito mais do que um palpite, e a prova deles é a seguinte:

A secretária de Washington, Sra. Lorene Melton (que também prestou o testemunho que aparece no Capítulo 9):

Lembra-se do bebé Kennedy que morreu? [8 de agosto de 1963.] Bem, a Sra. Dixon tinha previsto a morte do Presidente Kennedy e, quando ouvi na rádio que o bebezinho tinha morrido, liguei à Jeane nessa manhã e contei-lhe a notícia que tinha ouvido no "*Today Show*" e disse: "Talvez seja essa a morte que vê na família Kennedy. Acha que poderia ser isso?" E ela disse: "Não, Lorene. O que eu vejo vai acontecer ao próprio Presidente e ele não o pode evitar."

O Psiquiatra F. Regis Riesenman:

Um mês antes de o Presidente Kennedy ser baleado, a Sra. Dixon disse-me: "Não falta muito agora. Ele provavelmente morrerá no seu primeiro mandato."

Eleanor Bumgardner Wright, anteriormente secretária executiva do Juiz do Supremo Tribunal Frank Murphy e assistente da irmã do Presidente Kennedy, Eunice Shriver (a Sra. Wright também prestou o testemunho que aparece no Capítulo 3):

Não muito tempo antes de o Presidente Kennedy ser baleado, a Jeane e eu íamos a conduzir para jantar juntas no seu restaurante favorito, o Mrs. Kay's. Ela nunca anda devagar quando está ao volante. Mas nessa noite ela ia a passo de caracol. Eu disse: "Jeane, por que estás a conduzir tão devagar?"

E ela disse: "Tudo o que consigo ver é o caixão sobre a Casa Branca."

Durante o jantar ela não comeu e eu disse: "Não tens fome? Por que não estás a comer? É a tua comida favorita e o teu restaurante favorito."

A Jeane disse novamente: "Tudo o que consigo ver é o caixão sobre a Casa Branca."

Ela estava muito perturbada — para o que é habitual na Jeane. Ela não se enerva, sabe. Conhecendo-a há tanto tempo, nunca a vi demonstrar qualquer irritação ou perder realmente a calma.

No dia seguinte, domingo, liguei para o seu escritório imobiliário. Ela disse que o Presidente Kennedy seria morto em poucos dias. Ofereci-me para contactar a Eunice Shriver, mas a Jeane disse: "Não te preocupes. A Kay Halle está a falar com um membro da família." Fiquei aliviada, porque a esta altura estava bastante convencida dos poderes da Jeane e achei importante que alguém fosse contactado e avisado.

Jeane Dixon recorda-se de falar com Kay Halle, uma amiga dos Kennedy:

Eu disse-lhe: "Kay, poderias ir à Casa Branca e interceder por mim? Diz ao Kennedy para não fazer uma viagem ao Sudoeste."

A Kay disse: "Que viagem ao Sudoeste? Ele não vai fazer nenhuma viagem."

Eu disse: "Sim, consigo sentir que há planos feitos para uma viagem ao Sudoeste e poderá ser Dallas."

A Kay Halle foi mesmo à Casa Branca falar por mim e, quando lá chegou, viu que eles eram uma família tão feliz que disse: "Simplesmente não lhes consegui dizer. Apenas rezei para que tu estivesses errada." Ela amava-os tanto quanto eu e a Kay conhecia o Jack Kennedy desde que ele era bebé. Ela tem sido uma amiga muito próxima do pai e conhece a Rose Kennedy também.

Estelle Friedrichs, assistente administrativa na Casa Branca durante as administrações Roosevelt e Truman (ver também Capítulo 5):

Lembro-me distintamente. Nove dias antes do assassínio, a 13 de novembro de 1963, eu e o meu marido estávamos a partir no dia do aniversário dele para passar o inverno na Flórida. Lembro-me da Jeane me dizer: "Conheces a secretária do Kennedy, a Evelyn Lincoln?" E eu disse: "Não, não conheço." Ela disse: "Conheces a Grace Tully?" Eu disse: "Sim, jantei com a Grace Tully ontem à noite." E a Jeane disse: "Vai ter com a Grace Tully e diz-lhe para dizer ao Presidente para não ir ao Sul. Ele será assassinado."

Eu disse: "Queres dizer à América do Sul?" — porque naquela altura estavam a atirar tomates às nossas pessoas.

A Jeane disse: "Oh, não. América do Norte. Lá em baixo, no sul dos Estados Unidos. Diz à Grace Tully para dizer ao Presidente Kennedy para não ir, que ele será assassinado." Ora, isso foi a 13 de novembro de 1963. Por isso passei a mensagem à Grace Tully. Não sei o que ela fez com ela.

Grace Tully (entrevistada a 19 de novembro de 1972), que fora secretária particular do Presidente Franklin Roosevelt:

No sábado à noite, no jantar Democrata em Washington, eu estava sentada bastante perto da mesa de honra, onde conseguia ver o Presidente Kennedy. Queria dizer-lhe olá e perguntar como estava o pai dele. Conheci o pai dele muito bem em Washington. Foi depois de ele ter tido um derrame. Quando comecei a dirigir-me para lá, um homem dos Serviços Secretos tentou travar-me. Então fiquei apenas ali parada até que o Presidente Kennedy me viu e gritou "Grace" e estendeu a mão, e o homem dos Serviços Secretos deixou-me ir falar com ele. Perguntei-lhe pelo pai. Depois ele perguntou-me sobre a secretária que estava a usar no seu escritório.

Ele queria que eu fosse à Casa Branca dizer-lhe se era a que o Presidente Roosevelt tinha usado. Eu disse: "Por acaso vou à Casa Branca na segunda-feira." E ele disse: "Não se esqueça de ver a Sra. Lincoln." E assim fiz. E achei que a secretária não era a que o Presidente Roosevelt tinha usado.

Foi mais tarde que conheci a Jeane Dixon e estava a conversar com ela num almoço ou num jantar e a Jeane levou-me à parte — parecia bastante preocupada e estava muito ansiosa — e contou-me o seu pressentimento sobre Kennedy, e que gostaria de lhe fazer chegar uma palavra. Mas, claro, eu sei bem que não se deve incomodar os Presidentes. Mas, disse ela, talvez eu pudesse fazer chegar a palavra à Sra. Lincoln e dar-lhe a mensagem e ela poderia levá-la ao Presidente. No entanto, nunca se concretizou.

O Presidente Kennedy disse uma vez: "Se te quiserem apanhar, apanhar-te-ão." Por isso, não creio que ele tivesse dado qualquer atenção ao aviso dela, mesmo que tivesse chegado até ele.

A Sra. Harley Cope (entrevistada a 12 de março de 1973), viúva de um almirante, a viver agora em La Jolla, Califórnia:

Estava a almoçar com Jeane Dixon e outra amiga no Hotel Mayflower a 22 de novembro de 1963. Como de costume, o maestro Sidney Seidenman estava a tocar violino, liderando o trio em temas de espetáculos. Seis meses antes, a Jeane tinha-me dito que o Presidente Kennedy ia ser baleado e, três ou quatro dias antes deste almoço, disse-me que estava a chegar cada vez mais perto.

O Sr. Seidenman veio à nossa mesa, inclinou-se e disse-me muito baixinho que o Presidente tinha sido baleado. Olhei para a Jeane e — pensando no que acontecera seis meses antes, quando a Jeane tinha dito literalmente: "Alguém vai alvejar o Presidente" — eu disse: "Foi o que tu disseste." Ela tinha dito "matar" muitas vezes, mas naquele dia usou realmente a palavra "alvejar". O Sidney

disse: "Não, não creio que esteja morto, pelo que ouvi. Vou verificar." Depois ele voltou e disse: "Não, levaram-no para o hospital e estão otimistas. Ele está a receber uma transfusão de sangue."

E a Jeane ficou apenas ali sentada. Estava branca como um lençol. Ela disse: "Não, ele está morto."

O Presidente Kennedy foi baleado às 12:30 p.m., hora padrão Central, e declarado morto às 1:00 p.m. (2:00 p.m. em Washington, D.C.). O primeiro tiro na parte de trás do seu pescoço não fora fatal. Tragicamente, a força dessa bala não o projetou para a frente para o chão do carro e para a segurança. Um colete ortopédico de metal que ele usava devido a uma lesão de guerra manteve-o ereto no seu assento. O tiro seguinte, no cérebro, matou-o.

Nesse dia, Estelle Friedrichs tinha ido a um salão de beleza e, no caminho para casa, ouviu algo sobre o Presidente ter sido baleado. O marido estava à espera dela quando chegou. Ele tinha ouvido a notícia. Olhou para ela, abanou a cabeça e disse: "A Jeane tem razão outra vez."

"Senti que ele estava em contacto com Deus"

Diplomata da Cortina de Ferro e o Executivo do *Reader's Digest*

"A Jeane tem razão outra vez" foi o eco num gabinete governamental de um país da Cortina de Ferro por um dos seus altos funcionários. Segundos depois de esse político comunista ter ouvido que o Presidente Kennedy fora baleado, recordou-se de que Jeane Dixon lhe tinha previsto tal evento — e de que ele se tinha rido disso.

Se este homem fosse identificado, isso poderia comprometer a sua carreira, mas eu sei que tal homem existe; e o facto de ele ter confirmado a precisão da profecia de Jeane Dixon é verificado por Harry Morgan. Como antigo editor itinerante do *Reader's Digest*, e agora diretor do Conselho Americano para o Serviço de Nacionalidades, uma organização sediada em Manhattan que ajuda refugiados e imigrantes nos EUA a tornarem-se cidadãos, Morgan viajou muito.

Em 1970 e 1971, Harry Morgan estava a viajar na União Soviética e em vários outros países comunistas. Lá conheceu um diplomata de alto escalão.

Morgan (entrevistado a 3 de outubro de 1972) diz:

Aparentemente, Jeane Dixon tinha sido amiga da mulher deste diplomata comunista quando viviam em Washington. A mulher tinha ficado impressionada

com a Jeane e andava atrás dele há meses: "Tens de conhecer a Jeane Dixon. Não podes almoçar ou jantar com ela?"

E este diplomata disse-me: "Sr. Morgan, consegue imaginar-me a ser visto em qualquer lado, a qualquer hora em Washington, D.C., com aquela mulher? Diriam que todo o nosso governo estava a ser gerido pela Jeane Dixon!"

O diplomata admitiu que era um cético e foi adiando qualquer encontro com a Sra. Dixon. Mas a mulher fora muito persuasiva e ele finalmente concordou em que a Jeane fosse à Embaixada para almoçar. Ele não disse se ela teve de entrar pela porta das traseiras ou não. Mas almoçaram, os três. Por cortesia, ele começou a fazer-lhe perguntas sobre política e a Jeane respondeu. Isto foi no final de 1959. A Jeane previu que Richard Nixon estaria na campanha presidencial do ano seguinte.

O diplomata disse à Jeane: "Isso não é propriamente uma previsão. Todos sabemos isso. E quanto ao lado Democrata?"

A Jeane disse: "Um jovem senador de Massachusetts. O seu nome é John Kennedy."

"Engasguei-me com o café", disse-me o diplomata, "mais de riso do que de outra coisa, quando ela disse Kennedy."

Ele respondeu à Jeane: "Isso é ridículo. Kennedy não é sequer de segunda categoria. É de terceira categoria, quando muito."

A Jeane não só previu a este homem que Kennedy concorreria, como acrescentou: "Há uma tragédia enorme incorporada nisto. O jovem senador não chegará ao fim do seu mandato." O diplomata comunista estava de volta ao seu país quando o Presidente Kennedy foi assassinado e disse-me:

"Trinta segundos depois de ouvir que o Presidente Kennedy fora baleado, lembrei-me da previsão de Jeane Dixon. Estas são as coisas de que nos conseguimos lembrar. Isto é algo que eu não queria recordar, algo em que não queria acreditar, mas, Sr. Morgan, eu estava lá, tenho todos os meus sentidos, não estou senil, não me deixo levar por todos estes contos de fadas e coisas do género. Mas eu estava lá. Ouvi-o. Não acredito. Mas aconteceu."

[A vida de Harry Morgan mudou ao conhecer Jeane Dixon; se o poder dela com ele foi perceção extrassensorial ou orientação amigável, ele acha difícil dizer. Morgan trabalhava para o *Reader's Digest* quando um excerto do primeiro livro sobre Jeane Dixon, *A Gift of Prophecy*, foi reimpresso no *Digest*. Ele foi enviado a Washington para ver como poderia ajudar a Sra. Dixon a lidar com as

dezenas de milhares de cartas que ela recebeu como resultado do excerto do *Digest*.]

Morgan continua:

Eu não estava nada virado para a religião, mas respeitava o que eu achava ser integridade e honestidade real em termos da fé dela. Lembro-me de que várias pessoas no escritório naquela tarde tinham dito: "Sra. Dixon, tenho um problema. Acende uma vela por mim?" E ela recolhia uma moeda de dez cêntimos aqui e outra ali e eu achei isto bastante divertido. Mas não havia qualquer brincadeira da parte dela. Ela levava aquilo a sério. Fomos para St. Matthew's e começámos a acender velas e eu tive a sensação mais incrível para a qual não encontro palavras. Não consigo explicá-la. Algo acontecia à volta dela. Não havia nada de sinistro nisso; era inspirador. Fiquei enormemente impressionado com os quinze minutos que passámos em St. Matthew's.

Tornámo-nos bons amigos e, em 1968, estava com ela quando ela falou sobre o facto de eu dever investigar vários pensamentos e ideias religiosas, apenas por leitura.

Não dei muita importância, mas ocasionalmente pegava num livro sobre Budismo ou Taoismo, por curiosidade. Gradualmente fiquei cada vez mais interessado.

Certa noite, no início de 1969, estava a ler noite dentro e foi uma espécie de experiência incrível, para a qual, mais uma vez, não encontro palavras. Mas comecei a ver num sentido muito pessoal muitas das coisas sobre as quais a Jeane falava há anos.

Depois desta sessão de toda a noite em fevereiro — a Jeane diz que foi a 19 de fevereiro — liguei-lhe por volta das cinco da manhã e ela já estava acordada, na cozinha a fazer sumo de vegetais.

Disse-lhe que tinha tido a revelação mais incrível, e uma compreensão do que os últimos anos de leitura e reflexão tinham a ver com a minha vida. Ela ficou encantada. Para mim, foi uma espécie extraordinária de revelação humana em termos do que Deus era na minha vida. É sempre difícil encontrar palavras para situações pessoais como esta, mas ela percebeu onde eu queria chegar.

Ela tinha previsto que uma mudança importante na minha vida envolveria ir a países da Cortina de Ferro e, de facto, fui à União Soviética durante um mês ou mais e à Checoslováquia. Eventualmente, isso levou-me a levar estudantes americanos numa viagem de boa vontade à Checoslováquia e à Roménia em 1970 e 1971. Chamei-lhes "embaixadores da amizade". O primeiro grupo de 120 estudantes de três escolas de Nova Jersey passou três semanas a cantar na

Checoslováquia. Mais tarde, levei 1.007 estudantes à Roménia. Passaram três semanas a viajar e a cantar para o povo romeno a convite do seu governo.

Anos antes, a Jeane tinha previsto que eu estaria substancialmente envolvido de uma forma muito significativa na Europa de Leste, e que estaria a caminhar e a falar com algumas das pessoas mais importantes do bloco comunista. Isto, de facto, aconteceu.

Brian: Como responderia às pessoas que dizem que foi o encorajamento e o conselho da Sra. Dixon que fez com que isto acontecesse, em vez de algo sobrenatural?

Isso é perfeitamente possível e eu diria-lhes isso. Acho que é muito fácil nestes dias de interesse pelo oculto e pelos *talk shows* de TV e por todos os livros que se escrevem, olhar para a Jeane, devido à sua exposição como "A Vidente de Washington" — olhar para ela apenas como uma vidente. Não tenho dúvidas na minha mente de que a mulher tem um dom excecional, um que eu não compreendo inteiramente. Deixo isso para as pessoas que podem dedicar mais do seu tempo e energia a investigar fenómenos psíquicos. Tento olhar para a Jeane como uma amiga. O facto de ela ter este dom incrível... deixarei que o registo fale por si.

Jeane Dixon: O Harry Morgan contou-te sobre a coisa fantástica na vida dele — que finalmente ele nasceu de novo? Às cinco e meia da manhã, ele ligou-me e contou-me. Senti que ele estava em contacto com Deus nessa altura, que era a primeira vez que ele conseguia. Ele conseguiu-o ali! E, oh, a alegria que sinto quando as pessoas experienciam a luz de Deus dentro de si mesmas! É para isso que estou aqui, essa é a minha verdadeira missão na vida. Essa é a alegria de viver, porque eu experienciei isso. A vida é diferente então. A vida tem um significado diferente e com valores completamente diferentes.

"Algo vai acontecer..."

Rapto de Frank Sinatra, Jr.

Testemunho de Lorene Melton, 18 de abril de 1974:

Certa vez ia a caminhar pela rua com a Jeane. Ela é pequena e eu meço um metro e setenta e um. E a Jeane carrega uma mala muito pesada, como a maioria de nós. Quando vou a caminhar para casa com ela, pego na mala dela e carrego-a por ela. Eu digo: "Jeane, és pequena demais para carregar esta mala pesada."

Bem, íamos a caminhar juntas e eu bocejei. Depois pedi desculpa e disse: "Fiz uma coisa estúpida ontem à noite. Fiquei acordada até às tantas e vi o '*Late Show*' com o Frank Sinatra."

Assim que eu disse "Frank Sinatra", a Jeane parou; parou na rua. Eu disse: "O que se passa?"

A Jeane disse: "Não sei, mas quando disseste 'Sinatra' captei algo aqui. Algo vai acontecer."

Eu não sabia o que dizer. Disse: "Ele vai morrer?"

Ela disse: "Não, o Frank não. Ele não vai morrer, não o próprio Frank. É alguém muito próximo do Frank, e vão pensar que ele está morto. Mas não está."

Cerca de dois dias depois, os jornais saíram com o rapto de Frank Sinatra, Jr. [Raptado a 9 de dezembro de 1963, foi devolvido ileso a 12 de dezembro de 1963.]

O apresentador de *talk show* de Boston, Bob Kennedy

Bob Kennedy (16 de novembro de 1972):

Nunca tinha entrevistado Jeane Dixon antes e isto foi quando ela era relativamente nova (1965) e estava a ganhar muito renome devido à tragédia de Kennedy.

Então ela chegou ao estúdio da WBZ em Boston e, antes de irmos para o ar, estávamos sentados a uma mesa...

Nesta fase da minha carreira — eu tinha estado sempre no negócio das entrevistas — estava a pensar tirar lições de canto. Apenas por nenhuma outra razão senão o facto de achar que poderia ser bom tê-lo no teu reportório geral de truques. Não que eu me visse como cantor, mas senti que, algum ano, algures no tempo, podes estar a fazer um espetáculo de Natal e alguém diz: "Puxa, que tal fazeres alguma coisa?" E pelo menos estás preparado para dizer: "Sim, farei algo na tonalidade de K", percebe? Na verdade, não contei a ninguém sobre isso. Embora eu esteja... estou a hesitar agora... reluto em pensar dessa forma.

De qualquer modo, eu e a minha mulher tínhamos falado sobre o canto e foi isso. Não falei com mais ninguém sobre o assunto.

Depois a Jeane Dixon veio para a entrevista na rádio e sentou-se à minha frente à mesa.

E ela disse: "Vejo algo por cima do teu ombro esquerdo. E estás a hesitar sobre isso."

Fiquei apenas ali sentado e não disse nada.

Ela disse: "Queres tirar umas lições de canto. Tira essas lições de canto."

Ora, se ela tivesse dito "lições de voz", eu teria pensado: "Bem, afinal de contas, poderia ter sido um bom palpite, pensando que alguém no meu negócio poderia querer."

Mas aquilo realmente deixou-me boquiaberto. Porque a forma como ela disse muito definitivamente: "Tira essas lições de canto."

Naquela altura eu tinha um programa de rádio e ela mencionou que eu me mudaria para a TV dentro de um certo período de tempo, o que também se tornou realidade.

Tirei as lições de canto, já agora. Liguei para a moça no dia seguinte, que era professora de canto, e inscrevi-me nessa manhã.

Entrevistei a Jeane Dixon novamente quando comecei um programa de entrevistas na televisão e então ela disse: "Lembra-te, foi no teu programa que falei sobre o facto de os Beatles irem seguir cada um os seus caminhos muito criativos; que estes não são apenas jovens barulhentos, mas são muito criativos."

E isto, devo dizer, foi quando a maioria dos adultos via os Beatles como idiotas desgrenhados que estavam a destruir a música.

Foi uma espécie de marco histórico quando a *Boston Pops* tocou os Beatles. De repente, toda a gente se virou e disse: "Espera um minuto; esta música é realmente boa. Aqueles rapazes, musicalmente, são bastante criativos."

Mas antes disso, a Sra. Dixon estava a prever que eles se iam separar. Mais uma vez, isso não é surpreendente. Mas o facto de ela ter dito que cada um teria a sua carreira criativa, à sua própria maneira... separadamente. Todos têm sido criativos. O John e a Yoko. O John a escrever os seus livros, a sua poesia. Têm escrito canções. Paul McCartney está a escrever canções. Não sei o que o Ringo faz.

[Bob Kennedy foi de Boston para a WLS-TV em Chicago, onde fazia dois programas de TV por dia.]

"Vão morrer pelo fogo"

Três Astronautas

Como esposa de Fred Stout, Chefe de Operações de Missão do Gabinete de Voos Espaciais Tripulados, Jean Stout estava à vontade nas ciências exatas e especialmente no mundo da engenharia eletrónica. Ela mantinha um diário e recorre a ele ao contar as suas experiências com Jeane Dixon. Embora isto tenha sido registado em *My Life and Prophecies*, aqui a Sra. Stout entra em maior detalhe e a Sra. Dixon submete-se a questionamento.

Este é o testemunho de Jean Stout, dado em abril de 1974:

Sou uma defensora de Jeane Dixon. Não tem sido sem custos, mas afinal, alguma coisa o é? Não é popular, pois não, ter razão?

O dia em que conheci a Jeane Dixon pela primeira vez foi 30 de agosto de 1965. O seu livro *A Gift of Prophecy* tinha sido publicado na quarta-feira anterior e ela ainda não tinha recebido publicidade a nível nacional. A nossa amizade baseou-se em algo à parte da Sra. Dixon, a profetisa.

A precisão dela tornou-se algo rotineiro e aceite por mim. Além disso, eu tinha a sensação de que ela era genuína.

A Jeane profetizou-me uma grande quantidade de coisas, que tenho registadas; coisas tão cuidadosamente tabuladas como onde o Bobby Kennedy ia ser morto — Califórnia — e quando; e isso foi em novembro, meses antes da sua morte. [Robert Kennedy foi baleado mortalmente a 5 de junho de 1968.]

Ela previu-me a morte de Martin Luther King uma semana antes de acontecer.

Disse-me, antes da famosa transmissão televisiva de Lyndon Johnson, que ele não concorreria a um segundo mandato.

A Sra. Dixon disse que eu tenho o dom da memória total, mas não tenho: tenho um diário mantido com muito cuidado.

A Sra. Dixon telefonou-me de Cleveland em setembro de 1965 para dizer que alguns termos técnicos intrigantes lhe tinham vindo à mente, e pareciam ser sobre voos espaciais. Ela tinha a impressão de que tinham a ver com o meu marido, Fred, que era Chefe de Operações de Missão do Gabinete de Voos Espaciais Tripulados.

Pediu-me para escrever o que ela me estava a dizer. Disse-me que tinha a impressão de que o Fred estaria a trabalhar durante um período de oitenta e três horas no que parecia ser uma unidade composta por dois televisores e um arranjo de corrediça, parecendo um triângulo em brasa, que se movia para cima e para baixo.

O meu marido estava no programa espacial há relativamente pouco tempo, por isso eu não estava familiarizada com ele, e o que a Sra. Dixon me disse era tão grego para mim como era para ela.

O meu marido ficou atónito quando lhe dei a mensagem da Sra. Dixon mais tarde nesse dia, porque ele sabia que eu era totalmente analfabeta em termos como os que a Sra. Dixon me tinha dado, como "*window*" e esse tipo de coisas.

Na verdade, eu era tão ignorante que pensei primeiro que ele devia estar a mudar de escritório quando ela disse que ele "ia ter uma nova janela" (*new window*).

Ele disse: "Isto é incrível, simplesmente bizarro. Como pode ela saber isto?"

Perguntei-lhe o que poderiam ser o "arranjo de corrediça" e os "dois televisores" que a Jeane tinha mencionado. Ele disse que era uma descrição precisa do padrão de reentrada de uma cápsula espacial. E o "triângulo em brasa", disse ele, poderia ser o módulo, que tem de seguir a corrediça graduada ao regressar à nossa atmosfera a partir do espaço, ou arderá devido ao excesso de velocidade.

Podem verificar isso com especialistas de Kennedy ou com qualquer pessoa no programa espacial.

Ele também disse que a descrição dela de dois televisores era uma boa descrição da consola usada no processo de reentrada, na qual são usados dois ecrãs de TV.

E explicou que "*window*" é um termo espacial usado para descrever o tempo durante o qual uma nave espacial pode ser lançada.

Mais de um ano depois, a 20 de dezembro de 1966, a Jeane e eu estávamos a almoçar juntas no Hotel Mayflower em Washington. Fiz-lhe todo o tipo de perguntas pessoais e não obtive resposta. Estávamos apenas a ser cordiais num almoço pré-natalício. O meu marido estava muito, muito ocupado e havia um pré-lançamento marcado para fevereiro de 1967. Por isso eu estava preocupada e interessada em saber como correria todo o programa e quão bem eles alcançariam aquilo por que se batiam, que era, claro, a viagem à Lua.

E pedi-lhe com muita insistência para me dizer o que pudesse sobre o *Apollo*.

Ela pensou, e depois disse surpreendentemente: "Tens algo na tua mala com a forma de um cubo."

E eu disse: "Não, não tenho." Eu tinha o selo do *Apollo* num caderno, o meu eterno caderno; mas ela disse: "Não, não é isso. É cúbico. Continua a procurar."

Então procurei. E lá estava ele. Ou me tinha esquecido ou o meu marido deve tê-lo deixado cair na minha mala quando eu estava a caminho do almoço com a Jeane. Era um alfinete de gravata que ele trouxe de Cabo Kennedy. Vendiam essas coisas às pessoas no Centro de Voos Espaciais, na banca de jornais, suponho. E eram três pequenas figuras representando os astronautas agendados para a próxima missão espacial: Grissom, White e Chaffee.

Encontrei este alfinete na minha mala com algum espanto, porque não fazia ideia de que estava comigo.

E quando a Jeane o tirou de mim, vi esta mudança muito acentuada aparecer na cara dela. Ela tem um rosto muito sensível.

Disse que os três astronautas iam morrer.

E começou a citar datas exatas, com uma margem de dois ou três dias do fim de janeiro.

Eu disse: "Jeane, isso é impossível. Eles nem sequer têm um lançamento até perto do fim de fevereiro."

A Jeane disse: "Isto não sairá do chão. Mas", disse ela, "vão morrer pelo fogo."

Ela usou a expressão "*plugs-out-test*", que é terminologia de naves espaciais.

Fiquei horrorizada. Foi uma daquelas coisas que se gravam na mente. Mesmo com uma memória falível, ninguém tem dificuldade em lembrar-se dos seus sentimentos e perceções exatos num momento de grande tragédia pessoal, ou ao ouvir algo deste tipo.

E consultei os meus amigos sobre se devia ou não transmitir isto ao meu marido. Como o meu marido estivera durante anos em trabalho altamente secreto para a Marinha, eu nunca discutia o trabalho dele com ele — era melhor para todos assim.

No entanto, desta vez contei ao Fred o que a Sra. Dixon tinha previsto. Ele ouviu, mas percebi que não levou a sério.

Quando chegou o fim de janeiro, o meu marido estava com gripe e estava em casa aqui em McLean, Virgínia. Havia um grande banquete. Creio que o Dr. Debus estava cá vindo do Cabo, chefe de toda a operação, e um da equipa de Wernher von Braun. Estavam todos cá vindos do Cabo e o pessoal da sede estava todo neste enorme banquete.

O telefone tocou e era um homem encarregado durante a ausência do Dr. Stevenson. [O Major-General J. D. Stevenson era o Diretor de Operações de Missão.]

Ele disse: "Fred, perdemos um."

E ouvi o meu marido dizer muito distintamente: "Meu Deus, se perdemos um, perdemo-los todos! O que queres dizer com 'perdemos um'?" Isto foi a 27 de janeiro, exatamente um mês e sete dias após a profecia de *Jeane*. Eles tiveram um *plugs-out-test* [teste de fichas desligadas], como é chamado, e tinham morrido todos num incêndio.

E o nosso telefone funcionou como uma central entre Cabo Kennedy e aquele banquete, até que as pessoas pudessem posicionar-se no quartel-general. Nem sequer ligámos a televisão para saber se a notícia já passava nos teletipos. Foi incrível, e no entanto o meu marido estava ao telefone a falar com os seus engenheiros lá em baixo e a dar-lhes instruções. Ele não era a pessoa principal, mas estava certamente numa posição de grande responsabilidade. E nós conhecíamos os astronautas. Foi muito difícil.

Jeane ligou-me na manhã seguinte à tragédia e disse que eu deveria dizer ao *Fred* que ela tinha a impressão de que uma chave de fendas ou uma chave inglesa seria encontrada no local do problema, entre um emaranhado de fios. Quando dei ao meu marido a mensagem de *Jeane*, ele disse: "Ninguém poderia ter falhado ao ponto de deixar passar algo tão óbvio e tão obviamente sério." Cerca de cinco dias depois, apareceu em todas as primeiras páginas do país — tenho a certeza de que foi na primeira página do *Washington Post*; lembro-me disso com um estremecimento — uma fotografia desta chave de fendas ou chave inglesa, com um grande emaranhado de fios à volta.

[O relatório do inquérito oficial sobre o incêndio saiu dois meses depois, em abril. Revelou que uma parte de uma chave inglesa deixada por trabalhadores tinha sido encontrada nos destroços, entre feixes de cablagem.] Não creio que *Jeane* alguma vez tenha deixado de pasmar a mente do meu marido. Mas depois daquela tragédia, ele não teve outra escolha senão acreditar nela. Como lógico,

como estatístico... use-se uma régua de cálculo, ou qualquer regra empírica que se queira; independentemente da ciência exata pela qual se calcule, os factos e números dela e as suas descrições exatas eram demasiado numerosos e demasiado corretos para não serem indicações adequadas de que a mulher sabia do que estava a falar. Conheço a Sra. *Dixon* tão bem, creio eu, como quase qualquer pessoa viva. Não sou uma pessoa crédula, mas se ela me ligasse amanhã e dissesse: "Não faças essa viagem", por exemplo, eu faria inquestionavelmente, inabalavelmente, exatamente o que ela dissesse.

Questionei a Sra. Dixon enquanto íamos num carro do Aeroporto Internacional de Palm Beach para o Hotel Breakers, em Palm Beach, e gravei a nossa conversa. Perguntei à Sra. Dixon como é que ela teve a impressão de que os três astronautas iam morrer.

Jeane Dixon: Pergunta-me como é que eu recebo estas coisas. Se eu disser: "Denis, quanto são dois e dois?", o que diria?

Brian: Quatro.

Jeane Dixon: Como é que o soube?

Bem, ensinaram-me isso. Aprendi-o de cor.

Jeane Dixon: Mas simplesmente soube-o, não soube?

Sim.

Jeane Dixon: Estava ali mesmo, não estava? Quando perguntei sobre a Apollo, estava ali mesmo — os erros de cálculo.

Quando Jean Stout lhe mostrou o pequeno alfinete de gravata com os astronautas em miniatura lá dentro, o que sentiu quando lhes tocou?

Jeane Dixon: Primeiro, senti uma súbita vaga de piedade por eles, sem saber porquê. Percebi que algo ia acontecer. A seguir, vi um incêndio e disse à Jean Stout: "Eles vão sumir-se numa nuvem de fumo..." Esta é uma coisa horrível, horrível de se dizer... existe algum tipo de lei científica no universo e, quando se está em harmonia com essa lei científica, tenta-se estender a mão e mudá-la. E não se pode estender a mão e mudá-la. E as lágrimas começam a rolar pelas faces e pensamos: "Porquê? Por que é que não posso mudar isto?" E sentimo-nos tão sem importância, tão insignificantes. Pensamos: "Porque é que não posso ajudar?" E foi assim que me senti. Disse à Jean para lhes dizer: "Se inspecionarem, não uma ou duas vezes, mas cinco vezes, descobrirão o que está errado!" Mas quando eu "vi" os astronautas a arder — esse era o destino deles.

Quando disse "é uma coisa horrível de se dizer", referia-se a vê-los sumirem-se em fumo ou ao facto de se sentir impotente para fazer algo a respeito?

Jeane Dixon: Bem, veja, eu poderia ter feito algo a respeito. Mas foi a minha reação, o meu sentimento pessoal perante algo assim a acontecer, que não precisava de acontecer. Embora, de certa forma, sentisse que era o destino deles — no sentido em que, de facto, aconteceu-lhes. Mas a pessoa tenta apenas... visto que não foi uma revelação, tenta-se preveni-lo. Mesmo numa revelação, sabendo perfeitamente que é uma revelação, e sendo apenas humano, estendemos a mão em todas as direções da mesma forma, para tentar mudá-la.

Ora, se tivessem inspecionado como eu disse, não uma ou duas vezes, mas cinco vezes, se o tivessem feito, teriam encontrado a causa do incêndio. E não teria acontecido. Mas não o fizeram. Quando contei à Jean o que ia acontecer e descrevi o chão fino como papel em que os astronautas estavam — isso era segredo de Estado, compreende. E ela estava a contar isto ao marido enquanto conduziam para casa, e ele ficou tão atónito, tão chocado por eu ter sido capaz de explicar o que era segredo de Estado, tão claramente, quando eu não teria forma de o saber, que ele saiu da autoestrada e estacionou o carro.

Quando telefonou pela primeira vez à Jean Stout, foi cerca de um mês após o vosso primeiro encontro, e esse primeiro encontro foi cerca de uma semana após o seu livro A Gift of Prophecy [Um Dom de Profecia] ter saído em 1965; usou expressões como "window" [janela/janela de lançamento] e "plugs-out-test". Eram estas expressões completamente estranhas para si?

Jeane Dixon: Completamente estranhas.

É de todo possível que tenha ouvido as palavras na rádio ou na TV, ou que as tenha lido num jornal? Ou poderá ter falado com cientistas?

Jeane Dixon: Não tinha falado com cientistas. Obtive-as por perceção extrassensorial. E disse ao marido da Jean Stout: ele era o terceiro no comando. E lembre-se, tudo o que estamos a dizer agora sai para o ar e é captado algures. Se houvesse um rádio na selva mais profunda de África e tivéssemos aqui um transmissor, poderíamos ser ouvidos em África; o que estamos a dizer aqui mesmo neste carro.

Quando disse "plugs-out-test" e "window", ouviu essas palavras ou viu-as?

Jeane Dixon: Olhe para aquele edifício ali. Está a vê-lo? [Sim — First National Bank of Palm Beach.] Agora, feche os olhos e fale sobre ele. É tão visual, faz parte de si, fica ali consigo; e especialmente algo assim. Isso fica impresso de forma tão indelével porque é um pouco chocante.

Portanto, quando inicialmente "viu" a palavra "window" e "plugs-out-test" e que o marido de Jean Stout ia trabalhar durante "eighty-three hours" [oitenta e três horas] e o "flaming triangle" [triângulo flamejante] — ligou então para a Jean Stout e disse-lhe que achava que isto teria algum significado para o marido dela?

Jeane Dixon: Sim.

Quando pediu para ver o objeto em forma de cubo na mala de Jean Stout, houve alguma hipótese de ter olhado para a mala dela e de o ter visto lá pouco tempo antes?

Jeane Dixon: Não, não. A mala dela estava fechada.

Então sentiu que esse objeto em forma de cubo estava na mala dela?

Jeane Dixon: Limitei-me a pedi-lo. Eu era então parte disso, parte da coisa que gira e gira e gira. Há certos tipos de vibrações e, quando somos apanhados numa coisa destas, que gira e gira, somos parte dela. Tal como quando estamos a nadar numa piscina, somos parte dela.

Como soube que o Presidente Johnson não se candidataria a um segundo mandato?

Jeane Dixon: Isso foi telepatia. Houve muitas formas diferentes de eu obter isso. Senti que ele sentia muito profundamente que não conseguia negociar a paz no Vietname, porque as forças opostas tinham decidido que só negociariam quando estivessem prontas. E ao captar as mentes das forças opostas; e sabendo quão perturbado o Presidente Johnson estava: quando ele falava na televisão, eu captava muito bem os seus pensamentos. Ninguém o conseguia fazer, ele não o conseguia fazer, portanto para quê tentar? Creio que ele sentia muito profundamente a matança de toda a humanidade, não apenas a matança dos nossos rapazes.

Edgar Mitchell, piloto do módulo lunar durante a missão Apollo 14, tornou-se o sexto homem a caminhar na lua, em fevereiro de 1971. Falei com o Dr. Mitchell, que se interessa pelo mundo extrassensorial, a 20 de junho de 197...

Mitchell: Antes dos voos espaciais, recebi de 100 a 150 chamadas de pessoas com avisos de um tipo ou de outro. A maioria eram avisos gerais. Cheguei a verificar um que era específico, mas não era preciso. Nem um único aviso foi preciso. Isto não significa que eu não acredite em precognição: acredito. Mas significa que é algo que as pessoas não têm sido capazes de controlar, de usar à vontade e de serem específicas a esse respeito.

Concordo que, se Jeane Dixon disse de facto que haveria um incêndio durante um plugs-out-test e que seria numa determinada data — então ela estava a ser bastante específica, e foi um exemplo notável e, como se veio a verificar, tragicamente verdadeiro de precognição. Mas, mesmo assim, não foi suficientemente específico. A nave espacial é enorme — 350 pés de comprimento — e há milhões de milhas de cablagem. Eles não teriam sido capazes de examinar a nave sem que ela fosse muito mais específica — ela teria de quase apontar onde estaria o perigo. Mesmo que outro voo espacial fosse planeado para breve e a Sra. Dixon desse uma previsão semelhante, eles não seriam capazes de fazer nada a respeito — a não ser cancelar o teste ou o voo inteiramente, o que nunca seria feito com base num aviso psíquico. Mas acredito que em breve as pessoas poderão ser capazes de dominar e controlar o seu PES [Perceção Extrassensorial] — e então fazer previsões específicas e precisas.

12 "Faz o que eu Digo ou não Terás um Neto"

Jeane Dixon — Salvadora de Vidas? Algumas pessoas conhecem Jeane Dixon como uma mulher incansável, amante de gatos e cães, que resgata animais vadios, ajuda a sustentar crianças carenciadas e sonha construir um hospital infantil. Pensam nela como uma amiga e um turbilhão, mas ela nunca lhes disse nada de extraordinário sobre si mesmas, nunca previu triunfos ou tragédias.

Depois há outros cujos passos mais pequenos a Sra. Dixon parece capaz de prever. Alguns acreditam que devem a sua sobrevivência à clarividência dela. Outros pensam que ela foi capaz de detetar doenças perigosas — que mais ninguém notou — e avisá-los antes que fosse tarde demais.

Ira Walsh é um desses. Ele é executivo da Hearst Corporation, um império editorial. Alguns meses antes da publicação de A Gift of Prophecy (que viria a vender milhões e torná-la mundialmente famosa), Ira Walsh fez o seu primeiro contacto com ela. Nessa altura, Walsh estava destacado em Washington, D.C., como assistente especial de Sargent Shriver no programa de Guerra Contra a Pobreza. Este é o testemunho de Ira Walsh (entrevistado várias vezes entre 28 de agosto de 1972 e 12 de abril de 1975):

Randy Hearst disse-me para falar com Jeane Dixon sobre a possibilidade de ela trabalhar como colunista nos jornais Hearst. Conheci-a no Hotel Mayflower, em Washington, em janeiro de 1965, e combinei tomar o pequeno-almoço com ela na manhã seguinte. No pequeno-almoço, ela começou a falar sobre o seu gato de estimação, que ela chamava de MagiCat. Enquanto ela me contava as aventuras do seu gato, eu pensei: "Não é uma má ideia para uma tira de BD." Ela disse: "Sr. Walsh, antes de começar a pensar em tiras num jornal, vamos arranjar primeiro um artista, com um bom escritor, e depois falamos sobre uma tira."

Olhei para ela de forma estranha. Pensei: "Eu disse alguma coisa sobre uma tira no jornal ou apenas o pensei?" Depois esqueci o assunto e continuei a falar. Ela estava a mostrar-me algumas das provas tipográficas do seu novo livro, A Gift of Prophecy, que ainda não tinha sido publicado.

E pensei para comigo: "Isso poderia dar um espetáculo de noventa minutos para a televisão." Tenho a certeza de que apenas o pensei e não o disse. E a Jeane pôs a mão na minha mão novamente e disse: "Antes de começar a pensar em especiais na televisão, quero que leia as provas tipográficas." Ela leu definitivamente os meus pensamentos. E eu perdi a cabeça. Disse: "Olhe, Sra. Dixon, da próxima vez que ler a minha mente, vou pagar o pequeno-almoço e dizer 'muito obrigado por ter vindo' e depois saio daqui; porque eu não acredito em fantasmas."

E comecei a levantar-me e ela sentou-me novamente e pegou na minha mão e olhou para mim de forma estranha e disse: "Ira, uma última coisa que lhe vou dizer é: porque é que não vai a um médico e prolonga a sua vida?" Ora, não havia razão nenhuma para eu ir a um médico. Sentia-me e parecia em forma — exceto por estar um pouco acima do peso. E esqueci tudo isso. Isso foi no sábado. Na quinta-feira seguinte, estava a almoçar com o George e o Randy Hearst e ambos disseram que os meus olhos pareciam amarelos. Eu tinha notado que começavam a ficar amarelos na quarta-feira à noite.

Perguntaram como me sentia? Eu estava à procura de cada árvore e de cada posto de gasolina que se possa imaginar e ia à casa de banho de meia em meia hora. E eu sabia que algo se passava. O Randy e o George Hearst queriam que eu fosse ao médico e mandasse verificar o meu sangue — eles não sabiam nada sobre Jeane Dixon. Na verdade, eu tinha-me esquecido completamente do aviso dela.

Do outro lado da rua do Mayflower há um edifício médico, e eu subi ao oitavo andar e vi um médico que é especialista em açúcar no sangue. O médico examinou-me e deu-me imediatamente 400 cc de insulina em ambos os ombros. Queria que eu fosse para o Hospital de Médicos naquela noite, mas recusei. Estava a gerir uma coisa chamada Programa de Juventude do Senado dos Estados Unidos para a Fundação W. R. Hearst e naquela noite de quinta-feira tinha combinado apresentar o Sargent Shriver.

Então o médico disse-me: "Se se sentir desfalecer, não quero que faça nada a não ser ir para o Hospital de Médicos. Há um quarto e tudo o resto preparado para si." Voltei ao consultório do médico para exames na sexta-feira de manhã e à tarde, sábado de manhã e à tarde e, na manhã de domingo, ele fez-me um exame que durou até à tarde. E o médico continuava a abanar a cabeça e eu

estava nervoso como o diabo. Estava mesmo assustado. Na segunda-feira, ele fez-me a parte final do exame e então deu-me a notícia.

Disse que o nível de açúcar no meu sangue era de 511. Eu deveria estar em coma quando entrei no consultório dele pela primeira vez, disse ele, porque a zona de coma diabético é 280. Disse-me que, se eu não o tivesse visto a ele ou a algum outro médico e não tivesse verificado o meu sangue, já poderia estar morto e enterrado. Cheguei ao meu escritório no Edifício Brown por volta das dez e meia e sentia-me muito bem porque o médico disse que eu estava, de resto, em boa forma e que a "diabetes forçada" poderia ser curada se eu fizesse uma dieta rigorosa.

Enviei a minha secretária para ir buscar café. E o telefone tocou. Normalmente não atendo o telefone no meu escritório, mas, como a minha secretária estava fora, atendi e uma mulher disse: "És tu, Ira?" Disse: "Sim. Sou eu." Ela disse: "Graças a Deus! Então foste a um médico." Eu disse: "Quem fala?"

E ela disse: "Jeane Dixon." Eu não lhe tinha dito nada sobre ir a um médico. Fiquei completamente atónito. Mais assustado do que alguma vez estive. Disse-lhe: "Agora acredito em fantasmas." Os medicamentos e a dieta funcionaram. Em três meses livrei-me da "diabetes forçada" e não a tive mais desde essa altura. Sabe, não foi o aviso da Jeane que me fez ir ao médico — mas não há dúvida de que ela soube da minha condição de alguma forma estranha. Não havia forma normal de ela saber que eu estava doente — e certamente não que a minha vida estava em perigo. Durante anos ela continua a dizer-me que tem sonhos sobre Teddy Roosevelt e Sargent Shriver juntos. E contei isto ao Sarge e ele disse algo como: "Oh, bem." Agora, de repente, aqui está ele a candidatar-se a Vice-Presidente.

Disse uma vez à Jeane: "Não acredito nada nessa sua bola de cristal." E ela disse: "Bem, Ira, faz-me relaxar." Eu sei disto, ela não consegue prever algo que lhe peçam para prever. Ela só consegue fazer coisas que sente. Por exemplo, ela contou-lhe sobre a corrida de cavalos que previu? Esqueci-me do nome do cavalo, mas este cavalo nunca perdeu uma corrida até esta vez em que ela previu que ia perder. E a Jeane enviou um telegrama ao proprietário e ele ignorou-o. Vi uma cópia do telegrama, aliás. [O cavalo era Native Dancer. Ficou em segundo lugar no Derby do Kentucky de 1953.]

É lamentável, mas as pessoas forçam-na a fazer previsões sobre elas próprias. Por exemplo, a minha secretária, há anos, queria conhecê-la. E a Jeane Dixon falou com ela uns minutos e depois deu-me uma piscadela de olho. E eu disse à minha secretária: "Olha, não lhe perguntes. Ela não te pode dar a resposta.

Ela não é uma farsa. Simplesmente não pode dar a resposta e isso torna-a mais real do que qualquer outra coisa que eu conheça." Algumas pessoas quase insistem que ela lhes conte. Tanta gente se aproveita dela que nem tem graça.

Brian: Ela previu mais alguma coisa para si?

Sim, uma coisa muito engraçada. Ela disse em janeiro de 1972: "Ira, vais ganhar muito dinheiro este ano. Vais ser um milionário." Bem, nada disso aconteceu ainda, mas ela disse-mo duas vezes. [Falei com Ira Walsh novamente a 6 de outubro de 1973 e perguntei-lhe se já era milionário. Ele respondeu: "Não, mas as coisas estão a acontecer, acredite ou não. Ela disse que antes do fim do ano eu ouviria falar, ou tornar-me-ia milionário. Ela vê muito dinheiro à minha volta. A última vez que a vi, há cerca de três meses, ela ainda via dinheiro à minha volta. Ligue-me daqui a uns quarenta e cinco dias. Estão a acontecer um par de coisas sobre as quais ainda não posso falar." Contactei Ira Walsh pela última vez em abril de 1975. Ele ainda não era milionário, mas continuava a ter esperança.] Até conhecer a Sra. Dixon, era completamente cético em relação a PES, leitura de mentes e ao sobrenatural? Não acreditava em nada disso. Na verdade, continuo a não acreditar.

Acredita em Jeane Dixon? Ah, sim.

Se ela lhe dissesse para não entrar num avião? Eu obedecer-lhe-ia. Pode ter a certeza absoluta de que sim!

Perguntei a Jeane Dixon o que a levou a aconselhar Ira Walsh a ver um médico, embora ele parecesse em forma.

Jeane Dixon: Senti algo quando lhe toquei na mão. Quando uma sinfonia está a ser tocada corretamente, ouvem-se todos os sons em harmonia. Mas quando toquei na mão do Ira Walsh, senti que algo nele não estava em harmonia com as vibrações ao seu redor.

Como soube que Walsh tinha ido a um médico quando lhe ligou?

Jeane Dixon: Porque, se ele não tivesse ido a um médico, quando telefonei ele já não estaria vivo.

James J. Harkins é gestor de vendas da Birchcraft Studios, uma empresa de cartões de felicitações em Rockland, Massachusetts. Duas vezes por ano, usualmente na primavera e no outono, ele vai a Washington, D.C., em negócios, e fica duas semanas. Tal como vários, mas de modo algum todos os que são testemunhas dos poderes extrassensoriais de Jeane Dixon, Harkins é católico, um homem devoto que reza e acredita que as orações são atendidas. Este é o seu testemunho, dado a 6 de abril de 1974:

Conheci a Sra. Dixon num restaurante em Washington, D.C., por volta das sete e quarenta e cinco da manhã, um dia em setembro de 1966. Falei com ela sobre generalidades e depois apertei-lhe a mão para me despedir. Ela disse: "Reze por mim." Eu disse que o faria. E tenho feito. Tinha verrugas feias na minha mão direita há anos e, sendo gestor de vendas de uma empresa de cartões de felicitações, estava muito consciente delas, porque o meu trabalho envolvia conhecer pessoas e apertar mãos. Tentei tudo o que conhecia para remover as verrugas, mas nada ajudava. Algumas delas eram dolorosas às vezes e era embaraçoso para mim. Sentia que toda a gente as notava.

Tinha ido a médicos e eles tinham-me dado algo, mas nunca funcionou. Uma vez, mandei-as queimar, mas elas voltaram. Mas neste primeiro dia em que conheci Jeane Dixon — cerca de duas horas depois de a deixar — estava a lavar as mãos e, para meu espanto, as minhas mãos estavam perfeitamente limpas. Não restava uma verruga. E não havia uma marca, exceto que se podia ver onde as verrugas tinham estado porque a pele estava mais clara. Cada uma das verrugas tinha desaparecido.

[Falei com um especialista de pele, que disse que as verrugas são causadas por vírus, mas que, de alguma forma inexplicável, o fator psicossomático por vezes entra na sua cura. Elas podem desaparecer em poucas horas. Quando pressionado para dar uma explicação, o especialista disse: "O sistema nervoso é estimulado, o que por sua vez estimula o sistema vascular, o que faz com que o suprimento de sangue diminua nas áreas e as verrugas simplesmente descamam. É claro que não houve experiências para provar que isto seja um facto. É apenas uma suposição. Explicamos milagres logicamente, quando na verdade não sabemos realmente como ocorrem." Há também relatos de verrugas a desaparecer após hipnose — mas apenas após semanas.]

James Harkins continua:

Aquele foi o meu primeiro encontro com Jeane Dixon. Eventualmente, a Jeane 85 Jeane Dixon: As Testemunhas

e eu tornámo-nos amigos e ela conheceu a minha mulher e família e tornou-se amiga deles. Sempre que ela vem a Boston, combinamos encontrar-nos com ela. Eu sofria de dores nas pernas há cerca de treze anos e tinha ido a pelo menos vinte médicos por causa disso. Nenhum conseguia ajudar. Fiz radiografias às pernas, mas os médicos não conseguiam encontrar a causa. Às vezes as dores eram graves, mas aprendi a viver com isso. Quando ia em longas viagens de carro, ia primeiro a um especialista de pés e ele costumava ligar-me os pés com fita adesiva e isso ajudava. Mas a fita só era boa por cerca de cinco dias.

Quando voltava a casa, especialmente se a viagem fosse tão longe como Washington, os meus pés e pernas ficavam desconfortáveis provavelmente durante duas semanas. Numa viagem em particular, tentei ver o médico de pés antes de partir, para me ligar os pés, mas ele não estava disponível. Fiz a viagem, mas estava a pavor do que aconteceria. Estava hospedado no Hotel Sheraton Park em Washington. Era o dia 28 de junho de 1967 — uma data que não esquecerei. Acordei às dez para as três e senti uma sensação que começou no topo da minha cabeça, vibrações, como vibrações elétricas. E moveu-se por todo o meu corpo, pelas minhas pernas abaixo e saiu pelos dedos dos pés.

Normalmente, eu teria ficado assustado, mas não tive medo. Não disse nada a ninguém, mas senti que a dor nas minhas pernas me estava a deixar. Sabia que, se conduzisse até casa e não tivesse dor, então algo tinha acontecido. Conduzi até casa, parando apenas para café e algo para comer. Quando cheguei a casa, não tinha dor. E nunca mais tive aquelas dores desde então. Estou absolutamente convencido de que o desaparecimento súbito das verrugas e das dores nas minhas pernas foram por intercessão de Jeane Dixon. A Sra. Dixon nunca me disse que era uma curandeira, mas acredito sinceramente que ela é um instrumento do Senhor. Não há dúvida de que as orações dela são muito poderosas.* Também acredito que a Sra.

- *Nas Atas da Sociedade para Pesquisa Psíquica volume viii, o Dr. Holbrook, M.D., Editor do Herald of Health, de 13 e 15 Laight Street, Nova Iorque, deu um relato em primeira mão da sua própria cura súbita, numa carta datada de 30 de julho de 1884. Frederic Myers citou-o no seu livro Human Personality and Its Survival of Bodily Death [A Personalidade Humana e a sua Sobrevivência à Morte Corporal], como se segue: O Dr. Holbrook tinha estado bastante doente com bronquite aguda que ocorria todos os invernos e primaveras durante vários anos. Como era jovem e tinha embarcado recentemente numa carreira que era de grande interesse para ele, estava desanimado por medo de que isso acabasse por se tornar crónico e, talvez, terminasse a sua vida.*

- *Nesta condição deprimida, caiu num sono leve e pareceu ver a sua irmã, que tinha morrido há mais de vinte anos. Ela disse: "Não te preocupes com a tua saúde, viemos para te curar; ainda há muito para fazeres no mundo." Então ela desapareceu, e o cérebro dele pareceu ser eletrificado como que por um choque de uma bateria, não doloroso, mas delicioso. Espalhou-se para baixo por todo o seu corpo. Ele acordou e sentiu-se bem, e nunca mais teve um ataque da doença.*

A Sra. Dixon salvou a vida do meu neto. Algum tempo depois de ter conhecido o Jeffrey no Aeroporto Internacional de Logan, a Sra. Dixon ligou-me e disse: "Sr. Harkins, quero que o Jeffrey seja avaliado pelo melhor especialista infantil que conseguir encontrar." O Jeffrey era uma criança com aspeto saudável, cheia de vida e energia. Nunca houve nada de errado com ele. Mas marcámos uma consulta com um especialista de renome mundial. O médico que o recomendou foi o Dr. Russell F. Thompson.

O especialista examinou o Jeffrey e detetou que ele tinha anemia do leite. Mas não podia dizer quão grave era até saber os resultados dos exames. Mais tarde, naquela noite, o especialista ligou à minha filha, Sheila, com a notícia de que o Jeffrey tinha anemia do leite. Ainda não tinha atingido o ponto de perigo. Ele bebia grandes quantidades de leite todos os dias e isso estava a envenená-lo. A anemia do leite queima o ferro no sangue, destrói a medula óssea, aumenta o coração e pode causar danos cerebrais. É também a causa de morte em muitas crianças pequenas, e os pais nunca sabem o que aconteceu à criança. Mas levámos o Jeffrey ao médico mesmo a tempo e, se não fosse pelo telefonema da Sra. Dixon, não o teríamos levado. O Jeffrey está ótimo agora. Fez cinco anos há poucos dias. A Sra. Dixon ama as pessoas como ninguém que eu tenha conhecido. Ouvi alguns ataques bastante desagradáveis contra ela. Normalmente, a nossa primeira reação a alguém que nos magoa é fazer-lhes o mesmo. Ela nunca o faz.

Este é o relato da Sra. Dixon sobre o evento:

Quando peguei no Jeffrey McKenna, senti o mesmo que com as vibrações do Ira Walsh. Elas não estavam em harmonia com este universo — e, se não estamos em harmonia, temos de fazer algo a respeito. Então disse ao Sr. Harkins: "Leve esta criança ao melhor especialista infantil do mundo." Ele disse: "Porquê?" Eu disse: "Faça o que eu digo ou não terá um neto. A Sheila vai perder este bebé a menos que ele veja o melhor médico disponível."

O Sr. Harkins disse: "Bem, ele já tem um excelente pediatra e veja como o Jeffrey parece bem e como brinca e é gordinho e saudável." "Sim, ele é gordinho, concordo. Mas há algo errado. Sinto uma vibração fraca e algo tem de ser feito." Sempre que falava com a Sra. Harkins depois disso, costumava perguntar: "Já encontraram um médico?" Finalmente levaram o Jeffrey a um especialista e ele descobriu que o pequeno Jeffrey tinha algum tipo de alergia — o leite que bebia estava a envenená-lo, matando os glóbulos vermelhos no seu sangue.

E estava no ponto de perigo, mas não além dele. Se tivesse demorado apenas mais um pouco, segundo percebi, teria passado do ponto de perigo e nunca teriam conseguido salvar a vida da criança. Por isso, submeteram-no a

uma mudança completa de dieta e ele está praticamente fora de perigo agora. E este é o meu talento. E não peço nada por ele.

13 "O Dinheiro dos Teus Pais vai Acabar"

A Fortuna Bumerangue De um dia para o outro, Ernest Medders provou que Fitzgerald tinha razão e Hemingway estava errado: os muito ricos são diferentes de nós — mas apenas porque os tratamos de forma diferente. Um dia Medders era pobre e desconhecido, no outro era rico e andava à deriva num mar de simpatizantes, champanhe e música ao vivo. O Governador John Connally visitou os Medders para apresentar os seus cumprimentos. O mesmo fez o seu procurador-geral, Waggoner Carr.

Até o Presidente dos Estados Unidos os conheceu, beijou a Sra. Medders e deu a ela e ao Ernest boleia no seu avião presidencial. Medders tinha descoberto que o segredo para a fama instantânea e amigos instantâneos é o dinheiro instantâneo. Ele estava a gastar milhões e falava-se de milhares de milhões mais por vir. Pelas suas contas, ele ainda poderia entrar no Livro do Guinness dos Recordes — se não como o homem mais rico do mundo, como o homem mais rapidamente rico do mundo.

E se ele realmente não era diferente dos seus dias de pobreza, então estava a enganar pelotões de pessoas percetivas. Ou será que as pessoas respondem ao cheiro dos endinheirados, como os cães de Pavlov à campainha? A história dos Medders é engraçada para alguns, trágica para outros, e fornecerá sem dúvida material de origem para sociólogos, moralistas, romancistas e clérigos à procura de um sermão intemporal. Também faz parte da história de Jeane Dixon. Com uma educação de terceira classe e um trabalho pouco inspirador como ajudante de mecânico, Ernest Medders poderia verdadeiramente ser chamado de banal. E numa boa semana levava para casa setenta e cinco dólares de salário.

Em 1961, acreditou-se que ele era herdeiro da fortuna petrolífera de Spindletop, e essa notícia deu-lhe crédito instantâneo. Com o dinheiro, ele mudou a sua família de Memphis, Tennessee, para Muenster, Texas, onde comprou um rancho e começou a criar gado Angus preto e vermelho e cavalos Appaloosa. Dava festas com o brio de um general a jogar jogos de guerra e determinado a vencer. Os convidados eram transportados para o seu rancho por helicóptero — e o piloto usava um smoking. Congressistas, banqueiros e a sociedade do Texas rumavam a Muenster para beber champanhe de uma fonte,

ficar pendurados nas poucas palavras de Ernest e dançar ao som de bandas famosas trazidas de avião para a ocasião.

A sua mulher, Margaret, uma antiga enfermeira de hospital, que para alguns parecia ser a comandante-em-chefe da operação, começou a comprar tudo o que via e, na terra plana do Texas, isso é muito. Originais de Paris, peles e joias chegavam em massa da Neiman-Marcus, onde Margaret debitou um anel de 65.000 dólares, um colar de 80.000 dólares e um casaco de marta de 75.000 dólares como se estivesse a encomendar as mercearias da semana. Ela tinha passado de uma atmosfera de dor e pobreza para uma nova vida na qual nunca tinha de se preocupar com dinheiro. Como recompensa por se juntarem ao clube do Presidente — deram pelo menos 4.000 dólares — Ernest e Margaret partilharam um jantar e assistiram a um filme na Casa Branca com Lyndon Johnson.

Depois, o Presidente beijou a Sra. Medders na face e voou com o casal de volta para o Texas no Air Force One. Mas de onde vinha o dinheiro? A fortuna de Spindletop ainda não tinha sido libertada. Os advogados liam os documentos relevantes como se fossem os Manuscritos do Mar Morto. O facto é que os relatos de Medders ser herdeiro de uma fortuna que pasmava até a imaginação de um banqueiro baixaram algumas defesas. Quase 2 milhões de dólares do dinheiro que os Medders estavam a gastar como se quisessem monopolizar o mercado de tudo, vieram — ironicamente — das Irmãs Pobres de S. Serafim da Adoração Perpétua, Incorporada. Felizmente com o nome trocado, as Irmãs Pobres são uma ordem rica de freiras.

Margaret Medders tinha trabalhado como enfermeira no Hospital de S. José em Memphis, que era operado pela ordem de enfermagem e ensino das Irmãs Pobres. Quando ela abordou a Madre Superiora com a sua história de estar à beira de uma vasta herança e solicitou um empréstimo para se aguentar, no entendimento de que seria reembolsado com juros muito generosos, os empréstimos começaram. Chegaram aos 60.000 dólares por mês. A somar ao mealheiro estavam os bancos que emprestaram aos Medders outros 730.000 dólares. Não estavam a esbanjar tudo neles próprios. Num mês deram uma festa de caridade para crianças deficientes; no seguinte, uma festa em honra de Jeane Dixon, com receitas para a sua fundação Children to Children [De Criança para Criança].

Nessa festa, em novembro de 1966, a Sra. Dixon recorda-se de avisar Margaret Medders de que o dinheiro que agora jorrava secaria de repente. Se a Sra. Medders prestou alguma atenção ao aviso, tal não foi aparente. No mês seguinte, ela alugou um comboio especial para trazer as suas filhas e os seus

colegas de turma para o rancho para uma festa de Natal que teria feito Scrooge gritar. Esse foi o último grande esbanjamento. Os Medders viviam de dinheiro emprestado e tempo emprestado. Logo um ano antes — em 1965 — o Supremo Tribunal dos EUA tinha rejeitado a alegação de que os Medders eram herdeiros da fortuna petrolífera de Spindletop.

Agora eram pobres mais uma vez — e com uma dívida de 3 milhões de dólares. A história bumerangue da pobreza-à-riqueza-à-pobreza veio a lume em 1967, quando Margaret Medders foi levada a tribunal por um parente que acusou Margaret e Ernest de estarem a gastar uma parte da herança sobre a qual ela e cerca de outras 200 pessoas tinham uma reclamação. Então Margaret admitiu que nunca houve uma herança e que ela tinha estado a viver do dinheiro de outras pessoas. Indiciada por passar um cheque sem cobertura de 5.600 dólares, Margaret foi considerada culpada e recebeu uma pena suspensa.

Ernest aceitou a falência, mas, ao abrigo de uma lei do Texas, foi-lhe permitido manter o seu rancho de 187 acres, todos os móveis — incluindo bananeiras de plástico — e todas as suas roupas. Hoje, os Medders vivem de investimentos da venda do seu rancho de 425.000 dólares e de um cheque de Segurança Social de 261 dólares por mês. Mas em vez de vinte criados, têm de se contentar com uma secretária pessoal, um gestor de escritório, um cozinheiro, um mordomo, duas empregadas domésticas e um motorista.

A revista Life escreveu sobre eles a 7 de abril de 1967, num artigo intitulado "3.000.000 Sham... How Mr. and Mrs. Medders Amazed Texas," e o autor David Nevin disse em parte: "Em cinco anos vertiginosos, os Medders consumiram quase 3 milhões de dólares numa onda de gastos que ludibriou não apenas as freiras, mas todo o estado do Texas, também. Agora que a história veio a público, muitas das pessoas ricas e poderosas que os conheciam ainda acham impossível acreditar. Os Medders deram um passo além de Walter Mitty ao transformar a fantasia em falsa realidade — embora, pelo seu valor aparente, parecessem saídos diretamente de Giant [Gigante] de Edna Ferber."

Entre os enganados e desiludidos está o Padre Edward Cleary. Como pároco da paróquia de S. Paulo em Memphis, ele fora levado a acreditar que o casal rico lhe daria 3 milhões de dólares para pagar a dívida da paróquia. Ele nunca viu um cêntimo. Quem lhe disse que eles lhe dariam o dinheiro? Ele diz que foi Jeane Dixon. E acredita que este é um caso onde os poderes psíquicos da Sra. Dixon falharam.

Durante anos após a sua bolha ter rebentado, Ernest e Margaret Medders mantiveram um perfil baixo e qualquer repórter empreendedor que os localizasse descobria que tinha chegado a duas pessoas que não falavam. Então, seis anos

após o seu julgamento, Margaret escreveu um livro. The Medders Story [A História dos Medders], com o subtítulo "Como pedir emprestado 3 milhões de dólares sem garantias e Como sobreviver à adulação, honra, coscuvilhice, condenação, riquezas e pobreza". Ela própria o publicou. Alguém por dentro descreve-o como "razoavelmente preciso e totalmente não informativo".

O New York Times de 16 de setembro de 1973 descobriu que Margaret estava disposta a falar sobre o seu livro após anos de silêncio autoimposto. Citaram-na dizendo: "Somos apenas pessoas pobres que acreditaram em advogados quando estes disseram que herdaríamos 500 milhões de dólares e, quando se acredita nisso, não importa quanto se gasta... Neste momento parece difícil acreditar que tudo aconteceu realmente. Não, não sinto falta nenhuma. Fomos pobres muito mais anos do que fomos ricos. Só desejava que tivéssemos recebido os 500 milhões de dólares." Para descobrir que papel Jeane Dixon tinha desempenhado na história dos Medders, questionei Margaret Medders; o seu filho Frank; o Padre Edward Cleary; Carl Webb, um advogado e gestor não oficial dos Medders durante os seus anos de riqueza; e a própria Sra. Dixon. Falei com Margaret Medders a 19 de setembro de 1973. Ela disse-me que a primeira coisa que soube de Jeane Dixon foi quando o Padre Cleary lhe enviou uma cópia de A Gift of Prophecy. O seu filho Frank 92 Jeane Dixon: As Testemunhas

Medders, então com dez anos, tinha um problema de leitura causado por dislexia e o Padre Cleary sugeriu que a Sra. Dixon, que aparentemente tinha um dom de cura bem como de profecia, poderia ser capaz de ajudar o Frank. Tal como centenas de milhares de outros, Margaret Medders ficou impressionada com o livro — mas quando o Padre Cleary disse que tinha contactado Jeane Dixon e ela estaria disposta a ver o Frank, Margaret teve medo de que ele fosse. Iria a Sra. Dixon prever alguma tragédia para o Frank ou outros membros da família? Ela reprimiu os seus medos e foi com o Frank. Ernest foi também. Tal como o Frank recorda, o Padre Cleary encontrou-os no aeroporto de Washington e levou-os para um motel.

Jeane apareceu na manhã seguinte e disse que gostaria de falar com o Frank sozinha. O Frank foi à casa dela, onde Jeane lhe pegou na mão, explicando: "Não estou a ler a tua palma, mas recebo vibrações das pessoas desta maneira." O Frank lembra-se de ela dizer que o seu problema de leitura diminuiria (diminuiu) e que ele teria uma grande discussão com os seus irmãos e irmãs (teve). Então a Sra. Dixon disse-lhe: "O dinheiro dos teus pais vai ser cortado como uma fonte de água."

O Frank simplesmente não acreditou nesta. "Seria como o Fort Knox falir", disse ele para ela. Ela insistiu que aconteceria, mas que ele não se preocupasse,

pois tudo ficaria bem passado algum tempo. Margaret Medders ainda acredita em Jeane Dixon, mas não na possibilidade de ver os 500 milhões de dólares durante a sua vida. O seu marido, diz Margaret, não perdeu a esperança. Ela recorda: "Depois de termos perdido todo o dinheiro, a Sra. Dixon disse: 'Vão ter muitos problemas, mas vai correr tudo bem. Não vão ter tanto dinheiro como pensavam que iam receber, mas terão dinheiro, e não precisam de se preocupar'." Vale a pena notar que Jeane Dixon previu ao jovem Frank em novembro de 1966 que o dinheiro dos seus pais seria cortado. Um ano antes, o Supremo Tribunal do Texas, pela sua decisão negativa, tinha tornado tal evento uma conclusão inevitável.

Assim, a Sra. Dixon poderia ter tido acesso normal a essa informação, através de um jornal ou por passa-palavra. Se Margaret Medders manteve fé em alguém após as suas desilusões — foi em Jeane Dixon. Ela diz: "Todos amamos a Jeane e achamos que ela é uma pessoa maravilhosa. Ela disse ao Frank que ele inventaria algo que seria benéfico para a humanidade. E isso está no futuro. Ela fez apenas um trabalho maravilhoso para ele. Dedicou-lhe mais tempo porque ele era tão pequeno. Ela gosta muito de crianças."

O Padre Edward Cleary, que apresentou os Medders a Jeane Dixon, é a próxima testemunha. Padre Edward Cleary (entrevistado a 11 de outubro de 1973 e 25 de novembro de 1973):

Tinha ouvido falar de Jeane Dixon há já bastante tempo. Eu tinha um problema e disse: "Bem, não sei a resposta para isto e não conheço ninguém que me possa dar a resposta, e se a Jeane Dixon consegue ver por trás das coisas..." Ela tinha essa reputação... Entrei em contacto com ela, perguntei-lhe sobre isso. Encontrámo-nos na Catedral de S. Mateus em Washington, D.C., uma manhã na Missa. Tomámos o pequeno-almoço e falámos sobre o aparente dom de profecia dela e sobre o meu problema.

O resultado final foi que a Jeane não produziu resultados. Sei de vários casos em que ela lidou com outras pessoas e acertou em cheio. No que me dizia respeito e aos problemas que eu tinha, diria que houve talvez uns 5 por cento de precisão. Estas coisas não eram sobre mim pessoalmente, mas sobre condições em que eu estava metido. Eu queria a opinião dela sobre se deveria continuar com elas, se faziam sentido. Fui bem engodado.

Brian: Quando esteve no Hotel Rivermont com o Monsenhor Shea e os Medders, foi nessa altura que recomendou que o filho dos Medders, Frank, fosse ver a Sra. Dixon?

Padre Cleary: Recomendei que a mãe dele, Margaret Medders, fosse ver a Sra. Dixon, porque a Margaret queria pedir algum dinheiro emprestado. Eu não

estava muito seguro quanto à Margaret nessa altura. Havia todo este dinheiro a fluir, por isso devia haver algo aqui. Foi aí que a Jeane entrou na história. Eu trouxe os Medders lá — queria que a Jeane Dixon visse se conseguia dizer se os Medders eram genuínos ou não, se isto era um facto. Incidentalmente, ela achou que eles eram genuínos.

Os Medders eram seus paroquianos?

Padre Cleary: Não, eu estava ligado à Margaret Medders através do Carl Webb e da Pat Webb. O Carl era o gestor dos Medders no Texas. A Margaret Medders prometeu-me 3 milhões de dólares para pagar a dívida da paróquia, por isso eu estava muito interessado, de verdade e de certeza.

Ora, nesta altura de que estamos a falar, os Medders esperavam receber 500 milhões de dólares; é correto?

Padre Cleary: Eles esperavam, diziam eles, algo como 4 mil milhões de dólares; mas era isso que estavam a usar como o seu ângulo para pedir dinheiro emprestado. E de facto pediram emprestado mais de 3 milhões às freiras, e muito também a parentes e amigos.

Se pediram 3 milhões emprestados às freiras, porque haveriam os Medders de querer perguntar a Jeane Dixon a quem mais poderiam pedir dinheiro emprestado?

Padre Cleary: Porque a Margaret sabia muito bem que chegaria o momento em que seriam expostos. Estavam à procura de novas vias de dinheiro baseadas no que eram capazes de obter das freiras naquela altura.

Compreendo pelo Frank Medders que, quando ele foi à Sra. Dixon, ela previu que o dinheiro ia secar de repente.

Padre Cleary: Balelas! Se assim foi, o Frank foi o único que teve essa informação.

Ela disse-lhe que o dinheiro secaria como uma fonte.

Padre Cleary: Foi tudo conversa. Sem realidade. A Jeane deu uma palestra a cerca de 10.000 pessoas em Harrisburg, Mississippi, dizendo que isto ia acontecer [a doação de 3 milhões de dólares]. Ela estava a falar da paróquia de S. Paulo. Não havia a mínima hipótese — porque o dinheiro nunca existiu. O Carl Webb foi quem finalmente desmascarou tudo.

Nunca recebeu o dinheiro?

Padre Cleary: Claro que não. O dinheiro nunca existiu.

De onde era suposto vir o dinheiro?

Padre Cleary: Poço de petróleo no sul do Texas. Algum conto de fadas sobre o velho Reuben Medders estar ligado de alguma forma ao Ernest. O governo estava a forçar os fundos fiduciários a encontrar herdeiros.

Porque é que Jeane Dixon esperava que o senhor recebesse 3 milhões de dólares dos Medders?

Padre Cleary: A Margaret disse à Jeane Dixon que me ia dar os 3 milhões para pagar a dívida da paróquia. Jeane Dixon acreditou nela.

Está divertido com toda esta situação ou está chocado?

Padre Cleary: "Instruído" é a melhor palavra. Foi um grande jogo, excitante, delicioso — toda a antecipação de dinheiro grande. Quando a Margaret e o Ernest começaram a mostrar as suas verdadeiras cores, ficámos suspeitos. A Margaret estava sempre a proteger a fonte, as Irmãs. A Margaret nunca deu uma única nesga de informação sobre as Irmãs do hospital lhe estarem a emprestar dinheiro na esperança de futuras doações, porque isso teria sido o fim da dança. Tudo o que se sabia com certeza era que milhões estavam a ser gastos pelos Medders. Eles falavam em termos de uma herança de 4 mil milhões de dólares.

Havia um pequeno advogado lá em baixo no norte do Mississippi que lhes dava informação legal suficiente para tornar tudo credível. Mas foi uma fabricação do princípio ao fim. A Margaret não deixava ninguém falar com este advogado. O Carl Webb finalmente chegou ao fundo da confusão e descobriu que tudo era um engano e uma fraude e denunciou-o. Foi o fim. A chave da questão era este advogado no Mississippi. Quando ele foi encontrado, toda a fraude acabou.

Sabe, a Margaret Medders escreveu um livro sobre isso.

Padre Cleary: Não me dei ao trabalho de acabar a primeira página. O mesmo velho engano. Creio que tudo começou por uma série de pequenas coincidências. A Margaret foi astuta desde o início. Não aceito a crença de que ela pensasse que alguma vez ia receber o dinheiro. O advogado alimentava-a com legalismos suficientes para que ela se pudesse mexer. Ela foi às freiras, fez grandes promessas e logo começou a receber dinheiro. Ela nunca mais ia largar depois daquele primeiro gosto de dinheiro grande.

Porque acha que as freiras foram tão ingénuas? Não tinham aconselhamento de especialistas?

Padre Cleary: Não. Agiam com base nos seus palpites.

Deus não foi muito bom para elas.

Padre Cleary (ri-se silenciosamente): Deus é sempre bom. As pessoas é que cometem erros. As freiras estouraram três milhões.

Haverá muito mais de onde esse veio?

Padre Cleary: Não sei. Com certeza estão três milhões atrás. Elas iam construir hospitais. Suponho que haja menos um hospital nesta nação.

Pensei muito seriamente que o senhor ia ser uma testemunha dos poderes milagrosos de Jeane Dixon.

Padre Cleary: Quem me dera poder sê-lo.

Mas ela previu as mortes dos três astronautas. A testemunha disso, Jean Stout, é enfática.

Padre Cleary: Não tenho dúvidas de que coisas dessas aconteceram. Eu estava em Washington, D.C., um dia, quando a Jeane Dixon falava a um grupo de miúdos. Ela focou-se numa miúda e leu-a como um profissional leria. Ela captou-a. Mas comigo [ri-se], a história é outra.

Quando diz "leu-a como um profissional", o que quer dizer?

Padre Cleary: Alguém que se consegue sintonizar psiquicamente, que consegue dizer o que se passa dentro de uma pessoa, que consegue traduzir vibrações em linguagem.

Portanto, acha que a Jeane Dixon é vidente?

Padre Cleary: Com certeza. Mas não com as coisas com que estávamos a lidar — ela simplesmente não o tinha para isso.

E não acha que ela foi vidente no que diz respeito aos Medders?

Padre Cleary: Zero.

Mas suponha apenas que o Frank tem razão e que ela lhe previu mesmo que o dinheiro ia parar como uma fonte a secar...

Padre Cleary: Eu diria que, se ela disse isso, então estava a jogar em várias frentes. Ela dizia a uma pessoa que haveria imenso dinheiro; dizia a outra que haveria algum; dizia a outra que não haveria nenhum; dizia a outra que estaria a secar. Nós estávamos a tentar obter dinheiro emprestado para os Medders naquela altura e a Jeane achava que eles eram pessoas boas e honestas. Ponto final. Não eram.

Foram processados?

Padre Cleary: Ela foi julgada e condenada, recebeu uma pena suspensa. O registo está em Muenster, Texas.

Acredita em capacidades psíquicas?

Padre Cleary: Sim.

Na existência de um diabo pessoal?

Padre Cleary: Há pessoas que são diabos.

Acredita no espírito do mal?

Padre Cleary: O espírito é necessário para a existência tanto do bem como do mal.

Então não acredita em possessão diabólica?

Padre Cleary: Há casos verificados dos fenómenos daquilo a que se chama possessão diabólica. Não aceito as explicações habituais para estes fenómenos.

Os fenómenos talvez fossem insanidade?

Padre Cleary: Poderiam ser. Todo o tipo de coisas estranhas a acontecer, levitação e tudo o mais.

Acha que a levitação é possível?

Padre Cleary: Definitivamente.

Alguma vez a testemunhou?

Padre Cleary: Nunca a testemunhei, mas pessoas em quem eu confiaria testemunharam, e escreveram sobre isso, e não vejo razão para duvidar de que o viram; como no processo regular de exorcismo.

Surpreende-me. Deixou-me bastante atordoado. É um padre paroquial?

Padre Cleary: Fui o pároco de S. Paulo aqui em Memphis de 1954 até 1968. Tive um ataque cardíaco nessa altura e estou agora — aos sessenta — oficialmente reformado. Antes disso, tive cinco anos na Força Aérea e dez anos como padre paroquial na catedral em Nashville. Estou em boa situação e está tudo bem no mundo.

O que pensa de Jeane Dixon e dos seus poderes ou falta de poderes?

Padre Cleary: A Jeane é um ser humano delicioso, adorável e deslumbrante. Agradável, extrovertida, dá do seu tempo, é muito agradável estar com ela. Nas minhas relações pessoais com ela sobre coisas onde eu contava com a sua perícia

e capacidade de ver coisas que eu não conseguia ver, achei que ela foi quase um fracasso completo.

Já foi capaz de lhe dizer isso?

Padre Cleary: Não preciso de lhe dizer. Ela sabe-o. Estive em Washington durante quatro meses este ano. Tentei entrar em contacto com ela várias vezes. Por acaso encontrei-a na rua. Ela disse: "Olá, como estás? Vamos encontrar-nos." Fiquei com a impressão de que ela me estava a evitar.

Acha que ela é honesta?

Padre Cleary: Acho que ela tem algum fingimento nela. Não diria que ela é de todo desonesta.

Suponho que todos tenhamos algum fingimento em nós.

Padre Cleary: Sabe, se tem uma reputação, normalmente vai aproveitar o melhor dela, e as coisas que de certa forma puxariam a sua reputação para baixo, bem, vai empurrá-las para um canto. Eu fá-lo-ia. Você fá-lo-ia. Toda a gente que conheço o faz.

Acha que o que a Jeane Dixon chama as suas revelações de Deus são, de facto, isso?

Padre Cleary: Claro que não. Acho que são sintonia psíquica. Coisas da mente. Não vejo qualquer espiritualidade nisso. Qualquer pessoa que afirme ter uma linha direta com Deus está iludida.

Qualquer cristão que reza não acredita que tem uma linha direta com Deus?

Padre Cleary: Apenas num sentido muito limitado. Deus não comunica com seres humanos através de imagens, ideias, palpites, frequências psíquicas, sentimentos, etc.

Deus comunica com o Papa?

Padre Cleary: Claro que não.

O senhor é um padre bastante liberal, não é?

Padre Cleary: Sou um John Bircher.

Mas eu pensava que um padre católico romano ortodoxo acreditava que o Papa é o mensageiro de Deus na terra.

Padre Cleary: Nos ensinamentos da Igreja, o Papa é o vigário de Cristo na terra. Isto não significa que ele tenha uma linha direta com Deus. O Nosso

Senhor pode entrar ali e mover e inspirar. A questão da infalibilidade é outra coisa.

Mas não há bastantes padres que acreditam que o Papa tem, de facto, uma linha direta com Deus?

Padre Cleary: Eu diria que sim. Essa seria a crença pessoal deles. O ensinamento católico ortodoxo é outra coisa.

O senhor é liberal na sua religião e conservador na sua política.

Padre Cleary: Sou conservador em tudo.

Para explicar o problema: estou a tentar ser objetivo; encontrei a Sra. Dixon várias vezes; gosto dela, mas ela nunca me impressionou pessoalmente com nada psíquico, mas as pessoas que entrevistei, várias testemunhas da sua capacidade, deixaram-me bastante espantado. São pessoas inteligentes, e não creio que estejam a mentir ou enganadas...

Padre Cleary: Eu não faria uma declaração sobre nada que não fosse a minha experiência direta.

Então qual seria o seu melhor palpite sobre o que aconteceu realmente quando o Frank Medders diz que a Jeane Dixon lhe disse que o dinheiro deles ia secar, que a dislexia dele passaria e por aí fora? Acha que ele não se está a lembrar com precisão?

Padre Cleary: Eu diria que, se ela disse isso — não diria que não disse — se ela disse isso, ela disse definitivamente o oposto a mim. Ela disse que o dinheiro estava lá. Disse que eu ia receber três milhões dele.

Quando aconselhou a Margaret Medders a ver a Jeane Dixon, a Sra. Medders já tinha pedido 3 milhões de dólares emprestados às freiras?

Padre Cleary: Ela tinha pedido cerca de um milhão e o dinheiro estava a entrar depressa. Ela estava a gastá-lo como alguém que tinha fundos ilimitados. Ficámos todos muito impressionados e quisemos entrar na jogada.

Quero usar isto porque quero ser objetivo.

Padre Cleary: Estou apenas a ser muito direto consigo porque não tenho qualquer querela. Fui um grande totó. Aprendi muitíssimo com essa experiência.

Não está amargurado?

Padre Cleary: De modo nenhum. Aprendi imenso. Estou muito grato por ter sido enganado e feito de totó, porque não o fui desde então.

Aprendeu que a maioria das pessoas é gananciosa?

Padre Cleary: Não tanto. Houve bastante caridade cristã sólida entre alguns. Grande humanitarismo entre alguns poucos. Mas a vasta maioria foi atrás do dinheiro.

Mas a Sra. Medders disse-me — sei que o senhor não confia nela — que eles mantiveram a maioria dos seus velhos amigos, mesmo depois de terem perdido todo o dinheiro.

Padre Cleary: Ho, ho, ho, ho!

O advogado Carl E. Webb, descrito como gestor dos Medders pelo Padre Edward Cleary, não quis falar sobre os Medders — mas estava disposto a discutir Jeane Dixon:

Advogado Carl E. Webb, 28 de março de 1974:

Estive em Washington em várias ocasiões e estive lá durante uma semana inteira numa ocasião e fui à missa com a Sra. Dixon, e sentei-me com ela no seu escritório e abri o correio dela durante quatro, cinco dias numa ocasião.

Ela previu-lhe algo que se tenha concretizado?

Webb: Na verdade não, eu não sou uma pessoa do tipo muito místico de qualquer forma. Eu não seria o tipo de pessoa que procuraria esse tipo de coisa. Seria um pouco cético e suponho que, como digo, sou assim por natureza. De qualquer modo, uma pequena coisa interessante, um pormenor: a Sra. *Dixon* disse-me numa ocasião que eu era muito sujeito a ferimentos na mão. E a minha mulher e eu rimo-nos disso frequentemente, porque, por um lado, há cerca de doze anos tive ferimentos muito graves na mão num acidente de automóvel e frequentemente, desde então, parece que sou o tipo de pessoa que não consegue fazer nada sem ferir a mão.

Havia alguma evidência, quando ela o viu, de que a sua mão tinha cicatrizes ou algo do género?

Webb: Não, não havia.

Isso é notável, não é?

Webb: Sim, é notável.

Acha então que a *Jeane Dixon* tem "qualquer coisa"?

Webb: Sim, acho que ela tem um dom, até certo ponto.

Jeane Dixon sobre os *Medders*:

Não foi apenas o advogado muito velho que convenceu os *Medders* de que eles receberiam a fortuna de *Spindletop*. Havia um outro advogado, muito reputado, a representá-los também. E com base nisso os *Medders* conseguiram pedir empréstimos a bancos. A *Margaret Medders* tinha intenção de dar ao Padre *Cleary* os 3 milhões de dólares. Estava na mente dela fazê-lo — até que, claro, não teve nenhum para dar. Continuo a acreditar que os *Medders* receberão uma grande quantidade de dinheiro, mas não tanto quanto esperavam; não os 500 milhões de dólares.

14 "Proud Clarion Vencerá o Derby do Kentucky"

O Homem mais Rico do Mundo Pede a *Jeane Dixon* para o Ajudar a Ganhar Mais

O meu telefone tocou. *H. L. Hunt* estava na linha. A sua secretária tinha passado a minha mensagem de que eu estava a escrever um livro sobre *Jeane Dixon* — e ele estava disposto a discutir os seus encontros com ela. Ele morreu um ano depois da entrevista. Comparações parecem necessárias para visualizar quão rico *Hunt* era. A sua empresa, por exemplo, produziu mais petróleo na Segunda Guerra Mundial do que todos os países inimigos juntos. E especialistas educados diziam que, se ele tivesse dado a 4.000 pessoas um milhão de dólares a cada uma, *Hunt* ainda teria tido o suficiente para se chamar bilionário.

Ele vivia numa réplica do *Mount Vernon* de *George Washington*, exceto que a casa de *Hunt* era maior. No entanto, em muitos aspetos vivia modestamente, levando o seu almoço para o trabalho num saco de papel. Partilhava com *Aristotle Onassis* — o único outro bilionário com quem falei — uma voz calma e sem ênfase — a de um homem que nunca precisa de gritar para ter atenção. Disse-lhe que gravaria a nossa conversa para evitar qualquer citação errada, verifiquei se o equipamento estava a funcionar e depois limitei-me a ouvir.

Este é o testemunho de *H. L. Hunt*, dado a 4 de março de 1974:

Conheci *Jeane Dixon* pela primeira vez na primavera de 1967, quando ela deu uma palestra a 380 esposas de oficiais do exército em Fort Myer, Virgínia. E eu fui com ela. Ela começou a falar sobre cavalos e alguém na assistência perguntou-lhe qual cavalo venceria o *Derby* do Kentucky, que se realizaria no sábado seguinte. Ela respondeu: "Será o *Proud Clarion*, na posição de partida sete." Ora, as posições de partida nem sequer tinham sido decididas ainda. Havia catorze cavalos na corrida, portanto as probabilidades de o *Proud Clarion* sequer ficar com aquela posição de partida eram de treze para uma. Naquele sábado, assisti ao *Derby* na televisão e vi que ao *Proud Clarion* tinha sido dada a posição de partida sete. E — escuso de acrescentar — o *Proud Clarion* venceu a corrida,

pagando 62,20$ por um bilhete de 2$. Essas são probabilidades de 30 para 1. E as probabilidades de 30 para 1 multiplicadas pelas de 13 para 1, tornam as probabilidades contra a concretização de toda a profecia de 390 para 1.

Mas algumas das profecias de *Jeane Dixon* concretizaram-se contra probabilidades muito maiores do que essas. Houve uma altura em que eu estava a considerar licitar com um consórcio de outros operadores petrolíferos num negócio de petróleo. Antes de entrar no negócio, pedi o conselho da *Jeane*. Ela previu que inúmeras complicações e problemas se desenvolveriam no projeto. Haveria controvérsias e disputas problemáticas, avisou ela. Optei por não licitar. E as previsões dela revelaram-se verdadeiras. Todo o tipo de problemas se desenvolveram naquele negócio, e eu não fiz parte dele. Porque descobri, nesta e noutras ocasiões, que o conselho dela era sempre construtivo, liguei-lhe sobre outro projeto importante.

Há cerca de quatro anos, eu estava a considerar fazer uma licitação numa área *offshore* de 5.000 acres. Havia uma série de lotes desse tipo disponíveis e os meus geólogos informaram que quatro deles mereciam consideração. Pedi o conselho da *Jeane*; qual deles se revelaria o melhor de todos? Ela disse-me para licitar por um lote específico — o número 207 — e para garantir que o conseguíamos. "Não tente comprá-lo por uma ninharia", disse ela. "Licite alto o suficiente para ter a certeza de que o conseguirá."

Segui o conselho dela. A nossa licitação foi substancialmente superior à do licitante seguinte mais alto. Portanto, conseguimo-lo. E esse lote 207 revelou-se o melhor em toda a área. Foi um lote enormemente lucrativo. Apenas quatro anos desde que o conseguimos, creio que já se pagou a si próprio. Embora eu não tenha apostado naquele vencedor do *Derby* do Kentucky que ela previu, nunca deixei de seguir o seu conselho desde essa altura. Como vidente ela é fantástica — e não tem igual. Dizer que as suas profecias são espantosamente precisas, na minha opinião, seria o eufemismo do ano. Acho que *Jeane Dixon* é uma mulher muito notável, e uma boa mulher. Se houvesse algo de muito importante na minha vida ou trabalho por decidir, e as respostas técnicas não fossem satisfatórias, eu valorizaria o conselho dela.

Perguntei a *Jeane Dixon* como obteve o vencedor do *Derby* e as posições de partida.

Jeane Dixon: O nome e o número simplesmente vieram-me à cabeça e soube imediatamente que estavam certos. Quanto ao lote em que lhe disse para licitar — o 207 — meditei durante muito tempo antes de saber que era aquele. Compreendo que rendeu milhões de dólares para ele.

Como responderia àqueles que lhe perguntam: "Porque usa o seu dom dado por Deus para ajudar um bilionário a fazer mais milhões?"

Jeane Dixon: Ajudo todo o tipo de pessoas, mas os jornais só querem escrever sobre pessoas como *H. L. Hunt*. Se viesse ao meu escritório veria as pessoas que eu ajudo, as pessoas pequenas; a encontrar crianças desaparecidas. Hoje, recebi sete cartas sobre jovens desaparecidos. Ontem recebi onze. Lembre-se, num dia, onze. Não tenho tempo sequer para meditar sobre pessoas desaparecidas. Ajudo pessoas pequenas; ajudando-as a ajudarem-se a si próprias, pessoas que não saem nos jornais. Também ajudo os meus amigos. E *H. L. Hunt* é um amigo meu.

Fizeram-me uma pergunta um dia perante uma grande assistência de cerca de três mil pessoas, e suponho que eles estavam contra o *Howard Hughes*. E a pergunta era: "Não acha que a lei deveria mudar na América para que uma pessoa não pudesse construir um império e ganhar tanto dinheiro como o *Howard Hughes*?" Então pensei um momento e disse: "Esta não é uma resposta psíquica. É apenas uma resposta de senso comum. Eu diria que nunca lhes pediria para mudarem a lei, porque se não fosse pelo *Howard Hughes* haveria 340.000 pessoas desempregadas. *Howard Hughes* não o pode levar com ele. E ele vai deixar tudo o que tem para a investigação pré-natal, para que o Espírito Santo possa viver em corpos normais." Disse: "Deveríamos ter mais *Howard Hughes*, para podermos ter mais empregos e haveria mais dinheiro sobrando para a caridade fazer grandes coisas. Portanto, se ele quer ganhar mais dinheiro, deixem-no ganhar mais dinheiro, porque ele não o pode levar com ele."

Acho que uma resposta pragmática a isso seria que o dinheiro que ele tem agora poderia ter sido gasto em investigação pré-natal vinte anos antes — se lhe tivesse sido retirado.

Jeane Dixon: Mas não se pode pegar em todo este dinheiro e dá-lo aos pobres, e deitar abaixo todas as igrejas. Porque os pobres estão sempre connosco. Porque essa é a lei. Porque eles estão neste patamar humano, têm de construir e construir e ganhar e ganhar e ganhar. Pega-se em todas as riquezas de *H. L. Hunt*, junta-se às de *Hughes* e dá-se aos pobres — e quanto tempo duraria?

15 "Diz à Rose para Manter o Bobby Fora deste Hotel"

Morte de Robert Kennedy

As Testemunhas: *James Fahey Estelle Friedrichs Frank Boykin June Wright Erny Pinckert Ira Walsh Tom Swafford*

Antes dos voos de avião na campanha de 1968, *Robert Kennedy* circulava num descapotável aberto e entregava-se às multidões. Era maltratado por estranhos frenéticos e, como era impossível distinguir fãs de inimigos, *Kennedy* dizia aos seus guarda-costas voluntários para serem brandos com todos. Quando as mãos não se estendiam para ele, ele estendia a sua. Os colecionadores agarravam as suas roupas e ele voltava ao seu avião numa noite, molhado de suor, sem gravata, sem botões de punho e sem um sapato, parecendo mais um jovem vadio do que um candidato presidencial. "Não me digam que as pessoas neste país não me amam", disse ele enquanto se deixava cair exausto no seu assento. "Por outro lado, talvez tudo o que quisessem fosse o meu sapato." Uma vez, o repórter da *Associated Press Joseph Mohbat* sentou-se ao lado dele no avião e fez a pergunta que estava na mente de milhões. Será que *Robert Kennedy* alguma vez considerava a possibilidade de assassinato? Sim, disse ele, considerava. Mas não ia mudar o seu estilo de campanha por causa disso. Sentia que tinha de estar perto das pessoas. "Afinal de contas", disse o jornalista de TV *Roger Mudd* a este escritor, "é difícil fazer campanha como um 'candidato do povo' se chegar rodeado por uma falange de capacetes, cassetetes e homens com botas de couro polido."

Portanto, *Robert Kennedy* corria riscos. Alternadamente entusiasmado e exausto, chamando à política "uma aventura honrada" como que para se tranquilizar de que tudo valia a pena, ele aproximava-se do seu objetivo da Casa Branca e, à medida que o fazia, os seus amigos ficavam cada vez mais temerosos por ele. "Sentia-se que ele estava condenado e sabia-se que ele o sentia", disse *Robert Lowell*. E *Jacqueline Kennedy* disse a *Arthur Schlesinger*: "Se o *Bobby* se tornar Presidente, vão fazer-lhe o que fizeram ao *Jack*." *Jeane Dixon* teve premonições de que *Robert Kennedy* seria morto, visões dele a morrer, o sentimento a certa altura de que ele cometeria suicídio, impressões de que um grupo estava a planear a sua morte — mas sentiu que estes eram planos feitos pelo homem e poderiam ser mudados. *RFK* poderia ser salvo, acreditava ela, se ao menos ela conseguisse chegar até ele com um aviso.

As suas muitas tentativas de avisar o Presidente *Kennedy*, segundo testemunhas de primeira mão, tinham falhado. Ela tinha feito o esforço mesmo pressentindo que o assassinato dele era inevitável — o seu destino. Mas o seu irmão *Robert* era outra questão. Ela acreditava que ele poderia ser salvo. A Sra. *Dixon* recorreu a *James Fahey* para obter ajuda. *Fahey*, nascido em *Hell's Kitchen*, em Nova Iorque, e órfão aos dois anos, servira na Marinha no Pacífico Sul durante a Segunda Guerra Mundial, combatendo muito na mesma guerra que o Presidente *Kennedy*. Ele juntou-se ao Presidente quando este estava no Barco *PT 109* e também no Barco *PT 59* durante a campanha das Ilhas Salomão. *Fahey*

era um entusiasta da família *Kennedy*. Como um trabalho sobre-humano de amor, ele tinha analisado cerca de 300.000 páginas de jornais à procura de artigos sobre os *Kennedys* desde 1892 e os dias de *Honey Fitz*, até aos dias de *John* e *Robert*. A coleção de jornais foi então convertida em dezanove rolos de microfilme, e *Fahey* deu o primeiro conjunto à Biblioteca do Congresso e, mais tarde, um conjunto à Biblioteca Memorial Kennedy em Waltham, Massachusetts.

Jeane Dixon não poderia ter escolhido muito melhor do que *James Fahey* para fazer contacto com *Robert Kennedy* por ela. *Fahey* era um homem honesto sem ambições políticas. Os seus motivos eram patentemente puros. O Senador *Kennedy* sabia que ele era um amigo. De facto, ele tinha uma vez autografado o seu livro *Just Friends and Brave Enemies* [Apenas Amigos e Inimigos Corajosos] com as palavras: "Para o *Jim Fahey*, que tem sido um tão bom amigo de todos os *Kennedys*." Embora um autógrafo não seja uma declaração sob juramento, este parecia verdadeiro.

O maior obstáculo, acreditava a Sra. *Dixon*, era o primeiro: conseguir que *Robert Kennedy* a ouvisse. Se a notícia alguma vez passasse de que um político com aspirações presidenciais aceitava conselhos de uma vidente, isso far-lhe-ia perder alguns apoiantes com certeza e levaria os críticos ao escárnio. Isso em si, claro, poderia tê-lo tirado da corrida e, assim, salvado a sua vida; mas é um grande "poderia". O intermediário *James Fahey* tinha escrito um *best-seller* sobre as suas experiências na Segunda Guerra Mundial, *Pacific War Diary* [Diário da Guerra do Pacífico]; e com os direitos de autor construiu uma catedral no sul da Índia, continuando sempre a trabalhar como coletor de lixo para a sua cidade natal, Waltham, Massachusetts.

Mais tarde, em 1970, o Papa Paulo VI concedeu a *Fahey* e à sua mulher uma audiência e disse da sua generosidade: "O que fez durará mil anos." O Presidente *Kennedy* convidou *Fahey* à Casa Branca a 10 de setembro de 1963, quando aceitou uma cópia autografada de *Pacific War Diary '42-45* e autografou uma cópia do seu próprio livro, *Profiles in Courage* [Perfis de Coragem], como se segue: "Para o *James Fahey*, que traz tudo isto de volta." Depois entregou a *Fahey* a sua caneta para ele guardar. *Jim Fahey* levava esta caneta consigo quando conheceu *Jeane Dixon*. Ele tinha ouvido pela primeira vez a Sra. *Dixon* falar quando ela foi entrevistada num programa de rádio de Boston por *Bob Kennedy* (sem parentesco, e também uma testemunha no Capítulo 10), e *Fahey* sentiu intuitivamente que a encontraria um dia. O Presidente *Kennedy* foi morto menos de três meses depois de *Fahey* trocar livros com ele. *Fahey* assistiu ao funeral e regressou ao Cemitério Nacional de Arlington em cada aniversário para colocar flores na sepultura do Presidente. E foi isso que trouxe *Fahey* a Washington vindo de Waltham em setembro de 1965.

Este é o testemunho de *James Fahey*:

Estava a caminhar pela rua quando vi um cartaz na loja de departamentos *Woodward and Lothrop* dizendo que a *Jeane Dixon* estava a autografar o seu livro *A Gift of Prophecy*; por isso entrei na loja. Havia uma grande multidão de pessoas, tão grande que fiquei desanimado e pronto para ir embora. Mas algo me segurou ali e disse-me: "Porque não dás a volta à multidão e vês como ela autografa o livro?" Então dei a volta e fiquei mesmo atrás dela e vi que ela escrevia sempre "Deus te abençoe". Comoveu-me realmente; por isso fiquei lá. Quando a sessão de autógrafos estava quase a acabar, dei-lhe uma cópia do livro dela que eu acabara de comprar e pedi-lhe para o autografar.

Quando lhe disse que a caneta que lhe estava a entregar era a mesma caneta que o Presidente *Kennedy* tinha usado, ela ficou emocionada, sabe. Depois de a multidão sair, tive uma conversa com ela; e foi assim que tudo começou. A minha mulher e eu tornámo-nos muito próximos da *Jeane*; e quando voltamos todos os anos a Washington, visitamo-la sempre. Vi a *Jeane* a 13 de setembro de 1967, e ela deu-me uma cópia autografada de *A Gift of Prophecy* e pediu-me para a dar ao *Bobby Kennedy*. Também me pediu para lhe dar uma mensagem de que ela tinha de o ver sobre algo muito importante. O Senador *Kennedy* era uma pessoa muito fácil de contactar; ele fazia tudo pelas pessoas. Fui simplesmente ao escritório dele, como tinha feito muitas vezes antes, e disse que queria vê-lo; e poucos momentos depois fui mandado entrar. Primeiro, dei-lhe o livro da *Jeane Dixon* e depois disse-lhe abertamente: "Ela quer ver-te. É muito importante."

O *Bobby* estava de pé de frente para mim no seu escritório. Não houve nada senão um longo período de silêncio enquanto ele continuava a olhar fixamente para o chão. Eu não conseguia ler a sua mente, mas sabia que ele não me ia responder naquele dia. Finalmente disse-lhe que tinha outro compromisso para ver o seu amigo, o Senador *Ralph Yarborough* do Texas, e saí. A *Jeane* ficou muito desapontada quando voltei e expliquei o que tinha acontecido. Escrevi ao *Bobby* mais tarde nesse mesmo ano sugerindo que ele encontrasse a *Jeane Dixon*, mas ele não respondeu. Seis meses mais tarde, a 4 de março de 1968, visitei novamente o *Bobby Kennedy* no seu escritório em Washington.

Era mesmo antes do Dia de S. Patrício e eu tinha comprado um presente para ele, uma placa com um brinde irlandês escrito nela. Do lado direito da placa estava uma estátua de S. Patrício e do lado esquerdo estavam as palavras: "Que possas estar no céu meia hora antes de o Diabo saber que estás morto." A senhora na loja que mo vendeu disse: "Aqui está um engraçado." Também me pareceu engraçado, porque os irlandeses têm um grande sentido de humor e gostam de brincar sobre si próprios. O *Bobby* leu-o num estado de espírito muito sério e não

disse uma palavra. Fiquei desapontado. Esperava que ele se risse. A sua reação de silêncio foi a mesma de quando eu lhe tinha dito que a *Jeane Dixon* o queria ver.

Ele limitou-se a olhar para as palavras do brinde durante muito tempo antes de levantar os olhos, e não disse nada. Nesta ocasião, voltei a pedir-lhe para ver a *Jeane Dixon*, mas ele não respondeu. Disse-lhe que gostaria de tirar uma fotografia com ele, e ele perguntou se eu tinha uma câmara. Quando disse "não", ele disse "para não me preocupar", que ele trataria disso e para me encontrar com ele no dia seguinte. Ele estava a voltar de uma reunião quando o encontrei na tarde seguinte nos degraus do Capitólio, e foi lá que tirámos a nossa fotografia juntos por um fotógrafo oficial, creio eu. Isso foi a 5 de março, três meses exatos antes do dia em que ele foi baleado. Vi o *Bobby* pela última vez a 17 de março de 1968, quando ele estava no desfile do Dia de S. Patrício no Sul de Boston. Ele avistou-me na multidão enquanto passava num carro da polícia e gritou: "*Jim! Jim!*" enquanto acenava para mim; e depois desapareceu.

Testemunho de *Estelle Friedrichs*:

Em abril ou maio de 1968, semanas antes de acontecer, a *Jeane* disse-me que tinha visto o local exato onde o *Bobby Kennedy* seria baleado. Disse que seria na Califórnia. Disse que viu sangue por todo o lado e que haveria uma multidão de pessoas à volta dele.

A 4 de abril de 1968, *Jeane Dixon* almoçava no terraço do Hotel Washington, em Washington, D.C., com *Frank William Boykin*, antigo congressista dos EUA pelo Alabama (entretanto falecido), e a sua mulher.

Frank Boykin testemunhou:

Estávamos a almoçar juntos e a Sra. *Dixon* disse que *Robert Kennedy* seria baleado na Califórnia. Ela disse que teve uma imagem clara de que ele seria baleado e ferido, mas não sabia se ele recuperaria. Sei que ela contou a muitos amigos comuns a sua visão mental de que *Robert Kennedy* seria baleado e eles disseram-lhe que seria inútil avisá-lo — que ele não estaria recetivo a tal aviso.

Mas, de facto, *Jeane Dixon* não desistiu de tentar avisar *RFK*, nem *James Fahey*.

Fahey retoma o seu testemunho:

A 27 de maio de 1968, nove dias antes do assassinato, passei pelo gabinete do meu bom amigo *Dave Powers*, no Centro de Registos Federais em Waltham, Massachusetts. É aqui que a Biblioteca Memorial Kennedy está temporariamente localizada. O *Dave* não era apenas um dos assessores da Casa Branca do

Presidente *Kennedy*, mas também um bom amigo. Ele era mais próximo do Presidente *Kennedy* do que qualquer pessoa e estava com ele continuamente, mesmo em Dallas quando ele foi baleado; e o *Dave* também foi coautor do livro sobre ele, *Johnny, We Hardly Knew Ye* [Johnny, Mal Te Conhecemos]. De qualquer forma, corri para o ver porque ele estava a entrar no carro no parque de estacionamento. Disse-me que ia partir para a Irlanda daí a uns dias com *Joan* e *Eunice Kennedy* para a inauguração do Parque Presidente Kennedy na Irlanda. Eu disse-lhe: "Se soubesses o que a *Jeane Dixon* disse sobre o *Bobby Kennedy*, ficarias passado." Ela tinha-me dito que era uma questão de vida ou morte. Expliquei ao *Dave* que a *Jeane Dixon* queria ver o *Bobby* e sugeri que o *Dave* pedisse à *Joan Kennedy*, a caminho da Irlanda, para organizar um encontro entre os *Kennedys* e a *Jeane Dixon*. O *Dave* disse que tentaria.

Em Los Angeles, *Sirhan Sirhan*, um árabe palestiniano, amargamente furioso com o desfecho das guerras israelo-árabes e o aparente apoio dos Estados Unidos a Israel, tinha comprado uma arma e andava a envolver-se no oculto. Olhava fixamente para um espelho, enquanto rabiscava semiconscientemente num caderno a sua intenção de matar *Robert Kennedy*; associando *Kennedy* aos pró-israelitas; escrevendo as palavras repetidamente:

"*R.F.K. must die RFK must be killed R.F.K. must be assassinated*" [R.F.K. tem de morrer RFK tem de ser morto R.F.K. tem de ser assassinado], como se a repetição pudesse impeli-lo ao ato. *Sirhan* acreditava, diz-se, que conseguia mudar as cores da chama de uma vela ao ordenar mentalmente que mudasse e, uma vez, por pensar intensamente, ficou convencido de que acordou a sua mãe adormecida e a dirigiu com a mente para ir à casa de banho. A 28 de maio de 1968, *Sirhan* assistiu a uma reunião do Capítulo *Akhraton* da Antiga e Mística Ordem *Rosae Crucis*, em Pasadena, atraído pela sua crescente fascinação pelo oculto.

Nesse mesmo dia, e no dia seguinte ao de *James Fahey* ter falado com *Dave Powers*, *Jeane Dixon* aterrou no aeroporto de Los Angeles. A sua amiga *June Wright*, uma ex-jornalista, viúva do executivo de relações públicas *Chester Wright* e mãe de um advogado, estava à espera dela.

June Wright testemunha a 31 de janeiro de 1974:

A *Jeane* ia dar uma palestra num almoço perante 400 membros da Auxiliar Feminina da Associação Médica de Los Angeles. Encontrei-me com ela no aeroporto com a Sra. *Ramona Luck*, chefe da auxiliar. Conduzimos até à casa da Sra. *Luck* em Wilshire Boulevard para a *Jeane* mudar de roupa — depois a Sra. *Luck* levou-nos ao Hotel Ambassador. A *Jeane* ia falar na Sala *Embassy*. Estávamos muito atrasadas quando chegámos e, por causa disso, a *Jeane* estava

muito nervosa. Os *Kennedys* estavam todos no Ambassador e também estava a decorrer um enorme torneio de bridge.

O sítio estava apinhado de gente. Antes de entrarmos no Hotel Ambassador, a *Jeane* disse-me: "Porque não ligas à *Rose Kennedy*? Tu conheces-a. Convence-a a vir aqui e ouvir a minha palestra." Não creio que, antes de entrarmos naquele hotel, a *Jeane* tivesse tido qualquer indicação de algo que ia acontecer. Eu disse: "Oh, tu sabes que ela odeia vir a estas coisas. Ela não quer ser vista e não gosta que as pessoas falem com ela nestas alturas." E a *Jeane* disse: "Oh, diz-lhe para pôr uns óculos escuros e vir ouvir a minha palestra." Estávamos tão atrasadas quando chegámos que eu disse: "Vão vocês as duas entrando, porque estamos atrasadas. Eu espero até conseguir o bilhete de estacionamento para o carro." O que eu fiz.

Quando entrei na sala de jantar, estava sentada numa mesa com jornalistas. E a *Jeane* fez-me imediatamente sinal para me juntar a ela no palco. Quando lá cheguei, ela parecia muito perturbada e sussurrou: "Acho que não consigo manter a minha mente no meu discurso. Tudo o que consigo ver é uma nuvem preta do corpo do *Bobby Kennedy* a ir daqui para cima, através do teto." [Ela estava sentada diretamente em frente à porta da cozinha onde o *Bobby* foi mais tarde baleado.] E ela acenou com a mão e descreveu-o como "tipo fumo a subir", creio eu. Percebi que ela queria dizer que ele seria morto.

Claro que eu já a tinha ouvido falar tanto sobre o *John Kennedy* e como ela tinha tentado tantas vezes avisar a Casa Branca para o manter longe de Dallas. O Capitão *George Maines*, um homem de relações públicas que estava connosco, ouviu-a e disse: "*Jeane*, esquece isso. Mantém a mente naquilo a que vieste fazer aqui!" E eu disse-lhe: "Esquece. Esquece simplesmente e continua o teu discurso." Mas ela esteve muito, muito nervosa durante toda a sessão. Quando um dos presentes perguntou se *Robert Kennedy* seria Presidente, ela respondeu que ele nunca seria Presidente dos Estados Unidos. Tinham um novo gerente no Hotel Ambassador que tinha acabado de vir do *Washington Hilton*, em Washington, D.C., e a *Jeane* disse-me depois do almoço:

"Vou dizer-lhe." Eu disse: "*Jeane*, eu não o faria se fosse a ti. Para quê perturbar o homem e deixá-lo nervoso no seu novo emprego?" O *George Maines* também lhe implorou para não mencionar isso ao novo gerente. Por isso, ela não lhe disse nada. Mas continuou a repetir-me, duas ou três vezes, que tudo o que conseguia ver era uma nuvem do corpo do *Bobby Kennedy* a subir pelo teto. O *George Maines* e eu tentámos acalmá-la e convencê-la a esquecer. Mas ela não esquecia. Disse-me: "*June*, porque não tentas contactar a *Rose Kennedy* e lhe

dizes para manter o *Bobby* fora deste hotel? Diz-lhe que há maus presságios aqui." Eu disse que tentaria.

Erny Pinckert, irmão de *Jeane Dixon*, testemunha a 27 de outubro de 1973: Estava sentado na assistência, a cerca de vinte pés de distância da *Jeane*, na segunda fila de mesas. A *Jeane* estava no mesmo estrado e na mesma posição que *Robert Kennedy* quando ele apareceu mais tarde — na noite em que foi baleado. As pessoas perguntaram-lhe se *Robert Kennedy* se tornaria Presidente e ela disse — foi um bocado estranho — ela disse: "Não o vejo."

E alguns dos que estavam à volta da mesa acharam ridículo ela dizer aquilo. E ela meio que fechou os olhos e disse: "Simplesmente não consigo vê-lo..." sabe. E muitos deles não acreditaram. Pensaram que ela o estava a ignorar ou algo assim. Ela disse: "Não consigo ver o *Kennedy*. Ele não está claro na minha visão", e ela meio que fechou os olhos e tentou concentrar-se, para lhes responder. E estavam todos muito ansiosos por saber sobre o futuro dele. Depois eu disse-lhe: "*Jeane*, é um bocado estranho. Afinal ele é o número um dos Democratas." E ela disse: "Simplesmente não consigo visioná-lo, na verdade." Ela disse: "Eu perco-o." Sei que ela estava perturbada naquela reunião e não estava tão coerente como costuma estar. Todas aquelas perguntas feitas pela assistência e ela a não lhes responder, por isso perturbou toda a reunião, todo o almoço, pareceu perturbar tudo. Havia uma espécie de sentimento de inquietação por todo o lado.

***June Wright* retoma o seu testemunho:**

Naquela tarde, depois de nos separarmos, fiquei no hotel [Ambassador] e tentei telefonar à *Rose Kennedy* a tarde toda. Conheço-a há muito tempo. Conheci-a pela primeira vez em Miami, na casa de *Elliott Roosevelt*. Ela estava no Hotel Ambassador naquela tarde com o *Bobby* e o pessoal da campanha. Passei cerca de uma hora e meia a telefonar para o andar de cima para a *Rose* e não conseguia passar da secretária dela.

Continuei a dizer-lhe quem eu era e quão bem conhecia a Sra. *Kennedy*, mas mesmo assim não importava. A Sra. *Kennedy* estava muito ocupada, explicou a secretária. Ela disse: "Vamos verificar e ligamos-te de volta." Liguei pelo menos quatro vezes e depois fiquei ao telefone quase a tarde toda. Bem, simplesmente não aguentei até ao fim, foi só isso. Sabe, quando se vive em Miami e se está em Los Angeles de viagem e se tem amigos à espera para nos levar ao *Chasen's*, não se fica ali a perder tempo tanto tempo, é só isso.

Na noite do assassinato [4/5 de junho] eu estava no Hotel *Hollywood-Roosevelt*, na cama, a ver televisão, e vi tudo acontecer: quando o *Kennedy* saiu e se dirigiu aos seus trabalhadores e lhes agradeceu por tudo o que tinham estado a

fazer e tudo mais e depois — "Bang!" — aconteceu, e eu fiquei tão perturbada que acho que vi televisão por mais uns dez minutos antes de me situar realmente. E depois agarrei no telefone e liguei à *Jeane*. Ela estava de volta a Washington e lá eram três horas da manhã. Sabia que a estava a acordar a meio da noite, mas senti que tinha de lhe dizer. Ela atendeu o telefone meio estremunhada e eu disse: "É a *June*", e disse, "Eu...". E ela disse: "Eu sei, *June*. Eu sei exatamente o que aconteceu. Não tens de dizer nada." Eu disse: "Aconteceu exatamente o que disseste que ia acontecer." Ela disse: "Eu sei." E foi isso.

Brian: Nem sequer lhe disse o que tinha acontecido?

Wright: Ela sabia. Ela sabia exatamente.

Estava convencida?

Wright: Eu sabia que ela sabia.

O que a Sra. *Wright* tinha visto na televisão era *Robert Kennedy* deitado, mortalmente ferido, no chão da cozinha do Hotel Ambassador, enquanto homens lutavam e gritavam, tentando tirar a arma a *Sirhan Sirhan*. *Kennedy* estava a morrer, com uma bala no cérebro, a poucos pés de onde *Jeane Dixon* tinha falado com tanto medo de ver o seu corpo a subir pelo teto — apenas uma semana antes.

Em São Francisco, por volta da uma da manhã de 5 de junho, *Ira Walsh* (ver também Capítulo 12) ouviu num boletim de notícias um relatório de um neurocirurgião sobre o estado de *Robert Kennedy*. Atónito, *Walsh* ligou imediatamente a um amigo em Nova Iorque, o executivo de TV *Tom Swafford*.

Ira Walsh testemunha:

O neurocirurgião estava a falar com uma das pessoas da NBC e disse: "Se não soubéssemos que alguém disparou sobre o Senador *Kennedy*, pareceria que ele próprio poderia ter disparado, porque a ferida é na parte de trás da orelha." Passei-me quando ouvi aquilo e liguei ao *Tom Swafford*. Ele estava em Nova Iorque. Contei-lhe o que o neurocirurgião acabara de dizer e perguntei ao *Tom*: "O que achas disto?" E então ele lembrou-se do que a *Jeane Dixon* nos tinha dito dois anos antes. O *Tom* e eu tínhamos estado a almoçar com ela nessa altura e a *Jeane* parou subitamente de comer e disse-nos que tinha um pressentimento estranho de que o *Bobby Kennedy* se ia suicidar. Isso foi dois anos antes de ele ser morto.

Swafford, um executivo de televisão da CBS, recorda a previsão de *Jeane Dixon* sobre *Robert Kennedy*.

Tom Swafford testemunha a 22 de setembro de 1972:

A *Jeane* disse ao *Ira Walsh* e a mim que não conseguia escapar ao sentimento de que o *Robert Kennedy* se suicidaria. Ela disse-nos: "Continuo a ver uma pistola atrás da orelha dele." Não sei qual de nós ligou primeiro ao outro. Eu tinha-me levantado às cinco da manhã, ansioso por saber como tinha corrido a eleição na Califórnia, e liguei a televisão e toda esta situação estava a passar-se diante dos nossos olhos. Fiquei de pé na sala de estar e a coisa estava a ser relatada pelo *Walter Cronkite*.

Fiquei gelado por todo o corpo, mais pela consciência de que a *Jeane* nos tinha dito isto não há assim tanto tempo, do que pelo horror do que tinha acontecido no Hotel Ambassador. Obviamente, aquela foi uma experiência aterradora e deu à televisão tantos problemas desde então; porque reis e príncipes e imperadores e presidentes têm sido assassinados desde o início dos tempos.

Mas, raios, nunca tinham tido um Senador dos Estados Unidos a morrer nas suas salas de estar antes. Foi apenas uma experiência devastadora para toda a nação e, desde então, todos os problemas que temos, culpam a televisão. Esperei até mais tarde nessa manhã para ligar ao *Ira* — ou ele ligou-me — não sei. Mas ambos nos lembrámos da previsão da *Jeane*.

16 "Casarás no Próximo Ano"

James Fahey Casa-se

James Fahey:

Tinha pedido ao *Dave Powers* para tentar convencer a *Joan Kennedy* a organizar um encontro entre os *Kennedys* e a Sra. *Dixon*. A vez seguinte que vi o *Dave* foi cerca de um mês após o assassinato do *Bobby Kennedy*. Ele estava muito triste quando me disse que simplesmente se lhe varreu da mente porque havia tanto para fazer durante a viagem à Irlanda. Então disse-lhe que a *Jeane Dixon* tinha dito que o *Bobby Kennedy* nunca se tornaria Presidente dos Estados Unidos e ela também previu a sua morte.

Estava a falar com a *Jeane Dixon* no início de 1969 e ela disse-me que eu casaria no ano seguinte. Fiquei muito surpreendido com a previsão e pensei para comigo: "Mas eu não ando com ninguém." Não tinha qualquer intenção de me casar. Tinha cinquenta e um anos na altura e era quase um solteirão convicto. Conhecia a *Adele*, viúva de um comandante naval, mas éramos apenas conhecidos. Tinha-a visto casualmente com amigos comuns. Algumas semanas após a previsão da *Jeane*, convidei a *Adele* para sair comigo; e foi na terceira vez que saímos juntos que me surpreendi a mim próprio ao pedir-lhe para casar comigo. Foi estranho. Não planeei pedir-lha; as palavras simplesmente saíram-me da boca.

Adele Fahey:

Não aceitei o pedido do *Jim* imediatamente. Tinha decidido que só voltaria a casar se o homem fosse certo para mim em todos os aspetos. Na verdade, queria um sinal de que seria correto para mim casar com o *Jim*. Cerca de três meses após o pedido do *Jim*, estava a passar pela pequena capela no *Massachusetts General Hospital*; e tive uma forte compulsão para entrar. Entrei e estava sozinha. As luzes estavam muito baixas, as velas estavam acesas no altar e ouvia-se música. Pareceu-me que algo estava prestes a acontecer — uma cerimónia, talvez. Fiquei ali sentada a olhar para um belo vitral azul acima do altar, à frente. De repente, foi como se eu fosse transferida para outro lugar. Foi como uma mudança de consciência, como um estalar de dedos; e encontrei-me num belo campo ensolarado. Estava rodeado por árvores, como uma floresta, na verdade; e eu não conseguia ver nada através das árvores. Estava de pé no centro do campo; e, enquanto ali estava, de repente vi um veado sair do bosque, parar na borda do campo e levantar a cabeça e meio que cheirar o ar como se estivesse a situar-se. Depois começou a vir direto para mim. Pensei: "Que adorável."

Parou mesmo à minha frente e esticou a cabeça; e eu estendi a mão para lhe tocar no nariz, pensando: "que animal bonito." Então uma voz falou-me. Ora, esta voz estava dentro de mim e também fora — no exterior. Meio que preenchia tudo. A voz disse-me: "Achas que eu levaria alguém até ti que não fosse verdadeiro?" Depois, de repente, o significado de tudo veio-me à mente e associei isto ao *Jim*. Soube que tinha o meu sinal. Tudo desapareceu então e eu estava de volta à pequena capela.

Claro que mal podia esperar para dizer ao *Jim* que queria mesmo casar com ele. Isso foi em maio de 1969 e casámos em julho de 1970 em *Mettupatti*, no Sul da Índia, na igreja construída com os direitos de autor do livro do *Jim*. Foi o casamento de todos os casamentos, com milhares de pessoas lá. Um dia

voltaremos à Índia com a *Jeane Dixon* para dedicar a nossa bela catedral ao Presidente *Kennedy*

e ao Senador *Robert Kennedy*, os dois irmãos cujas mortes *Jeane Dixon* previu. O *Jim* diz sempre que, se ao menos o *Robert Kennedy* tivesse ouvido a *Jeane Dixon*, estaria vivo hoje e seria Presidente em 1976.

17 "Um Homem Branco vai Balear o Governador *Wallace*"

Os Cabeleireiros Dela

Michael Konowaluk:

Cerca de duas semanas antes do *Bobby Kennedy* ser baleado, eu estava a dizer algo sobre ele e a *Jeane Dixon* disse: "Ele vai ser baleado, com duas balas na cabeça." Ela disse-o como se viesse do nada. Não a questionei. Estreito-a sempre quando se concretiza. Digo: "Mais um palpite de sorte." Mas desta vez quase acertou em cheio e, depois de acontecer, fiquei chocado.

Depois, com o Governador *Wallace*, estávamos a discutir algo sobre ele ser baleado e eu disse: "Oh, Deus, espero que não aconteça." Ela disse: "Ele vai ser baleado." E eu perguntei: "Será no Sul?" E ela disse: "Não, a norte da linha Mason-Dixon." Isso foi cerca de seis semanas, talvez mais, talvez menos, antes de acontecer. Perguntei se um homem negro o balearia e ela disse que não, que seria um homem branco. Ela disse que seria terrível, mas que *Wallace* sobreviveria. Disse que isso ficaria com ele durante muito tempo. Não sei como é que isso poderia ser interpretado.

Blase Di Vizio: Tanto quanto me lembro, teve algo a ver com os jornais da manhã.

Tínhamos acabado de ir buscar o jornal e estávamos a falar sobre a eleição, *Wallace* e tudo o resto. E foi aí que ela disse que ele seria baleado. E depois disse que um homem branco o faria. Lembro-me de perguntar se o *Wallace* morreria, e ela disse que não. [*Wallace* foi baleado a 15 de maio de 1972.] Um dia íamos almoçar com ela e uma mulher parou-a na rua. Não sei quem era a mulher, mas ela disse: "Obrigada por me dizer para não apanhar aquele avião, porque aquele avião caiu mesmo." Isso foi há um ou dois anos.

18 Psiquiatra-Mágico

Dr. *F. Regis Riesenman*

Até à data, a investigação mais próxima de um estudo científico dos poderes psíquicos de *Jeane Dixon* foi empreendida por um psiquiatra que é

também um mágico qualificado, o Dr. *F. Regis Riesenman*. Ele é capaz, como mágico, de distinguir entre a leitura de mentes genuína e a variedade de truque em que se utiliza um código, um parceiro ou equipamento eletrónico. Como psiquiatra e neurologista, ele está treinado para detetar o iludido — e o são. De modo que está bem equipado para dizer se *Jeane Dixon* está a alucinar quando vê visões, e se a sua afirmação de que consegue ler outras mentes é válida.

Entre os muitos chamados videntes que ele conheceu e pôs à prova ao longo dos anos, julgou apenas um pequeno número deles como genuínos; entre eles *Peter Hurkos* e *Olof Jonsson*. E quanto a *Jeane Dixon*? O Dr. *Riesenman* ouvira falar da aparente capacidade de *Jeane Dixon* de prever o futuro e estava ansioso por conhecê-la, o que aconteceu em 1961, quando foram convidados numa festa privada. Ali, enquanto ele entretenha os outros convidados com um truque de leitura de mentes que decidira fazer por impulso do momento, *Jeane*

Dixon estava na cozinha com a porta fechada, fora da vista e do alcance da voz, aparentemente a ajudar a preparar o jantar. Ela não entrou na sala, diz o Dr. *Riesenman*, até ele ter terminado o seu truque. Então, recorda ele, ela caminhou até ele e sussurrou-lhe que sabia que ele estivera a fazer um truque de leitura de mentes. Isto surpreendeu-o. Como poderia ela saber? Ela surpreendeu-o ainda mais ao descrever como o truque era feito. O Dr. *Riesenman* concluiu, após rever as possibilidades, que só havia uma forma de *Jeane Dixon* saber o que ele estava a fazer enquanto ela estava fechada na cozinha.

Ela deve, decidiu ele, ter lido a sua mente — e que, ao contrário da sua própria atuação, aquilo não era um truque. A partir dessa altura, o seu interesse por *Jeane Dixon* manteve-se constante. E, felizmente, ele conseguia vê-la frequentemente porque ela vivia perto da sua casa em Arlington, Virgínia. O cientista russo *L. L. Vasiliev*, um fisiologista e investigador pioneiro do paranormal, gozou com o Professor *William James* por se dar ao trabalho de estudar médiuns; dizendo que, na sua opinião, os médiuns ou são emocionalmente perturbados, ou estão a mentir.

O Dr. *Riesenman* concorda que muitos caem nessas categorias, mas que *Jeane Dixon* não é um deles. Embora não possa ser comparado com parapsicólogos como o Dr. *J. B. Rhine* ou o Dr. *Gardner Murphy*, que privilegiam experiências controladas, o Dr. *Riesenman* tem a vantagem de observar os videntes no seu próprio ambiente, trabalhando espontaneamente. Ele manteve uma vigilância apertada sobre *Jeane Dixon* durante treze dos quinze anos em que a conhece.

Brian: Quando calculou a percentagem das profecias de *Jeane Dixon* que se concretizaram, teve em conta todas as previsões publicadas por ela ao longo dos anos?

Dr. Riesenman: Não, calculei os seus canais de comunicação. Se eu conhecer o canal que ela usou quando recebe algo, é 100 por cento em certos canais, e desce até aos 50 por cento noutros canais. A média geral é de 70 por cento. [O Dr. *Riesenman* acredita que a Sra. *Dixon* tem seis canais para obter informação extrassensorial:

(1) o canal mais elevado, uma visão direta;

(2) uma visão breve e indireta;

(3) uma impressão intelectual, ou conhecimento intuitivo;

(4) por meditação;

(5) telepatia;

(6) impressões que obtém ao tocar na ponta dos dedos ou apenas a falar com as pessoas.] Mas não se esqueça de que muitas das previsões que ela coloca nos jornais duas ou três vezes por ano não são realmente previsões baseadas em PES [Perceção Extrassensorial]. São previsões baseadas num conhecimento intuitivo e percetivo, baseadas em inferência racional a partir do conhecimento que ela obtém.

Sabe que os cientistas dizem que a explicação mais simples é a mais provável quando estão envolvidos eventos misteriosos...?

Dr. Riesenman: Exato.

Lembra-se de quando conheceu a *Jeane Dixon* pela primeira vez e acreditou que ela era capaz de ler mentes porque ela sabia que o senhor estava a realizar um ato de leitura de mentes para os convidados na sala de estar, apesar de ela estar na cozinha? Não poderia ter sido possível que a anfitriã estivesse na cozinha com a Sra. *Dixon* e lhe tivesse dito que o senhor fazia truques de leitura de mentes em festas?

Dr. Riesenman: Não, porque a Sra. *Dixon* estava sozinha na cozinha. Ela era a única que não estava na área onde fiz o truque e saiu antes de qualquer pessoa sair da sala. [Após esse primeiro encontro em 1961, o Dr. *Riesenman* não viu a Sra. *Dixon* durante mais dois anos. Então, passou pelo escritório dela e mostrou-lhe uma fotografia da sua família. Entre eles estava a sua filha de seis anos, *Mary Alice*. A Sra. *Dixon*, diz o Dr. *Riesenman*, limitou-se a tocar na fotografia, depois imitou exatamente a forma como a sua filha caminhava, e disse

que a *Mary Alice* não conseguia caminhar adequadamente — não por causa de paralisia cerebral, que era o que se acreditava ser a razão, mas porque as suas ancas estavam deslocadas. O Dr. *Riesenman* discutiu isto mais tarde com especialistas no Instituto de Saúde, onde a *Mary Alice* tinha sido examinada algum tempo antes. Eles disseram que as radiografias tiradas naquela altura tinham indicado que a *Mary Alice* tinha as ancas deslocadas, mas que não tinham dito isto ao Dr. *Riesenman* porque pensavam que ele estava principalmente preocupado com a condição mental dela.]

Quando a Sra. *Dixon* olhou para a fotografia da sua filha e depois imitou o seu caminhar desajeitado, não é possível que, nos dois anos desde que ela o conhecia, algum amigo comum pudesse ter dito à Sra. *Dixon* que o senhor tinha uma filha pequena que caminhava de forma desajeitada?

Dr. Riesenman: Isso poderia ser possível. Mas a Sra. *Dixon* fê-lo de tal maneira — a mesma forma característica como a *Mary Alice* subia e descia as escadas, e como movia o pé esquerdo. Só um médico poderia ter-lhe explicado daquela maneira. Ela viu que havia uma deslocação bilateral de ambas as ancas.

A Sra. *Dixon* usou a expressão "deslocação bilateral"?

Dr. Riesenman: Ela disse: "Ela nasceu com a falta de ambas as cavidades da anca" — que é o que eu, como médico, descreveria como deslocação bilateral.

Acha que a Sra. *Dixon* recebe revelações de Deus e que consegue perceber as coisas por meios extrassensoriais?

Dr. Riesenman: Não há dúvida quanto às coisas extrassensoriais. E quanto às revelações, parece que um par de vezes foram definitivamente revelações, quando ela passou por experiências do tipo consciência cósmica.

O senhor é católico?

Dr. Riesenman: Sim.

Pergunto porque um número, embora não todas as pessoas que têm sido testemunhas dos poderes de *Jeane Dixon*, são católicas. E parece-me que as pessoas que acreditam na oração e em Deus e que têm fé, estão mais abertas ao mundo extrassensorial.

Dr. Riesenman: Isso é verdade. Qualquer pessoa religiosa teria um avanço em

qualquer coisa desse tipo. Todas estas coisas são expressões da alma; a alma psicológica manifesta-se.

Jeane Dixon sobre o Dr. *Riesenman* 27 de novembro de 1975

Brian: Quando encontrou o Dr. *Riesenman* pela primeira vez, ele estava a fazer um truque e a senhora captou-o telepaticamente.

Jeane Dixon: Sim, captei o que ele estava a fazer. Eu estava noutra sala.

Não havia absolutamente nenhuma indicação do que ele estivera a fazer, para que a senhora pudesse ter sido capaz de o dizer por meios normais — como pedaços de papel no chão?

Jeane Dixon: Nada. Veja, enquanto ele o fazia, eu estava a fazê-lo. Por outras palavras, eu estava a fazê-lo com ele. E quando entrei na sala disse-lhe isso e também como o truque era feito. Quando pergunta como estas coisas são feitas, eu digo telepaticamente. Veja, eu estou mesmo ali. O meu canal assume o canal dele, e eu estou a fazer exatamente o que ele está a fazer.

Conhece todos os outros pensamentos dele?

Jeane Dixon: Às vezes sim. Mas, veja, da forma como é, só se pode ter um canal de cada vez. É como um rádio ou uma televisão. Não se consegue captar dois canais.

A pergunta que imagino que as pessoas façam é esta: não é uma coisa trivial ser capaz de captar telepaticamente que um homem está a fazer um truque de brincadeira?

Jeane Dixon: Não acho que seja assim tão trivial. É bastante importante, creio eu.

Mas comparado com quando captou que o *Frank Sinatra, Jr.* ia ser raptado, era trivial. (Ou melhor, que alguém próximo do *Frank Sinatra* estaria em perigo.)

Jeane Dixon: Eu sei. Mas, veja, é a mesma coisa. Eles tinham pensamentos muito fortes. Não é diferente. Era o canal mais forte ali e esse canal chegou até mim.

Mas não concorda que com os raptores teria captado pensamentos emocionais, e os do Dr. *Riesenman* teriam sido mais ligeiros?

Jeane Dixon: Não importa se são emocionais ou o que são — da mesma forma que se captam palavras no rádio e na televisão.

Portanto, não tem forma de filtrar o que é menos importante?

Jeane Dixon: Não. Recebe-se a estação em que se está sintonizado. Agora, digamos que algo cruza essa estação, algo que é mais poderoso, pode cortar essa estação.

Já teve literalmente centenas de ocasiões em que leu a mente das pessoas?

Jeane Dixon: Faço isso todos os dias.

E quando verifica com elas, está quase sempre certa?

Jeane Dixon: Quando verifico com elas. Mas não se fazem coisas dessas. Veja, *Denis*, acho que as pessoas não compreendem. Isso por acaso é um dos meus talentos. É como... imagine um artista que sabe pintar. Ele não se pode sentar a pintar o tempo todo a menos que venda esses quadros. Eu não me posso sentar a fazer isto o tempo todo. Ganho o meu dinheiro a vender imóveis. Tenho de manter isso a funcionar.

Soube que a filha do Dr. *Riesenman* não tinha cavidades na anca, apenas por olhar para uma fotografia dela?

Jeane Dixon: Vi uma fotografia dela — mas assumi o ser dela. Da mesma forma que assumi o ser do Dr. *Riesenman* quando ele estava a fazer aqueles truques. Eu sou a pessoa naquele momento. Não sou eu própria. Não lhe sei dizer o que é que isso é... não sei se existe uma palavra para descrever essa capacidade. Mas quando acontece, consigo sentir-me a mim própria sem quaisquer cavidades na anca. Consigo senti-lo.

Está a fazer algo que poderá ser semelhante à hipnose, talvez, quando assume a personalidade da pessoa.

Jeane Dixon: Sim, é. Sim.

Não só sente como elas estão e como se movem, mas...?

Jeane Dixon: Elas dão-me as suas dores e os seus pensamentos e tudo.

Qual foi o tempo mais longo que já fez isso — que tenha durado?

Jeane Dixon: No minuto em que recebo a resposta — então coloco-me noutro canal para tentar obter a cura.

É uma sensação estranha?

Jeane Dixon: Para mim não é estranha, é a coisa natural. Veja, *Denis*, as pessoas não compreendem isso. É o mesmo que um artista quando vê o quadro que pintou. É tão natural quanto natural pode ser.

19 Vozes do Passado: Irmãos e Irmãs

Tal como *Jeane Dixon* conta, a sua infância foi encantadora. Introduzida na Califórnia ao mundo do oculto quando tinha oito anos, por uma cigana que lhe

deu uma bola de cristal e previu que ela seria "abençoada com o dom da profecia", a jovem *Jeane* começou imediatamente a fazer profecias — que a cigana estava em perigo de se escaldar, que a irmã da *Jeane, Evelyn* (*Pinky*), receberia um avião no seu décimo sexto aniversário, que o seu irmão *Erny Pinckert* seria um grande atleta — tudo o que, diz *Jeane*, se provou verdadeiro. *Jeane* recorda ter conhecido *George Bernard Shaw* na Europa e como ele disse que, além de serem ambos videntes, partilhavam outro dom — "a capacidade de guardar um segredo".

Ela apertou a mão à atriz *Carole Lombard* num salão de beleza de Los Angeles e avisou-a, diz *Jeane*, para se manter afastada de aviões durante seis semanas. Mas a estrela loira ignorou o aviso e morreu num acidente de avião alguns dias depois (em 1942). Filha de um pai indulgente que se reformou aos quarenta e cinco anos, *Jeane* resolveu ser atriz ou freira. Interpretou Maria Madalena em *The Life of Christ* [A Vida de Cristo] no *Hollywood Bowl* e uma dama de companhia em *Midsummer Night's Dream* [Sonho de uma Noite de Verão]. Mas o papel que finalmente escolheu foi o de ser esposa de *James Dixon*.

Ela estivera apaixonada por ele desde que era menina e ficou com o coração partido quando ele casou com outra pessoa. Depois descobriu que ele se tinha divorciado e, apesar de ela ser católica e *Dixon* filho de um ministro metodista, tornou-se a sua segunda esposa pouco antes da Segunda Guerra Mundial. Este tem sido o retrato da juventude de *Jeane Dixon*, refletido na biografia *A Gift of Prophecy* e ecoado nas dezenas de outros livros que a mencionaram e nos centenas, se não milhares, de artigos sobre ela em jornais e revistas por todo o mundo. Seria este um retrato razoavelmente preciso da jovem *Jeane Dixon*? Por que razão nunca houve relatos da jovem *Jeane Dixon* feitos pelos seus irmãos e irmãs? Considerariam eles a sua agora famosa irmã como uma profeta?

Confirmariam ou refutariam a imagem de uma mulher-prodígio em formação? Falei com o irmão de *Jeane Dixon, Curt*, e três das suas irmãs, a Sra. *Elsie Evans*, a Sra. *Evelyn* (*Pinky*) *Brier* e a Sra. *Ella Miller*. Mas aquele que talvez seja mais próximo da Sra. *Dixon* é o seu irmão *Erny Pinckert*, que vive na Califórnia. Antigo defesa-médio *All-American* na Universidade do Sul da Califórnia, jogou pelos *Washington Redskins*. Estava reformado e com sessenta e cinco anos quando o entrevistei a 25 de outubro e 27 de outubro de 1973.

Brian: A *Jeane* era a sua irmã bebé.

Erny Pinckert: Exato. Metendo-nos sempre em sarilhos, porque ela era a preferida da mãe e previa coisas e a mãe impedia-nos de as fazer. Ela não era muito popular entre os seus irmãos e irmãs mais velhos porque contava à mãe e impedia-nos de fazer coisas que queríamos fazer, porque ela sentia que estava

errado. Um dos meus amigos foi baleado no pé e a *Jeane* tinha-me impedido de sair com ele. Ela desligou o despertador de manhã cedo. Eu ia caçar esquilos e nunca cheguei a ir com os dois companheiros. Eles passaram por lá — porque o meu pai era muito severo e rigoroso, e eles não podiam interromper, porque costumávamos sair às seis da manhã. E depois ela impediu uma série de coisas. Ela era a preferida da mãe... Nunca acreditei nessa coisa das previsões, mas ela acertava-lhes muito bem quando era miúda.

Quando diz que o seu amigo foi baleado no pé, a implicação era de que a *Jeane* achava que o senhor também poderia ter sido ferido, se tivesse ido com ele?

Pinckert: Sim. Ele estava a rastejar por baixo de uma vedação e a arrastar a arma, e ela disparou-se. E a *Jeane* disse: "Isso poderia ter sido a tua cabeça ou parte do teu corpo." Ela teve um mau pressentimento [antes de acontecer], veio por volta das duas e meia da manhã e desligou o despertador. E eu continuei a dormir até por volta das sete horas.

Que idade tinha o senhor na altura?

Pinckert: Creio que tinha cerca de dezasseis anos.

Quando diz que o seu pai era rigoroso — ele tê-lo-ia impedido de ir à caça aos esquilos?

Pinckert: Não. Mas os meus amigos teriam vindo e batido à porta ou assobiado ou algo assim para me acordar [tendo a *Jeane* desligado o seu despertador], mas eles sabiam que o meu pai era muito duro nessas coisas, por isso seguiram em frente e foram caçar e deixaram-me.

Recorda-se em *A Gift of Prophecy* de como a sua irmã *Jeane* previu que o senhor seria um atleta maravilhoso? Lembra-se da ocasião em que ela o fez?

Pinckert: Sim, lembro-me disso.

Poderia ela ter previsto isso porque o senhor já era um atleta bastante bom, de qualquer forma?

Pinckert: Bem, não, eu não me dediquei ao desporto até ao liceu; não na escola primária. E a *Jeane* dizia sempre: "Porque não escolhes um dos desportos? Serias bom nisso." E continuou a incentivar-me e, por isso, quando estava no liceu, dediquei-me ao futebol americano.

De acordo com o relato em *A Gift of Prophecy*... a maioria de vós, os filhos *Pinckert*, receberiam carros...

Pinckert: Sim, quando atingíamos a maioridade, sabe. O meu pai deixava-nos conduzir e arranjava-nos um carro.

Lembra-se de a *Jeane* alguma vez prever que a irmã dela, *Evelyn*, receberia — não um carro — mas um avião?

Pinckert: *Pinky*, como lhe chamamos. Sim, lembro-me disso. E lembro-me de quando ela estava a ter aulas e a *Jeane* disse: "Ela vai ter o seu próprio avião." Eu disse: "Isso está fora de questão." Mas, por Deus, ela teve mesmo o seu próprio avião.

Tenho falado com a sua irmã *Jeane* muitas vezes e o que sinto é que, com pessoas de quem ela é muito próxima, muitas vezes faz previsões espantosas que se concretizam. Mas quando faz as previsões impressas, sabe, o General *de Gaulle* vai fazer isto, e a *Jackie Kennedy* não vai voltar a casar, e por aí fora; quando não é alguém próximo dela, provavelmente não se concretiza. Concorda comigo?

Pinckert: Sim. Sei que sobre o apagão, creio que ela o previu um ano antes de acontecer.

Refere-se à falha de energia na Costa Leste?

Pinckert: Exato. Isso foi publicado.

Creio que ela também previu algo para a sua mulher, que também era a melhor amiga dela.

Pinckert: A *Jeane* conhecia-a antes de mim e ela organizou o encontro e disse: "Vais assentar e casar-te." Eu não acreditei nada. Era um solteirão convicto e não pensava que alguma vez me casaria. Jogava futebol profissional. E, por *George*, acabei mesmo por me casar com esta rapariga que era a melhor amiga dela.

Quando ela lhe disse que seria um atleta e o encorajou — acho que ela encoraja muita gente a fazer coisas para as quais sente que têm aptidão, então não é estritamente uma previsão tanto quanto ela ser intuitiva e os encorajar. Concordaria comigo?

Pinckert: Exato, ela fá-lo. Ela era bastante jovem na altura, sabe, quando me dediquei ao desporto. Tinha cerca de sete anos e, creio, andava no jardim de infância.

Conheceu a cigana que, de acordo com *A Gift of Prophecy*, deu à *Jeane* a sua primeira bola de cristal?

Pinckert: Não. Não me recordo disso.

Conheceu o padre jesuíta que lhe ensinou astrologia?

Pinckert: Oh, sim, lembro-me de algo disso. Ele vinha à nossa casa e passavam tempo juntos, na sala de estar. Eu nunca me incomodei... estava ocupado. Nunca acompanhei nem observei o que ela estava a fazer. Veja, ela e a minha mãe eram muito próximas.

Ela fez-lhe alguma das suas previsões famosas, como os assassinatos de *JFK* ou de *Robert Kennedy*?

Pinckert: Falo com ela cerca de uma vez por semana regularmente ao telefone. Ela estava muito preocupada com a ida dele [*JFK*] ao Texas, lembro-me, e ela disse: "Estou tão perturbada com a ida do *Kennedy* e tentei avisá-los e eles não me ouvem." Evidentemente, os *Kennedys* ignoraram a *Jeane* de certa forma. Eles não gostam de previsões.

Quando leu *A Gift of Prophecy* e *My Life and Prophecies* [A Minha Vida e as Minhas Profecias], achou-os um pouco exagerados, exatamente verdadeiros, ou... o que pensou deles?

Pinckert: Entre nós, eu não sou um crente em coisas dessas. Não sou muito de religiões também. Quero ver onde as coisas estão e agora, sabe. Acredito na vida quotidiana. Quanto à PES, não me convence. Talvez seja porque a *Jeane* era tão próxima da minha mãe e nos perturbava a nós, os miúdos, em diferentes coisas. Ela não era tão querida como... Nós amávamo-la, mas ficávamos perturbados por causa de todas estas coisas diferentes.

Se a *Jeane* achava que algo estava errado... e ela era apenas uma miúda e tu és dez anos mais velho... e ela meio que governa tudo; é como uma criança mimada, de certa forma. Muita da nossa atitude por vezes era essa em relação a ela. Mas, quando chegava a altura, amávamos a *Jeane*. Ela é uma rapariga muito doce e era pequena, e claro que éramos todos mais velhos. E se ela governa através da mãe, com as suas ideias e crenças, bem, sabe, tornava as coisas bastante difíceis.

A sua mãe tinha alguma capacidade psíquica?

Pinckert: Não, ela apenas acompanhava a *Jeane* nas coisas, nas decisões, sabe.

Se a *Jeane* lhe desse um aviso, segui-lo-ia?

Pinckert: Acho que seguiria agora. Porque ela previu que eu perderia a minha mulher antes de ela fazer sessenta anos, ou por volta dos cinquenta e cinco. E disse que eu ficaria extremamente doente e que iria apenas recuperar gradualmente. E eu ri-me. Estava na casa dos quarenta na altura. Ri-me e achei

piada. Sentia-me óptimo e pensei que nunca aconteceria. Aconteceu tudo. Perdi a minha mulher. Quase morri três vezes. Tinha cinquenta e sete anos na altura. A *Jeane* disse que antes dos sessenta aconteceria. Ela previu isso dez anos antes de acontecer. Pensei que ela estava a brincar. Tinha-me esquecido completamente. Finalmente, tudo me voltou à memória.

O aviso dela sobre estas duas coisas ajudou-o de alguma forma?

Pinckert: Não, porque eu ignorei-os. Sentia-me óptimo e a minha mulher era maravilhosa. Nunca pensei que ela morreria de cancro... mas morreu.

Mas a *Jeane* não disse "cancro"?

Pinckert: Não, ela disse: "Vais perder a *Mildred* e vais ficar extremamente doente antes dos sessenta." E com certeza fiquei.

Quanto tempo antes de perder a sua mulher é que a *Jeane* o previu?

Pinckert: Cerca de nove anos. E estávamos ambos bem na altura. Estávamos a rir. Estávamos numa festa.

Mas não era algo assustador de lhe dizer, se tivesse acreditado?

Pinckert: Bem, seria. Ainda assim, eu não acreditei nisso. E tinha-me esquecido ao longo do tempo, até que me lembraram disso. A minha filha e eu lembramo-nos distintamente de onde estávamos, e foi uma coisa tão rápida. E a *Jeane* não se alongou sobre o assunto. Eu disse: "Estás a brincar!" Nunca me tinha sentido tão bem na vida e tinha-me retirado do futebol e tudo o mais. E a *Mildred* estava com óptimo aspecto.

O que eu não compreendo é isto: o senhor sabe que ela disse estas coisas e sabe que elas se concretizaram e, como resultado disso, agora segue os conselhos dela; mas, ao mesmo tempo, diz que não acredita.

Pinckert: É terrivelmente difícil. Claro que houve apenas aquelas coisas que aconteceram. E, como digo, eu era jovem e ela era apenas uma miúda. Essas coisas eram perturbadoras. E é por isso que, talvez, eu não a tenha seguido de perto, nem acreditado nas coisas que ela previa; talvez porque, com a minha mãe e connosco, ela era mais ou menos um espinho encravado.

O seu pai era rico?

Pinckert: Tinha uma vida confortável. Tínhamos tudo. Ele estava no negócio imobiliário, mais ou menos. Comprava propriedades e depois vendia-as.

Falei novamente com as irmãs da *Jeane* e com o seu irmão *Curt* em outubro de 1973 antes de voltar ao *Erny*. Tendo sido submetidos às perguntas inquisitivas

de *Daniel Greene*, do *The National Observer*, no qual ele tentava precisar a idade, determinar o número de casamentos e estabelecer a verdade sobre a juventude da sua famosa irmã *Jeane Dixon*, não é de estranhar que estivessem inclinados a ser esquivos às perguntas. Foi isto que disseram:

... A Mãe e o Pai tiveram sempre dinheiro no banco e viviam bem. Tínhamos a maior leitaria... e tínhamos sempre mais do que qualquer um dos outros miúdos com quem eu brincava... A *Jeane* era a rapariga mais doce. A alcunha dela era *Honey* [Querida]. Nunca causou sarilhos. Ela era simplesmente maravilhosa. Era uma boa rapariga. Ainda o é. ... Eu não sabia que ela se tinha casado com um tal *Charles Zuercher*. Tenho uma prima chamada *Lydia* que se parecia um pouco com a *Jeane*. ... Ouça, não vou dizer muita coisa por aqui. Meto-me sempre em sarilhos. ... A *Jeane* foi sempre diferente quando era uma rapariga a crescer. Estava por si mesma, e sempre ao lado da minha mãe. Nunca andava por aí... Foi sempre uma rapariga muito, muito simpática. Era muito sossegada e tinha uma personalidade maravilhosa. Andavam todos atrás dela e ela fugia sempre para se esconder. Era tímida. ...

Valha-me Deus, a *Jeane* fez mais pelas pessoas do que qualquer pessoa de quem eu já tenha ouvido falar. E fico um pouco perturbada com os intrometidos. Se tivesse tempo, gostaria de fazer uma história sobre estas pessoas que escrevem estas histórias. [Ri-se] Acho que precisamos de heróis. Não acho que devamos destruir as pessoas... Não interfiro na vida da *Jeane* de forma nenhuma.

Se ela me dissesse que tinha dezasseis anos, para mim estava tudo bem. Não me podia importar menos. Não é assim tão importante. ... Os meus irmãos e irmãs são ótimos. Tenho um que é dentista. Tenho um engenheiro eletrotécnico... todos eles são ótimos na sua área. Sabe, nasce-se com os parentes, escolhem-se os amigos. E tenho muita sorte em ter irmãos e irmãs maravilhosos. ... A *Jeane* é ótima e dá toda a sua vida às pessoas.

20 O Repórter de Investigação

Nada pelo seu Valor Aparente

Quando soube que *Daniel St. Albin Greene*, um repórter de investigação do *The National Observer*, se estava a focar em *Jeane Dixon*, entrevistei-o e depois enviei-lhe a transcrição. Ele devolveu-a a 4 de janeiro de 1974, escrevendo, em parte: "Editei a transcrição para tornar as minhas respostas mais articuladas e para ser justo com as pessoas que estou a discutir. Algumas secções eliminei-as porque os comentários são ou demasiado vagos ou potencialmente difamatórios. E adicionei algumas respostas para atualizar ou apoiar os meus pontos de vista

sobre os factos que citei." Eu também editei a transcrição da mesma forma e pelas mesmas razões.

Greene: Começou por ser apenas uma biografia da *Jeane*, e eu simplesmente propus-me a desenvolver a história da vida dela, à parte dos vários livros que foram impressos. Li os livros e depois ocorreu-me que eles foram escritos em grande parte apenas com a informação dela, traduzida por escritores fantasma. Falei com a *Ruth Montgomery* e com o *Rene Noorbergen*, e descobri por eles que não tinham feito realmente qualquer investigação independente; limitaram-se a aceitar a história dela conforme ela a contou, e escreveram-na, e agora estão arrependidos de o terem feito. Por isso limitei-me a fazer o trabalho, e descobri algumas coisas que não tinham sido impressas antes, as quais a Sra. *Dixon* nega agora.

Entrevistei muito a *Jeane*, e entrevistei muitos parentes e amigos. Passei por quase todas as bases de que me lembrei... Não perdi muito tempo a entrevistar os empregados dela. Entrevistei alguns deles e acabei por decidir que ninguém que estivesse ao serviço dela ia ser terrivelmente cândido comigo. Certamente não entrei neste projeto com qualquer desejo de denegrir. Entrei nele, tal como você, com um ponto de vista completamente objetivo. Queria ver se havia alguma evidência convincente e persuasiva de que ela tinha feito estas coisas, e a minha conclusão foi que não há.

Falei com pessoa após pessoa, com algum detalhe, e discutimos estes casos famosos de prognóstico. E, para ser perfeitamente franco, não encontrei uma testemunha completamente fiável — uma pessoa que seja reputada, inteligente e racional, e que realmente não tivesse qualquer razão para corroborar o que ela disse. Passei duas semanas a tentar provar ou refutar a história das visitas a *Franklin Roosevelt*.

Contactei a Biblioteca *Roosevelt*; falei com os filhos do *Roosevelt*; falei com o *Jim Bishop*, que está a fazer um livro sobre o último ano do *Roosevelt*; gastei muito dinheiro e tempo, e perguntei a cada pessoa: "Existe alguma forma de provar que a *Jeane Dixon* alguma vez visitou o Presidente no seu escritório e fez estas previsões?" Não encontrei ninguém que o pudesse fazer, e você? [Ver o relato de *Estelle Friedrichs*, Capítulo 5 e Capítulo 25.]

Brian: Fiquei incrivelmente impressionado com o relato da *Jean Stout* sobre como a Sra. *Dixon* previu que os três astronautas morreriam queimados. Não só a *Jean Stout* é enfática que a *Jeane Dixon* o previu, como a Sra. *Stout* disse que manteve um diário, ao qual ela se refere, e não há qualquer ligação de trabalho-para-ela.

Greene: A Sra. *Stout* é uma das amigas mais leais da Sra. *Dixon* em Washington.

O peso das previsões sobre *JFK* e *Robert Kennedy* é espantoso quando se fala com várias pessoas, todas elas dizendo coisas como: "Eu ia a conduzir um carro com a Sra. *Dixon*. Ela ia a conduzir invulgarmente devagar e disse: 'Estou aterrorizada que vá acontecer daqui a um dia ou dois!' e pouco antes do assassinato: 'A Sra. *Dixon* pediu-me para avisar a Casa Branca.' Três dias antes do assassinato do *Bobby Kennedy*, a Sra. *Dixon* está no mesmo hotel e diz à mulher ao lado dela: 'Vejo o corpo dele a passar pelo teto.'"

Greene: Quem é essa mulher?

June Wright.

Greene: Falei com ela: uma amiga de longa data da *Jeane* que acredita em fenómenos psíquicos. Entrevistei uma série de pessoas que a Sra. *Dixon* cita como testemunhas daquela profecia sobre o *Robert Kennedy*. Nem uma das pessoas com quem falei esteve disposta a confirmar o que ela disse, exceto a amiga da Flórida [*June Wright*], que não se poderia qualificar como uma testemunha imparcial.

Pessoas que não poderiam realmente ser ligadas a este mundo de fenómenos psíquicos, tais como a mulher do Senador *Tower*, a mulher que foi a anfitriã dela no Texas, pessoas que estavam em Miami com ela quando era suposto ela ter soltado a profecia sobre o *Bobby Kennedy* durante aquela Convenção do *Kentucky Fried Chicken* — nenhuma destas pessoas está agora disposta a verificar o que ela disse no livro. Falei com o homem que ela cita em duas ou três ocasiões, que mais tarde trabalhou na fundação dela com ela.

Greene: Ele estava no conselho de administração da *Children to Children*. Ele afirma agora que não ouviu as coisas que ela disse. Entrevistei duas pessoas que estavam com ela no Texas quando era suposto a Jeane Dixon ter dito que o Bobby ia morrer, incluindo a Sra. *John Tower*. Nenhuma delas está disposta a corroborar, agora, o que ela disse no livro.

Contactou a *Kay Halle*?

Greene: Sim, e achei-a bastante persuasiva. Mas, desde então, falei com outras pessoas, não só pessoas que trabalharam para a Sra. *Dixon*, mas também pessoas que conhecem algumas das pessoas da Alta Sociedade que a Sra. *Dixon* vive a citar. E elas dizem que a *Kay* não é uma testemunha imparcial. No meu manuscrito, eu disse que a previsão [do assassinato] de *John Kennedy* foi impressionante para mim. Não consegui desmontá-la.

De todas as coisas que investiguei, esta manteve-se como um feito bastante provocador. Sou o primeiro a admitir que há coisas estranhas a acontecer neste mundo que não conseguimos explicar, e esta pode ser uma delas. Mas uma previsão viável ao longo de uma carreira de trinta anos certamente não faz de ninguém um profeta, um mensageiro enviado por Deus.

Falou com *Ivy Baker Priest*, a antiga tesoureira dos EUA?

Greene: Não, não falei.

Ela dir-lhe-á, por exemplo, que a *Jeane Dixon* previu em 1947 ou 1948 que o *Nixon* seria Presidente.

Greene: Pergunto-me quantos outros congressistas republicanos a ouviram dizer o mesmo sobre eles.

Ela manteve-se fiel ao *Nixon* contra ventos e marés... Claro que a dificuldade é que, em tantas destas previsões que ela diz basearem-se em telepatia — saber o que as pessoas estão a pensar num determinado momento — as mentes das pessoas mudam.

Greene: Mas para o racionalista este é o clássico escape — outra forma de dizer: "Se eu estiver errado, há uma razão." Joguei este jogo de tentar provar ou refutar previsões durante algum tempo. Dediquei a maior parte do meu tempo à biografia. Mas dediquei algumas semanas apenas a jogar este jogo de ligar a testemunhas e dizer: "Lembra-se disto?" e por aí fora. A lição geral que aprendi disto — e acabei por me cansar de jogar o jogo e decidi, bem, as coisas são como são — foi que, em cada previsão individual, eu conseguia obter, digamos, uma pessoa que dizia "sim" e uma pessoa que dizia "não", às vezes duas pessoas que diziam "sim" e duas pessoas que diziam "não", e por aí fora. Nunca conseguia obter um acordo unânime. Obtinha recordações vagas, desacordos sobre o que foi dito exatamente e, por vezes, contradições absolutas.

Chegou a falar com *H. L. Hunt*?

Greene: Não, mas citei algo seu dizendo que ele tinha ganho muito dinheiro com as previsões dela.

Não cobriu o facto de a *Jeane Dixon* ter previsto corretamente o vencedor do *Derby* do Kentucky para o *Hunt* e outros?

Greene: Investiguei aquela corrida de cavalos que ela descreve num dos seus livros, quando previu um vencedor em *Bowie*. Falei com algumas das pessoas que estavam com ela lá, e elas não se lembram disso como o fenómeno místico que ela descreve. Lembram-se de que a *Jeane Dixon* olhou para o programa e disse: "Sinto que o *Summer Sunshine* vai ganhar", e apostou dois

dólares nele. E ganhou. Lembram-se simplesmente de que a *Jeane Dixon* seguiu um palpite e ganhou.

Há uma previsão notável que investiguei recentemente sobre a *Jeane Dixon* ter avisado o marido para não apanhar um avião. Seguiu essa pista?

Greene: Na verdade, não sabia como poderia segui-la. Só há uma testemunha.

E ele apareceu ao fim de vinte e cinco anos.

Greene: Uma testemunha que não o marido dela?

Exato.

Greene: Devo admitir que sou um observador cético, mas tenho a mente totalmente aberta. Fiz uma série de artigos sobre o oculto. Fiz uma peça sobre o Satanismo, e fiz sobre astrologia, bruxaria e mediunidade psíquica; e em cada uma destas áreas em que entrei — porque tenho uma mente bastante expansiva e estou disposto a acreditar — desejei muito que me mostrassem algo.

A *Eileen Garrett* foi bastante convincente, não foi? [*Eileen Garrett*, fundadora e presidente da Fundação de Parapsicologia, impressionou, entre outros, *J. B. Rhine* e *Gardner Murphy*, com as suas capacidades psíquicas. Ela encorajou os cientistas a estudarem-na a ela e a outros videntes.]

Greene: Sim. Entrevistei a *Eileen Garrett*, e ela era uma mulher muito impressionante. Acho que fui a última pessoa a entrevistar o *Arthur Ford* para uma publicação nacional. Gostei dele, mas ele não me mostrou nada que fosse impressionante; porque ele já era um homem velho naquela altura... Estive em sessões espíritas e tudo o mais... Sou um racionalista. Mas sou também uma pessoa com uma mente muito curiosa, e adoraria que me mostrassem algo sobre o qual eu pudesse escrever e dizer: "Leitores, sou a pessoa mais cética do mundo, mas isto impressionou-me."

Mas uma pessoa assim, a fazer um artigo sobre a *Jeane Dixon* ou qualquer outro vidente, confronta-se com a mesma frustração repetidamente. Confronta-se com declarações que podem ser consubstanciadas por algum homem ou mulher idosa que se lembrou disso há trinta anos. E, caramba, isso não resiste a um julgamento racional. Uma pessoa vem ter comigo e diz: "Sr. *Greene*, só quero verificar uma afirmação que a *Jeane Dixon* fez no seu livro porque há vinte anos ouvi-a dizer isso."

E eu olho para este homem, e ele tem sessenta e cinco anos, e digo: "Sr. Tal-e-Tal, acredita em fenómenos psíquicos?" E ele diz: "Oh, sim; deixe-me contar-lhe coisas que me aconteceram." Ora, não estou a dizer que isto prova que

ele é um mentiroso. O que estou a dizer é que, em qualquer tribunal do país, ele seria considerado uma testemunha parcial. O que eu procurei foram testemunhas sobre as quais eu pudesse dizer: "Ok, se esta pessoa o consubstanciar, eu acreditarei, porque sei que esta pessoa é uma testemunha credível." Não consigo encontrar esse tipo de testemunha. Entrevistei a *Ruth Montgomery*. Eu disse: "*Ruth*, tu estás no meu ramo, e cobriste a cena de Washington como repórter, e podemos falar a mesma língua. Agora, olha, aconteceu desta maneira?"

E a *Ruth* diz-me: "Olho para trás agora e percebo que não houve quase nada que a *Jeane* alguma vez me tenha dito que eu pudesse provar." E disse-me, muito francamente, que está arrependida de ter feito o livro. Entrevistei o *Rene Noorbergen*. Ora, eu sei que o *Rene* tem estado a fazer outros livros sobre fenómenos psíquicos, mas eu disse: "Falamos a mesma língua e estamos no mesmo ramo. O que pensas da *Jeane Dixon*?" Ele disse essencialmente o mesmo que a *Ruth Montgomery* disse. Ele está convencido de que a *Jeane* é inspirada pelo diabo, disse-me ele.

Mas o *Noorbergen* não está um pouco ressentido?

Greene: A maioria dos antigos associados que entrevistei estão ressentidos.

Mas não acha a *Ruth Montgomery* uma testemunha pouco fiável, quando ela prefacia o seu primeiro livro sobre a *Jeane Dixon* dizendo que o campo psíquico lhe era completamente desconhecido antes de fazer o livro, e depois sai com outro livro dizendo que tem feito escrita automática praticamente toda a vida?

Greene: O que a *Ruth* me disse foi que estava vagamente interessada em fenómenos psíquicos quando conheceu a *Jeane* pela primeira vez. Mas, ao fazer o livro com a *Jeane*, ficou de certa forma interessada e começou a fazer coisas ela própria e, nessa altura, tornou-se uma estudante muito ativa e interessada em fenómenos psíquicos, e ficou convencida de que ela própria era capaz de fazer escrita automática. Portanto, ela afirma que começou com a *Jeane* e, desde então, desenvolveu poderes próprios.

Como reage à previsão da *Jeane Dixon* impressa no *Washington News* em 1968, na qual ela dizia que o *Nixon* estaria envolvido num grande escândalo de escutas telefónicas?

Greene: Quando as escutas se tornam notícia, quando as pessoas falam sobre escutas, naturalmente qualquer vidente vai aparecer e dizer que esta ou aquela figura importante vai estar envolvida num escândalo de escutas nos próximos quatro anos.

Ela nomeou especificamente *Richard Nixon*.

Greene: Ora, sabe, nos últimos seis ou sete anos as escutas telefónicas têm sido um assunto controverso. Ora, para uma pessoa politicamente conservadora, que vive em Washington e faz previsões conservadoras, foi uma coisa bastante lógica de dizer. Mais uma vez, esta é uma atitude cética. *Milbourne Christopher* [chefe do Comité de Investigação do Oculto da Sociedade de Mágicos, e autor de *ESP, Seers & Psychics*, 1970] fez-me uma afirmação que faz sentido.

Ele disse: "Se quiser estabelecer-se como vidente, e tiver a audácia de o fazer, e o temperamento — com o que sabe sobre a cena de Washington, sobre eventos nacionais e internacionais — poderia, quatro vezes por ano, lançar cinquenta previsões; e está destinado a acertar numa percentagem razoável delas. Poderia acertar em 25 ou 30 por cento."

A *Jeane* não se sai assim tão bem. Analisei as previsões publicadas dela — e elimina-se uma grande percentagem delas que simplesmente não podem ser respondidas de uma forma ou de outra. Mas o que eu acho extraordinário na *Jeane Dixon* são as suas previsões espontâneas; as vezes, por exemplo, em que ela agarra no cotovelo de alguém e diz: "Mantenha-se longe do fogo!" ou "Consigo vê-la a arder!" ou algo do género; e um incêndio trágico ocorre pouco tempo depois. Acho isso extraordinário.

Greene: Gostaria de conseguir encontrar uma testemunha que fosse como eu, um cético absoluto que não acredita em nada dessas coisas e que me pudesse dizer: "Sabes, *Dan*, não acredito em nada desse disparate, mas esta mulher disse-me aquilo."

O executivo da *Hearst*, *Ira Walsh*, disse isso — mesmo agora ele diz: "Eu não acredito realmente — mas aconteceu."

Greene: Isso não me diz nada. [Incidente de *Ira Walsh*, Capítulo 12.] Vou analisar esse material e ver o que penso dele. Eu diria isto. Se alguma vez fizesse um livro sobre a *Jeane*, seria absolutamente objetivo. Seria um trabalho de reportagem a sério e implacável, submetendo cada afirmação ao exame mais impiedoso. Gostaria de ver um livro feito assim sobre ela. Se quisesse mesmo fazer esse tipo de livro, eu estaria disposto a colocar algum do material que tenho à sua frente.

Não vai ser impiedoso, mas, de facto, quero usar o que me está a dizer agora, esta entrevista.

Greene: O material que tenho, na minha opinião, neste momento, é absolutamente inatacável. Eu escavo os registos, gravo quase todas as minhas entrevistas. Quando faço uma história como esta, vou a tribunal com ela; não vai ser desmontada. O grosso do meu ficheiro é documentação. Estou disposto a

deixar esta questão de saber se a *Jeane Dixon* é vidente ou não para a opinião do leitor.

Cheguei à conclusão de que não há forma no mundo de algum de nós provar ou refutar se a *Jeane Dixon* é vidente ou não, mas há algumas partes da vida dela que podem ser provadas ou refutadas por documentação sólida, estatísticas, factos e números.

Estou a fazer exatamente isso; estou a deixar ao critério do leitor. Sou objetivo e de mente aberta, mas inclino-me a acreditar que há algo nisto, e estou impressionado com duas ou três das testemunhas e estou muito impressionado com a evidência considerável das suas previsões sobre *JFK* e *Robert Kennedy*. Como achou os irmãos e irmãs da *Jeane Dixon*? Foram positivos, negativos ou neutros?

Greene: Eles não são próximos dela; como me disse uma irmã: "Eles são pessoas do dinheiro; eu não sou pessoa do dinheiro." Ela referia-se ao *Erny*, à *Evelyn* e à *Jeane*, que são as figuras proeminentes da família. O resto deles raramente fala com a *Jeane*; não a conhecem bem há décadas; ela veio para Leste, eles ficaram no Oeste; não se correspondem muito. Há uma grande diferença de idades, culturas e estilo de vida. Quando entrevistei os seus irmãos e irmãs pela primeira vez, foram cooperantes e cordiais. O *Erny* foi muito vago nos detalhes; mas o *Curt*, a *Elsie Evans* e a *Ella Miller* conheciam muito bem os primeiros anos e deram-me a maior parte da informação sobre a infância da *Jeane*, quando toda a gente a conhecia como *Lydia*.

Ajudaram-me a desenvolver a cronologia de nascimentos de todos os filhos *Pinckert*, e mais tarde encontrei registos de nascimento de *Wisconsin* que verificaram esta cronologia. O *Curt*, a *Elsie Evans*, a *Ella Miller* e o *Erny Pinckert* concordaram todos com os registos — de que *Lydia Pinckert* nasceu a 5 de janeiro de 1904. Mas antes de o meu artigo ser publicado [no *The National Observer* 148 *Jeane Dixon: As Testemunhas*

a 27 de outubro de 1973], a *Jeane* conseguiu que o *Curt*, o *Erny*, a *Elsie* e a *Ella* enviassem telegramas ao *Observer* dizendo que a *Jeane* tinha nascido a 5 de janeiro de 1918 e que só se tinha casado uma vez.* Posteriormente, falei com o *Curt* por telefone e ele voltou a confirmar que a *Jeane* nasceu em 1904, e disse que não sabia nada sobre os telegramas. Portanto, faça o seu próprio julgamento sobre a veracidade da família *Pinckert*.

Ouvi dizer, por pessoas que trabalharam com a *Jeane Dixon* durante anos, que ela tem uma capacidade magnífica de convencer as pessoas. E elas estiveram convencidas por ela até que aconteceu tanta coisa que o outro lado da história dela acabou por se tornar imperioso, e elas disseram: "Olha, esta mulher está a

fazer mais mal do que bem." Pessoalmente, gosto da *Jeane Dixon*. Mas da última vez que nos encontrámos, disse-lhe: "Eu seria a pessoa mais feliz do mundo se pudesse escrever um artigo que tu adorasses.

Mas quando entrei nisto, disse-te que ia entrar como um repórter de investigação implacável; que não ia aceitar nada pelo seu valor aparente, que ia procurar evidências da mesma forma que fiz para as peças biográficas que fiz sobre o *Spiro Agnew* e a *Lady Bird Johnson* e uma série de outros. Não sei o que vou encontrar. Teremos apenas de esperar para ver." E quando o terminei, disse-lhe exatamente o que tinha dito que ia fazer, "e, por favor, acredita em mim — que o fiz da forma mais honesta que consegui."

- Greene diz ter provas documentais de que a Jeane Dixon tinha sido casada antes de casar com o James Dixon. O seu primeiro marido, acredita Greene, era um imigrante suíço, Charles Zuercher, e o casamento deles foi em 1928.

-

21 A Própria Jeane Dixon:

Quatro Entrevistas

A Primeira: 14 de janeiro de 1972

A 7 de dezembro de 1971, a *McGraw-Hill* anunciou a futura publicação da autobiografia de *Howard Hughes*, tal como contada a *Clifford Irving*. Exatamente um mês depois, a voz desencarnada de *Hughes* foi ouvida por sete jornalistas num quarto de hotel em Los Angeles. *Hughes* falou-lhes por telefone de conferência a partir do seu quarto de hotel em *Paradise Island*, *Nassau*. Para terem a certeza de que se tratava, de facto, do bilionário recluso, os veteranos jornalistas que conheciam *Hughes* de quando ele era um homem da sociedade fizeram à voz seis perguntas de teste.

Ele falhou em quatro delas. Apesar disso, todos os sete homens ficaram convencidos, depois de o ouvirem falar durante meia hora, de que ele era o autêntico, quebrando o seu silêncio de catorze anos para dizer que a autobiografia da *McGraw-Hill* era um embuste e que ele nunca sequer tinha conhecido o seu intermediário, *Clifford Irving*. A *McGraw-Hill* contra-atacou três dias depois, a 10 de janeiro, quando *Harold McGraw*, presidente da editora, exibiu para a imprensa e para as câmaras de TV dois cheques aparentemente cossinados por *Hughes*.

Mike Wallace gravou a 13 de janeiro uma entrevista exclusiva com *Irving* no programa "*Sixty Minutes*" da CBS — a qual assisti quando foi exibida três dias depois. *Irving* pareceu-me completamente honesto. *Wallace*, que tinha algumas reservas, acreditava que a autobiografia de *Hughes* era genuína. A minha entrevista com *Jeane Dixon* foi no auge do mistério e não foi senão quando *Irving* apareceu na capa da *Time* de 14 de fevereiro de 1972 como o "Vigarista do Ano", que o embuste foi revelado.

Brian: Qual é a sua resposta à controvérsia de *Howard Hughes* sobre a sua alegada autobiografia?

Jeane Dixon: Não é dele. Os factos que estão escritos sobre ele podem ser os factos, mas o livro não é obra dele. Tenho a certeza de que ele não o ditou a este homem [*Clifford Irving*]. Mas não creio que *Hughes* seja bem-sucedido em impedi-lo. Ele provavelmente terá um representante em tribunal para tentar impedi-lo, mas não aparecerá pessoalmente.

Acha que o *Howard Hughes* alguma vez sairá do esconderijo?

Jeane Dixon: É isto que eu acredito: que quando o *Howard Hughes* sair do esconderijo, não estará realmente em público. Mas creio que os factos e tudo o mais serão conhecidos.

Acha que a sua verdadeira razão para se esconder é evitar processos judiciais?

Jeane Dixon: Consigo compreendê-lo quando ele se esconde assim. Não faz ideia da pressão que o público exerce sobre nós quando pensam que podemos doar dinheiro. Creio que ele se está a esconder, mais ou menos, para ter alguma privacidade. E eu consigo compreendê-lo. Gostaria de ter dinheiro suficiente para poder fazer a mesma coisa e dedicar-me à minha escrita e a coisas desse género.

O *Hughes* ainda tem um grande futuro?

Jeane Dixon: Creio que os seus melhores trabalhos ainda estão para vir. Será nas humanidades — não como ajudar pessoas pobres, mas ajudar para que as pessoas se compreendam melhor a si próprias, e para que as pessoas possam ser mais saudáveis. As áreas da medicina e da psicologia poderiam fazer parte do trabalho em que ele estará envolvido.

Acha que ele voltará a casar?

Jeane Dixon: Não, não creio; não num futuro próximo.

Está a receber isto por telepatia?

Jeane Dixon: Estou a captar os pensamentos dele.

Porque acha que o *Clifford Irving* escreveu o livro que pretendia ser a autobiografia de *Howard Hughes*? Acha que o *Irving* pensou que se safaria com isso?

Jeane Dixon: Não, não. Creio que ele tem ali muitos factos. Creio que ele obteve muitos factos de pessoas próximas de *Hughes*. E creio que ele tem muitos factos verdadeiros.

Mas o *Irving* diz que pensava estar a falar realmente com o *Howard Hughes*. Acha que o *Irving* foi enganado?

Jeane Dixon: Creio que provavelmente o *Irving* pensou que estava a falar com o *Hughes* e pode ter havido um mal-entendido. Porque as pessoas ligam para aqui [para o escritório da Sra. *Dixon*] e juram que falaram comigo e não falaram. Falaram com uma das minhas secretárias.

Mas o *Irving* diz que encontrou o *Hughes* em carros...

Jeane Dixon: Mas as pessoas já disseram que se encontraram comigo e que estiveram sentadas no banco de trás de um carro comigo e a tirar notas e coisas dessas. Também já se encontraram comigo em carros, e eu nem sequer me lembro delas. Encontram-se comigo num aeroporto e trazem alguém com elas. Eu estarei sentada no banco da frente e elas estarão sentadas no banco de trás e, passados poucos dias, estarei a ler um artigo de jornal sobre mim e nem sequer saberia o nome do escritor. Encontraram-se comigo porque estavam a andar no mesmo carro que eu e apanharam algumas frases que eu disse. E é isso que eu acredito que aconteceu aqui. Não acredito que o *Clifford Irving* seja desonesto. Ele provavelmente andou nestes carros e provavelmente ouviu o *Hughes* dizer estas coisas.

Acha que o livro sobre o *Howard Hughes* será bem-sucedido?

Jeane Dixon: Sim, mas não creio que seja um sucesso de vendas avassalador.

Qual é o seu sentimento sobre a vida noutros planetas?

Jeane Dixon: Não acredito que haja qualquer vida como a conhecemos aqui, noutros planetas; talvez alguma vegetação. Quando dizem que as pessoas estão a tentar contactar-nos de outros planetas, eu acredito que estamos rodeados por imortais sagrados que nos dão bênçãos abundantes. Creio que há espíritos à nossa volta, sim, que provavelmente nos estão a contactar, mas não acredito que sejam de outros planetas.

A *Ethel Kennedy* voltará a casar em breve?

Jeane Dixon: Não imediatamente.

Outra pessoa está a prever que ela casará com um homem com as iniciais A.W., mas que não será o *Andy Williams*. Concorda com isso?

Jeane Dixon: Não. Mas é um homem que ela conhece agora e ele exercerá alguma profissão. Poderia ser um médico. E creio que ela será feliz.

A autobiografia da *Rose Kennedy* [que ela está agora a escrever] será muito interessante?

Jeane Dixon: Terrivelmente interessante, sim. Sou uma grande admiradora da *Rose Kennedy*. Creio que o livro ajudará as pessoas a terem mais fé no seu Criador.

Sinatra?

Jeane Dixon: Ele ainda corre o risco de perder o seu dinheiro e continuo a acreditar que ele se dedicará a trabalho de natureza religiosa. Esse perigo de perder o seu dinheiro segui-lo-á todos os dias da sua vida.

A sua reação aos *Pentagon Papers* [Papéis do Pentágono]?

Jeane Dixon: Não foi surpresa para mim. Esse era o contexto dos meus discursos desde o ano de 1964. Portanto, a informação neles contida não foi surpresa para mim. Foi uma surpresa que os *Pentagon Papers* tenham sido roubados e depois publicados dessa maneira. Lembrar-se-á de que em 1971 eu disse: "Este é o ano em que muitas verdades virão a lume, as quais até agora estiveram cobertas." Portanto, como vê, eu esperava algo.

Concorda que os *Pentagon Papers* revelaram que alguns políticos estavam a enganar o público?

Jeane Dixon: Não creio que tenham enganado o público. Eles simplesmente não contaram ao público. Eles acharam que não era importante, suponho, contar ao público. Mas eu creio que é importante.

Uma das mais recentes controvérsias políticas trazida à luz pelo colunista *Jack Anderson* é sobre o *Henry Kissinger* e a Guerra Índia-Paquistão. Acha que haverá controvérsias semelhantes trazidas à luz em breve?

Jeane Dixon: Acho que sim, e creio que elas irão recuar ainda mais atrás do que a administração *Kennedy*. E claro que o mistério do assassinato do Presidente *Kennedy*, os factos sobre isso serão conhecidos algum dia, também. Foi uma conspiração. E o *Oswald* era um dos membros da conspiração. No *Reader's Digest* de novembro há um artigo sobre como o México quase foi derrubado. E os espiões que estavam envolvidos nisso, os comunistas que estavam na

Embaixada Russa; esses eram alguns dos nomes que eu obtive de pessoas com quem o *Oswald* estava em contacto.

A telepatia alguma vez será aceite como um facto pelos cientistas?

Jeane Dixon: Não creio que alguma vez seja 100 por cento aceite cientificamente: dir-lhe-ei porquê. Porque, e eu sei isto como um facto no meu trabalho. Digamos que eu estava a tentar chegar até si telepaticamente. E há alguém que tem um "aparelho recetor" mais forte do que o seu. E haverá interferência ali. Você nunca a receberá. Porque quando eu capto pensamentos, às vezes não acho que seja a pessoa que está a tentar enviar-me uma mensagem: captarei os pensamentos de outra pessoa cujos pensamentos são muito, muito mais fortes.

E nem toda a gente tem o talento para receber e dar. Não nasceram assim. Temos muitos, muitos pianistas, mas só existe um *Van Cliburn* e um *Byron Janis*. Existem apenas certas pessoas dotadas com este talento [telepatia]. E depois, também, pode haver interferência. Eu não quereria depender disso. Dependo disso quando capto canais do destino — porque essa é a vontade de Deus para nós enquanto indivíduos. Mas quando o pensamento livre entra aqui, e o homem muda os seus planos, então não se pode depender disso.

A vida depois da morte alguma vez será provada?

Jeane Dixon: O meu livro recente *Reincarnation and Prayers to Live By* [Reencarnação e Orações para Viver] dir-lhe-á sobre a vida após a morte, diz-lhe exatamente o que acontece ao espírito, diz-lhe exatamente o que acontece à alma, diz-lhe o que acontece ao corpo. E é nisso que eu acredito.

Vê algum avanço médico?

Jeane Dixon: Sim, vejo um grande avanço médico no cancro.

Acreditava-se que o falecido *Arthur Ford*, um médium espírita quando era vivo, ajudou a trazer de volta o espírito do filho morto do Bispo *Pike*. Acha que o *Ford* era dotado desta maneira?

Jeane Dixon: Sim, acho. Acredito realmente que há espíritos à nossa volta. E acredito que quando contactamos estes — e claro que a mente subconsciente também entra em jogo — mas o perigo reside onde se pode ter espíritos malignos a passar, direta ou indiretamente, e a trazer tragédia e desgostos para a sua vida.

Teve alguma visão recentemente?

Jeane Dixon: Sim, e está no meu novo livro *The Call to Glory: Jeane Dixon Speaks of Jesus* [O Chamado para a Glória: Jeane Dixon Fala de Jesus]. E há

uma visão que afeta o mundo inteiro. Leia o epílogo do livro, as últimas quatro páginas. É uma visão belíssima, belíssima. É uma visão de Jesus, e o que Ele nos diz.

Houve algum entrevistador que a tenha entrevistado que a tenha impressionado especialmente?

Jeane Dixon: Sim, o *Mike Douglas*. Gosto muito, muito dele. O *Mike Douglas* parece ter um canal para o Criador, o Senhor. E admiro muito o *Douglas*. Isso não quer dizer que não admire os outros entrevistadores. Mas acredito que o *Mike Douglas* tem muito a oferecer ao mundo — além do seu trabalho como entrevistador. Captei as vibrações dele como alguém que inatamente é uma pessoa muito fina e boa.

Sente uma afinidade próxima com a *Martha Mitchell*, segundo percebi.

Jeane Dixon: Sim, no que diz respeito à imprensa. Porque há alturas em que sou mal interpretada e outras em que sou completamente ignorada. Tenho lido coisas sobre mim em jornais que eram tão rebuscadas que eu não conseguia imaginar. E as citações erradas sobre mim são algo fantástico. Ela tem tido os mesmos problemas. Por norma, não me dou ao trabalho de as corrigir porque, se eles se retratam das citações erradas, onde é que as colocam? Colocam-nas lá atrás, junto às páginas de BD.

Como explica a sua afirmação de que a *Golda Meir* é "uma das maiores mulheres que já existiu. Ela tem as vibrações de *Abraham Lincoln*"?

Jeane Dixon: É uma reencarnação do espírito.

Quando haverá paz entre Israel e os países árabes?

Jeane Dixon: Haverá intervenção divina. Não quero dizer exatamente quando, porque a Bíblia diz que o Senhor não nos diz. Mas será num futuro previsível e não muito mais do que daqui a vinte anos. Leia o último capítulo do meu livro. Diz-lhe todo o tipo de coisas.

Existe uma qualidade que mais goste nas pessoas?

Jeane Dixon: Sabe a qualidade que eu gosto noutras pessoas, e amo esta qualidade, é a fé.

Qual acredita ser a sua melhor qualidade?

Jeane Dixon: O Amor. E acredito que o meu propósito e a minha missão é esta, e acredito nisto com todo o meu coração: deixar as pessoas saberem quão grandes elas realmente são e que têm grandeza em si próprias se apenas trabalharem para serem elas mesmas e não tentarem imitar mais ninguém.

Acredito que estou aqui para mostrar às pessoas a luz de Deus dentro de si mesmas.

Qual é o seu maior defeito?

Jeane Dixon: Um dos meus grandes defeitos é que tento fazer demasiado.

O que a faz chorar?

Jeane Dixon: Rezo e choro pelo nosso país. Rezo e choro pelos pobres. Até rezo e choro pelos nossos inimigos. Faço-o mesmo, mesmo. E depois sento-me às vezes e vejo estas pessoas que estão a abusar dos seus corpos físicos ao beberem demasiado e não aproveitarem o que Deus lhes deu. Caminho pela rua com lágrimas a correr pelas faces a pensar nelas, a vê-las, e a perguntar-me porquê, porquê, porquê?

O que a faz rir?

Jeane Dixon: Quando vejo uma criança que está bem e feliz. E quando vejo alguém desenvolver os seus talentos divinamente concedidos ao máximo — e usar isso para ajudar outro.

Se fosse uma ditadora, se fosse muito poderosa agora, o que faria?

Jeane Dixon: Eles não gostariam nada de mim, posso dizer-lhe isso. Eu faria com que toda a gente aprendesse o que é o amor, e que isso é trabalho, e a desenvolver os seus talentos. Eu tentaria ajudar alguém a dar-lhes uma pequena ideia de por que nasceram. Eu diria: "Vamos fazer da nossa missão trabalhar para o benefício uns dos outros" — mas continuaria a deixá-los ter direito à sua própria opinião.

Se Jesus Cristo aparecesse na sala consigo agora, que pergunta Lhe faria?

Jeane Dixon: Eu diria: "Guia-me e ajuda-me a fazer a Tua vontade — que a Tua vontade seja feita."

Haveria alguma pergunta que Lhe fizesse, algo sobre o qual tenha curiosidade?

Jeane Dixon: Não. Tudo o que quero fazer é cumprir a vontade d'Ele para mim.

Já alguma vez pensou que estivesse prestes a morrer?

Jeane Dixon: Uma vez, quando me estava a afogar, há uma série de anos. Não fiquei nada assustada. Ora, não é terrível? Mas tenho uma paz dentro de mim que não consigo descrever. Mas fico perturbada. Não consigo cumprir as minhas promessas [de responder às milhares de cartas] e não consigo fazer tanto

quanto quero fazer. Não há horas suficientes para trabalhar. Porque é que não podemos ter vinte horas por dia para trabalhar?

O que a deixa zangada?

Jeane Dixon: Quando não consigo cumprir as minhas promessas. Volta a ser isso. E fico zangada quando as pessoas não compreendem que têm uma missão sobre esta terra e quão grandes e quão pacíficas poderiam ser e o amor e a vida que poderiam ter. Fico mesmo furiosa quando vejo pessoas a abusarem de si mesmas. E fico perturbada comigo mesma porque não realizo tanto quanto deveria realizar. Ligou-me uma dúzia de vezes antes de eu me encontrar consigo. É isso que me deixa perturbada.

Eu compreendi que estava ocupada.

Jeane Dixon: Eu sei, mas perturba-me.

Foi salva de se afogar ou salvou-se a si própria?

Jeane Dixon: Não, o Senhor salvou-me. Fui levada para o largo em Santa Mónica, Califórnia; levada por uma onda muito, muito alta. E pareceu que a onda simplesmente me trouxe de volta e me deixou na praia. E quando recuperei os sentidos, ali estava eu. Tinha cerca de dezanove anos.

Poderia dar-me brevemente um dia típico da sua vida? Hoje por exemplo?

Jeane Dixon: Esta manhã levantei-me às cinco e meia. Às vezes preciso do despertador, mas esta manhã não precisei. Fui lá abaixo e deixei o cão sair. Depois fui para a cozinha. Tenho o que se chama uma centrifugadora de sumos de vegetais. E fiz sumo de cenoura, sumo de aipo, e pus ali um pouco de salsa. Levei um copo disso, juntamente com um comprimido de vitamina C, ao meu marido. Depois disso tomei um duche, vesti-me e fui à S. Mateus.

Cheguei lá às dez para as sete. Depois disso, dali fui à cafetaria do *Schultz* e tomei o pequeno-almoço. Vim para o escritório às vinte para as oito e tenho estado a trabalhar e a trabalhar no escritório e a tentar arranjar tempo para o *Denis* para falar com ele. Tinha um almoço marcado com o *Ira Walsh*, cuja vida salvei. Ele está cá vindo da Califórnia. Tive de encurtar isso para ir para outro compromisso e depois estive no dentista. Ele deu-me um pouco de novocaína e aqui estou eu a tentar falar consigo inteligentemente.

Outro dia, como ontem, estaria a dar palestras?

Jeane Dixon: Ontem estava a tentar regressar a Washington e o tempo estava chuvoso; andámos às voltas sobre o Aeroporto Nacional, foi um castigo para aterrar. Tinha estado em Salem, Virgínia Ocidental, na faculdade deles, e

fiquei muito impressionada com o Professor Hurley, e os jovens de lá eram tão entusiastas — eram apenas 1.500. Parece ser uma faculdade muito íntegra e todos parecem ter um propósito.

Quando termina o trabalho normalmente, às cinco e meia...

Jeane Dixon: Mais vale dizer seis e meia... Depois vou para casa jantar. Tenho uma governanta que cozinha as refeições para mim e para o meu marido. Se tiver sorte suficiente, consigo ver as notícias, o *Walter Cronkite*. Conheço-o pessoalmente e conheço a mulher dele. Gosto muito dele. Mas nem sempre consigo fazer isso. É o que eu chamo de um luxo. Depois disso, durmo uma sesta, talvez até às dez, onze, doze horas, depois levanto-me e trabalho na escrita do meu livro e na minha coluna de astrologia. Depois vou para a cama por volta da uma ou duas. Então tenho pouco mais de três horas de sono — um total de cerca de seis.

O seu marido ainda lhe põe uma rosa na almofada?

Jeane Dixon: Todas as noites.

Houve algum momento na sua vida que considere muito importante?

Jeane Dixon: Foi quando percebi que havia um poder maior do que eu e que, se me mantivesse fiel a isto, independentemente da opinião pública, ele me levaria adiante. E só percebi isso, creio eu, numa noite em que estava em oração depois de ler algumas inverdades sobre mim no jornal. E esta luz veio até mim muito claramente, para continuar o trabalho que estava a fazer; o Senhor disse que me ajudaria a levar as coisas até ao fim. Isso foi como uma visão, e foi talvez há cerca de dois anos.

Isso foi relativo às acusações sobre dinheiro?

Jeane Dixon: Foi quando as pessoas mentiram sobre mim e disseram que eu estava a usar dinheiro [da sua instituição de caridade *Children to Children*] para escrever os meus livros — e a tentar desacreditar-me. Foi-me mostrada a luz ali, e foi-me mostrado o caminho, e o Senhor encorajou-me a continuar com o que estou a fazer. Porque pedi a orientação d'Ele e é a vontade d'Ele que eu quero cumprir, e nada mais senão a vontade d'Ele. E se eu fizer isso, não magoarei as pessoas, pois não?

As suas visões e revelações são a mesma coisa?

Jeane Dixon: Não. Uma revelação é a vontade de Deus e a vontade da humanidade não pode mudar a vontade de Deus. Claro, os planos humanos nem sempre estão de acordo com os planos de Deus, mas só Deus é suficientemente grande para construir o bem a partir daquilo que nos parece trágico e maligno.

Ora, isto é uma revelação: digamos que Deus a estava a preparar para uma revelação. Uma revelação nada tem a ver com uma visão. Uma revelação nada tem a ver com qualquer talento. É a Graça d'Ele e o poder d'Ele que Ele exerce através de um ser humano, para benefício de outros.

E é sempre internacional, para toda a humanidade. Nunca para um indivíduo. Muito bem. Digamos que Ele me está a preparar para uma revelação e talvez comece esta noite. Amanhã de manhã eu levantar-me-ia. O mundo não me pareceria como me pareceu esta manhã, ou ontem. Eu levantar-me-ia e estaria a olhar para o mundo através de óculos cor-de-rosa. Estaria, ao que parece, num patamar mais elevado de Graça. Ninguém conseguiria provocar uma discussão comigo. Não teria apetite. Não importaria se comesse ou não. E estaria a ouvi-lo, mas a minha mente não estaria consigo. Eu responder-lhe-ia, mas o senhor sentiria que eu não estava consigo.

Depois, ao chegar à igreja de manhã e rezar, há algo que me segura, algo que me segura inteiramente para si. Vejo pessoas à minha volta: elas estão ali e, no entanto, não estão ali. Mas estão ali: o senhor vê-as. As pessoas que me viram enquanto tive aquelas duas revelações em Washington disseram: "Sei que estás em transe." Mas não é um transe. Elas estão ali e, no entanto, não estão. E depois, ao quarto dia, é-me revelado. Ao quarto dia. Não ao primeiro, segundo ou terceiro. Claro, a primeira vez que lhe é dada uma revelação, o senhor não compreende.

Mas vive com ela. Mas na segunda vez, o senhor espera-a e agradece a Deus por ela. É revelado tão claramente como estamos aqui agora. É um ser humano ali mesmo. Vê-se. Ouve-se. Vive-se.

E depois vive-se isso por mais quatro dias. Ao oitavo dia, aqui está o senhor outra vez. E pensa: "Porque é que não posso viver sempre assim?" Mas não se pode recriar. Nem sequer se reza por isso. Só se pode preparar para isso, porque sabe que está na providência de Deus, não na sua. Eu sei estas coisas. Simplesmente sei-as. Ora, uma visão é outra coisa. Uma visão poderia vir-me num sonho, uma visão poderia vir-me às três ou quatro da manhã. Uma visão poderia vir à meia-noite. Mas essa visão pode ser mudada — através da oração fervente e ao cumprir a vontade de Deus sobre esta terra como Ele quer que seja feita. E uma visão também não é um talento psíquico. Isso é-lhe dado.

Mas quando, após quatro dias, tem uma revelação, isso não é sob a forma de uma visão?

Jeane Dixon: É a vida real. É como um ato na vida real. Não é como um programa de televisão. Lembra-se do assassinato do Presidente *Kennedy*? Ora, eu estava ali ajoelhada em frente à Sagrada Mãe [na Catedral de S. Mateus]. Ora, a

estátua não ganhou vida. Mas a vida estava ali, em todas as suas dimensões. E aqui está a coisa mais engraçada. Quando olhei em volta na igreja, ela estava cheia, mas os assentos estavam vazios. E as pessoas eram de todo o mundo, a usar *babushkas* e tudo o mais.

Eu sabia que a igreja estava vazia, mas via as pessoas ali. E sabia que eram as pessoas do mundo. Porque uma revelação é sempre para todos. A revelação do Anticristo é para todos. E logo depois disso vem a intervenção divina em Jerusalém. E essa é uma revelação que ainda não contei. Essa revelação aconteceu na St. Pat's em Nova Iorque. Essa ainda está para vir. As pessoas ainda não estão preparadas para ela.

Quantas revelações já teve?

Jeane Dixon: Cerca de sete. Não as contei todas. [Elas incluem o assassinato de *JFK*, o concílio ecuménico e a vinda do Anticristo.]

Quantas visões já teve?

Jeane Dixon: As visões vêm com bastante frequência; sobre os planos de Deus para as pessoas. E se elas apenas me ouvissem quando lhes digo: "Por favor, não façam isso." Como o *Jimmy* [o seu marido] e o avião. Aquilo foi uma visão, o avião a despenhar-se. "Não vás, *Jimmy*! Não vás!" Eu "vi" tudo. E ele não foi. Outro homem ia voar naquele avião, mas também não foi. Ouviu uma voz a avisá-lo para não ir. Portanto, se a sua mente estiver aberta ao Senhor, Ele protegê-lo-á. Tem de ter esta mente aberta. Lembre-se, existe o Espírito Santo. Isso não lhe pertence: pertence à Trindade. E esse é um canal que eu consigo captar às vezes. O espírito eterno vem dali e regressa para ali. Mas o livre-arbítrio é o que o leva pela vida fora e o senhor pode usá-lo para o bem ou para o mal. Ora, eu adoraria que pusesse isto no seu livro, também: as nossas vidas são programadas quando somos concebidos.

Isso não contradiz o "livre-arbítrio"?

Jeane Dixon: Não, não contradiz o livre-arbítrio. O seu livre-arbítrio está lá. Porque, lembra-se de que nos jornais em 1949 eu disse que o *Nixon* seria Presidente dos Estados Unidos um dia — independentemente do livre-arbítrio? Aquele era o destino dele. Era isso. Como direi? Nunca mudaremos o destino que foi preordenado ou programado para nós. O livre-arbítrio não consegue fazer isso. O livre-arbítrio pode mudar coisas nas nossas vidas e tornar as nossas vidas diferentes. E quando as pessoas dizem — aquele era o destino delas — não, não era o destino delas.

O livre-arbítrio muda muitas coisas na sua vida. Todos temos as nossas entradas e saídas. As nossas entradas são preordenadas, mas algumas não são;

são causadas pelo nosso livre-arbítrio, as nossas decisões. Mas, se houver no programa da nossa vida um destino que é o destino do Senhor para nós, não mudamos isso, mesmo com o nosso livre-arbítrio. Podemos dar a volta ao bilhar grande e a mil outros sítios, mas acabaremos ali, se for a vontade de Deus para nós. Porque a vontade da humanidade não muda a vontade de Deus.

Segunda Entrevista: *Jeane Dixon* Responde às Minhas Perguntas

A minha oportunidade de falar com *Jeane Dixon* detalhadamente e em pessoa surgiu quando ela voou para a Flórida para participar num espetáculo de caridade a 23 de março de 1973. Encontrei-me com ela no Aeroporto de West Palm Beach, segui com ela num táxi para o Hotel Breakers — questionando-a e gravando a entrevista durante todo o caminho — e continuei as perguntas por mais duas horas no hotel. Eu queria saber como ela conseguia distinguir entre uma mensagem de Deus e uma do diabo, se ela ainda acredita que o assassinato de *JFK* foi uma conspiração, e fazer-lhe perguntas que um cético poderia fazer.

Brian: Ainda acredita que o assassinato do Presidente *Kennedy* foi uma conspiração?

Jeane Dixon: Acredito tão certo como estar aqui sentada. E lembre-se de que aquilo não foi através de telepatia. Tive uma revelação. Não é apenas uma pessoa que o fez e acabará por ser revelado. A verdade já é conhecida por alguns, mas não foi contada.

Acha que sabe quem esteve envolvido?

Jeane Dixon: Sim, conheço a conspiração. A *Kay Halle* dir-lhe-á que fui ter com ela e disse: "É uma conspiração", e até obtive o nome do assassino. Ora, isto é muito, muito interessante. Este poder que vem do espaço sideral. Veja, o sol nasce de manhã e põe-se à noite. Anda à volta e à volta e à volta assim. Ora, as nossas vidas andam à volta e à volta e à volta assim, também.

Ora, quando o senhor vai a conduzir um carro e tem o rádio ligado, e passa sob um túnel ou uma ponte, a sua receção para, não para? Muito bem. Ora, às vezes, quando capto estas coisas, ela para e eu só recebo o início e o fim de uma palavra, não o meio [curiosamente, os médiuns em transe têm um problema semelhante com nomes], ou o fim de um nome e não a primeira parte; ou a primeira parte de um nome e às vezes não o fim. Isso diz-me que algures

aqui fora — no espaço sideral — existe uma fonte de energia muito poderosa para bloqueio. Poderia ser algum tipo de gravitação. E foi aí que obtive o *Oswald* [assassino de *JFK*]. Obtive as duas primeiras letras e as duas últimas e não as do meio. E quando estive na televisão com o antigo embaixador em Moscovo *Joseph Davies* [ver capítulo sobre *Martha Rountree*], obtive a primeira

e a última letra de *Khrushchev*, mas não as do meio. Portanto, algo muito poderoso ali fora está a bloquear essa transmissão, ou canal, para mim. Essa é uma coisa em que estou a trabalhar, porque gostaria de descobrir o que é. E estou a pensar nos OVNIs a meterem-se no caminho ali. Essa é a razão pela qual estou a fazer imensa coisa sobre OVNIs. Ainda não toquei realmente nos OVNIs. Vou fazer um livro sobre OVNIs.

É esse o seu próximo livro?

Jeane Dixon: Não, esse não é o meu próximo livro. Tenho três próximos livros. Sabe, a razão pela qual sou perseguida em tantos sítios é porque as pessoas pensam "ela é toda pelo Presidente *Nixon*". A razão pela qual sou pelo Presidente *Nixon* é que em 1949 captei o programa da vida dele e disse que um dia ele seria Presidente dos Estados Unidos e nunca mudei isso. E depois em 1962, quando o *Nixon* disse que tinha acabado com a política, eu disse que ele ainda nem sequer tinha começado a sua política.

Porque conheço a vontade de Deus, e não mudamos isso. E conheço a diferença nas minhas vibrações. Isto não foi uma revelação. Captei o programa da vida dele. Aquilo foi o Espírito Santo. Algures no seu livro o senhor tem de mostrar como a chama eterna no cemitério de Arlington vai provocar uma chama eterna em nós. Digo que o conhecimento da sua fé não é suficiente; é a experiência da sua fé que realmente conta. É isso que eu quero realçar na vida. Isto é o que eu experienciei. Isso é o que o *Harry Morgan* experienciou.

O primeiro livro sobre a Sra. *Dixon, A Gift of Prophecy*, de *Ruth Montgomery*, fala de uma visão que *Jeane Dixon* teve, de que um bebé nascido no Médio Oriente a 5 de fevereiro de 1962 cresceria para formar um novo cristianismo e "unir toda a humanidade numa fé que tudo abrange". Num livro posterior de *Jeane Dixon*, *My Life and Prophecies*, este rapaz acaba por ser o Anticristo. Perguntei à Sra. *Dixon* qual versão era a correta.

Jeane Dixon: Não foi totalmente contado no primeiro livro. Estavam a dizer-me que este rapaz nasceria no Médio Oriente e que ele vai acabar por ser o Anticristo. As pessoas segui-lo-ão a ele em vez de ao Senhor. Lembre-se, ao princípio ele vai fazer imenso bem. Valha-me Deus, sim. E depois as pessoas vão ter a escolha, o seu próprio livre-arbítrio, de ir com ele ou com o Senhor. Ora, o *Hitler* ao princípio foi fantasticamente bom para os pobres, e o *Mussolini* também, e eles pensavam que eram o poder. Se ele continuasse com o que era bom, em vez de se virar e pensar que era o poder, este rapaz seria fantasticamente maravilhoso.

Será como o *Mussolini* ou o *Hitler*?

Jeane Dixon: Ele vai ser muito mais poderoso, muito maior. Ele realizará milagres. Ele vai ser absolutamente um fazedor de milagres. Ele tem o espírito eterno nele que pertence ao Senhor, e ele vai trazer as pessoas ao próprio êxtase da bondade, e vai tirá-las do desespero. Mas, quando ele chegar lá acima: "Vejam quem eu sou!" E depois ele vai ser poderoso, e as pessoas que o seguirem são as tais, como eu disse no meu livro, que cairão. Para manter a sua fé, é o caminho longo e difícil a subir. Mas é o único caminho.

Que tipo de milagres realizará ele?

Jeane Dixon: Ele curará os doentes. Ele parecerá imitar a vida de Cristo na terra. Ele tem onze anos agora e compreende a sua missão satânica.

Se, como diz, consegue sempre distinguir a diferença entre uma mensagem de Satanás e uma mensagem de Deus, não significa isto que Satanás não é muito inteligente, por não a conseguir enganar a si, uma mera mortal?

Jeane Dixon: Sim, ele é muito inteligente. Ouça, ele vem à minha esquerda, aqui. Ele é tão inteligente e ardiloso como se pode ser. Mas há alguma pequena coisa que lhe diz "Não!". E é um sentir diferente, uma vibração diferente. Ora, isto parece loucura, mas com o diabo há uma sensação de verde. Não lhe sei dizer como, mas tenho a sensação de verde. Não é loucura?

Mas se consegue perceber que é o diabo, através desta vibração que é diferente, o senhor, uma mortal, consegue perceber, e evitá-lo e às suas tentações; então ele não é um grande adversário para Deus, pois não?

Jeane Dixon: Sim, ele é. Vou dizer-lhe como ele é. Ele é tão inteligente que, quando o tenta, o senhor sente "talvez eu tente. Talvez arrisque". Percebe? "Talvez desta vez eu consiga fazê-lo e safar-me." Mas não consegue. E nunca tente. É uma espécie de sentimento assim. Há um puxão tão forte que o senhor tem de puxar para o outro lado.

Faz com que pareça um íman.

Jeane Dixon: É um íman. É um íman absoluto. É um puxão que está ligado aos seus pensamentos. Tais como: "Faz isto a uma pessoa..." "Eles fizeram-te isto a ti; faz-lhes isto a eles... Retalia. Retalia. Retalia."

Algumas pessoas poderiam chamar a isso reações humanas normais a ser magoado por alguém.

Jeane Dixon: Jeane Dixon : Sim. Retaliar. Mas não vou retaliar. Quando estava consciente durante a sua visão de que o diabo se aproximava para a tentar, havia algo de específico que ele tentava fazer com que fizesse?

Jeane Dixon: Provavelmente tentava fazer-me perder a fé. «É difícil. O caminho é árduo. Sigamos o caminho mais fácil.»

Quando diz que o diabo «é verde», soa a algo incrivelmente agradável, como a erva e a natureza. E sabe que olhar para o verde supostamente alivia as dores de cabeça?

Jeane Dixon (apontando para cima e por cima do seu ombro esquerdo, enquanto se encontrava no seu quarto no Hotel Breakers. Pela janela atrás dela eu via as ondas do Atlântico a bater na costa):

E está sempre aqui, à esquerda... Já o vi de verde, e tem um feitio muito mau, percebe. E puxa. E é preciso puxar fisicamente, não só mentalmente. É também uma atracção física.

Já o viu de verde, nos seus sonhos?

Jeane Dixon: Não, não vi. De cada vez que o vi foi à luz do dia. Em plena luz do dia.

Por que razão acha que ele se manifesta à senhora?

Jeane Dixon: Ele não se manifesta só a mim.

Poderá ele estar aqui connosco agora?

Jeane Dixon: Está à nossa volta tanto quanto o Senhor está. E não pense que não está. Com toda a certeza. Está entre nós. E puxa sempre. E lembre-se, fisicamente ele puxa, não só mentalmente.

Não percebo o que quer dizer.

Jeane Dixon: Digamos que estou a ir a pé até uma farmácia e tenho alergia a soda de chocolate e o médico disse-me: «Ficará doente se tomar soda de chocolate.» Mas quero tanto aquela soda de chocolate que há uma força que me puxa para ela, e tenho de usar uma força maior para me afastar... Uma vez alguém pregou-me uma partida muito má. Foi a coisa mais horrível do mundo. E havia uma enorme vontade de me vingar. E puxava-me fisicamente. Então pensei: «Cabe a Deus, não a mim.» É Ele quem nos julga, não eu. E é para onde a nossa alma vai no dia do juízo. Por isso coloquei o meu problema nas Suas mãos e cada dia é um dia novo. Começo o novo dia dizendo: «Por favor, Senhor, ajuda-me a puxar nesta direção, não nesta.»

Terceira Entrevista com Jeane Dixon: 12 de Abril de 1975

O marido de Jeane Dixon, James, tinha sido assaltado e quase morto. Naturalmente pensei — por que razão não o avisou? Já lhe tinha salvo a vida

anteriormente quando o persuadiu a não viajar num avião que acabou por cair. Por que razão não pôde agora protegê-lo dos ferimentos que quase lhe custaram a vida? Essa foi a primeira de muitas perguntas que queria fazer-lhe. Aqui ficam as minhas perguntas e as suas respostas, poucos dias após o assalto.

Brian: As pessoas vão dizer que é terrível não ter conseguido prever que o Jimmy ia ser assaltado.

Jeane Dixon: Mas eu previ. Disse: «Jimmy, não vás. Por favor, não vás.» E esperei à porta por ele — foi a primeira vez que esperava à porta por ele em vinte e oito anos. Em qualquer outra altura teria ido para a cama.

Ele vai dizer-lhe isso. E já tinha os números de telefone dos médicos e tudo o mais. Foi tão rápido. E mantive a cabeça fria porque simplesmente sabia. E isto foi o que o Jimmy disse quando saiu pela porta: «Nunca me vão apanhar.» Queria dizer que seria tão rápido quanto eles — para se defender. É muito forte, percebe, fisicamente. Quando saía pela porta, eu disse: «Vou esperar aqui por ti.»

E nunca tinha esperado à porta antes?

Jeane Dixon: Nunca.

Tinha a sensação de que algo ia acontecer?

Jeane Dixon: Fiquei ali sentada, e é a sensação mais estranha do mundo... Sabe quando deixa cair alguma coisa e pensa que vai atingir o seu dedo do pé e afasta o pé a tempo, aquela sensação entre ali... e ali? Quando deixa cair as tesouras ou outra coisa? É essa mesma sensação. Ou se corta o dedo ou cai água a ferver em cima? É essa a sensação.

Se tivesse meditado antes de o Jimmy sair, acha que teria sabido com clareza que «se ele sair vai ser atacado»?

Jeane Dixon: Se tivesse meditado sobre isso, teria visto, sim. E quando digo que teria visto, quero dizer que teria sabido que ia acontecer. Tínhamos visitas nessa noite. Ele foi acompanhá-las ao carro. Estava frio, muito frio nessa noite. Estava nas suas calças e numa espécie de camisa desportiva; por isso vestiu um casaco muito pesado e um chapéu de pele que usa com ele, o tipo que se usa na Rússia, percebe. Eu disse: «Não vás!» Ele disse: «Mas quero acompanhar as pessoas até ao carro.» E fiquei à porta e disse: «Tem cuidado.»

Depois, quando ele saiu, o nosso cãozinho, um cãozinho feroz, o Teddy, foi com ele. O Jimmy apenas atravessou a rua e deu uns dois passos no passeio. E disse: «Teddy! Corre!» Então o Teddy correu até ao seu pequeno outeiro verde favorito que tem lá em cima e que reivindica como seu.

E então, do nada, apareceu um homem enorme, com cerca de 115 quilos. Disse ao Jimmy: «Dê-me o dinheiro.» O Jimmy disse: «Dou-lhe o que tiver», meteu a mão no bolso e tinha talvez uma nota de cinco dólares e quatro notas de um dólar. O homem disse: «Quero a sua carteira.» O Jimmy disse: «Não tenho carteira.» E de facto não tinha. O homem disse: «Não é este o tipo de dinheiro que quero.»

Então deu-lhe uma valente pancada e deixou o Jimmy inconsciente. É tudo o que o Jimmy se recorda para começar. Isso foi no passeio exterior. Depois há aquelas grandes floreiras de cimento altas. Conseguimos perceber pelo rasto de sangue onde o Jimmy foi atirado por cima delas, para o pátio. Felizmente estava inconsciente e não tentou proteger-se com as mãos e os braços — por isso quando caiu não os partiu.

Mas evidentemente não se contentaram com dar-lhe a pancada que o deitou abaixo. Rasgaram-lhe as roupas em tiras, cortaram os bolsos das roupas — e era possível ver o amachucado no chapéu onde ele caiu: o chapéu salvou-o. Depois deixaram-no por morto.

Era possível perceber que o Jimmy tinha tentado arrastar-se — claro que estava inconsciente. Não sabia de nada desde aquela primeira pancada. Mas consegue-se ver onde foi atirado por cima do passeio exterior, e consegue-se ver onde se arrastou, pelo rasto de sangue.

Usa óculos com armação de aço e evidentemente o impacto daquela pancada foi tão terrível que as lentes saíram das armações.

Uma estava num sítio e a outra estava noutro, mas curiosamente as lentes não estavam partidas. E a trela do cão estava talvez a três metros de onde o Jimmy estava. Não sei como foi parar lá a trela do cão. Mas o cão voltou para casa sem ele.

Estava à porta à espera do Jimmy e vi o cão a vir e perguntei-me o que se passava. E lá estava o Jimmy a cambalear, a tentar encontrar o caminho a casa.

E estava simplesmente rasgado e cortado e espezinhado e tudo o mais. Não conseguia ver. Havia sangue por todo o lado, a sair-lhe do nariz, da boca, dos ouvidos. Pensei: «Meu Deus!» Mas fui capaz — tinha de manter a cabeça — e liguei ao Dr. Cahill. Disse: «O Jimmy foi atingido, foi gravemente ferido.» Disse: «Venha imediatamente.»

Estava cá em seis minutos. Disse: «Chame uma ambulância.» Chamei a ambulância. Desde o momento em que fiz aquele primeiro telefonema até ao momento em que o Jimmy estava na sala de urgências passaram dezasseis minutos — tinham mesmo a porta aberta e os médicos à sua espera.

Se não fosse tudo tão rápido, o Jimmy não estaria cá. Alguns dos nossos amigos que receberam o mesmo tratamento não saíram tão bem. As pancadas que os derrubaram foram-nos fatais.

[Pouco antes de falar com a Sra. Dixon acerca do seu marido, ela fez previsões muito específicas sobre Jacqueline Onassis e a sua família, e eu queria saber que meios extrassensoriais tinha utilizado.]

Quanto tempo meditou antes de fazer as previsões sobre Jacqueline Kennedy Onassis?

Jeane Dixon: Meu Deus, meditei muito sobre isso: levou-me todo o Domingo de Páscoa e vários outros dias e noites.

Diz que haverá uma conspiração para a defraudar da sua herança de Aristóteles Onassis. Obteve isso por telepatia?

Jeane Dixon: As Testemunhas 171

Jeane Dixon: Isso é telepatia, sim. Estou a captar pensamentos.

E a sua previsão de que os romances de Caroline Kennedy com homens mais velhos vão causar uma ruptura entre ela e a mãe?

Isso é precognição.

Depois diz que ameaças de rapto vão representar perigos muito reais tanto para a Caroline como para o John Jr. Obtém isso por precognição?

Jeane Dixon: Não, não. Isso é telepatia.

Portanto está a captar os pensamentos ou as conversas das pessoas que planeiam o rapto?

Jeane Dixon: Sim. Estão a pensar nisso agora. Consigo chegar tão longe.

E quando prevê que Jacqueline Onassis vai viver na solidão até encontrar finalmente o homem certo em 1979 — isso é precognição da sua parte?

Jeane Dixon: Sim.

Nada disto, porém, é através de revelação?

Jeane Dixon: Não, não é revelação. Não é profecia. Não é uma visão. É telepatia e precognição. Percebe, uma visão não se altera. Essa vem de um poder superior ao nosso. Estas previsões sobre Jacqueline Onassis — poderiam ser alteradas; mas não vão ser alteradas.

A Comissão Rockefeller concluiu recentemente que não há provas de que o assassínio de JFK tenha sido diferente do que foi apurado pela Comissão Warren.

Jeane Dixon: Houve um complô definido que acabará por ser revelado: não me importa o que diz a Comissão Rockefeller.

O rapaz nascido no Oriente que se tornará o Anticristo — tem tido algum pressentimento sobre ele ultimamente?

Jeane Dixon: Não, não meditei sobre ele, embora pense que está no Egipto neste momento. Ainda não foi a Roma.

Sabe que disse que conhecia a vida de Richard Nixon do nascimento à morte. E disse também que ele sairia de Watergate com a reputação intacta.

Jeane Dixon: Historiadores ainda por nascer vão pegar nos factos e ele vai ficar na história como um grande Presidente. Vão descobrir que o preço que o mundo está a pagar por tentar desacreditar Nixon é que vamos perder praticamente a nossa liberdade.

Quarta Entrevista com Jeane Dixon: Novembro de 1975

Para combinar uma entrevista final para este livro, telefonei à Sra. Dixon perto da meia-noite de sábado, 22 de Novembro. Acabara de regressar a casa depois de tratar de uma vizinha doente.

Jeane Dixon: Estou a trabalhar como uma louca. A senhora do lado está muito, muito doente e isto continua todas as noites. Tem oitenta e quatro anos, não consegue andar e tem edema. ... Agora quero ajudá-lo, mas podia telefonar-me para o escritório de manhã? Estou simplesmente morta, morta, morta. Ligue-me e continue a ligar até me conseguir apanhar, porque vamos terminar o seu livro. ... Mal consigo manter os olhos abertos. Por isso gostava de ir beber um copo de leite e deitar-me e depois o senhor liga-me... Boa noite.

23 de Novembro de 1975

Jeane Dixon: Estou noutra chamada. Pode esperar um momento? [Quando voltou ao telefone estava a chorar.] Tenho de superar este estado de perturbação. Vou contar-lhe. Anteontem à noite ouvi um estrondo horrível por volta das três da manhã. Corri para o quarto do Jimmy e disse: «Jimmy, como podes dormir com um estrondo assim?»

Então ele veio e não viu nada. Mas vestiu-se e saiu. Levou o cão e foi acima e abaixo da rua e eu observei da janela. Disse-lhe que parecia o embate de um avião. Mas ele não conseguiu ver nada. Por isso ligámos à minha irmã Evelyn [piloto] e estava tudo bem com ela. E, Denis, juro por Deus e estou a dizer-lhe os

factos, não preguei olho nessa noite. Estava mais desperta do que alguma vez estive na minha vida. Era algo como quando tenho uma revelação — uma profecia. Não era um estado terreno. E depois levantei-me. Não tomei o pequeno-almoço. E estava tão desperta. Não almocei. Não queria nada.

Voltei a casa ao meio-dia porque sabia que ia ter um dia agitado. Era sexta-feira. Não conseguia dormir. Deitei-me e peguei nas minhas contas de rosário e estava a rezar o terço o mais depressa que podia — pela liberdade da Hungria, pela liberdade do mundo, e estava numa espécie de mundo diferente. Fui de volta ao escritório mas não conseguia concentrar-me no trabalho. Dormi um pouco na noite passada [sábado] e acordei durante a noite e disse ao Jimmy: «Há um funeral. Alguém vai morrer naquele acidente.» Ele disse: «Estás apenas a sonhar.» Eu disse: «Não estou a sonhar.»

E depois adormeci. Então, mesmo quando o senhor telefonou esta manhã, recebi outra chamada.... E o General Watts tinha morrido no seu avião. Ontem por volta das cinco e meia estava a voar no [Oklahoma] e parece que a polícia na estrada viu o seu avião a perder altitude, a atingir as copas das árvores e a despenhar-se e a arder.... Agora, por que razão não me foi mostrado isso? Ele não teria voado se eu lhe tivesse dito. ... Vou superar isto e ligo-lhe mais tarde. Mas éramos muito bons amigos. Por que razão não me mostrou o Senhor que era o avião dele que ia cair? [Durante toda a conversa, a Sra. Dixon estava visivelmente muito perturbada.]

27 de Novembro de 1975 Dia de Acção de Graças

Brian: O estrondo que ouviu. Depois disso, ligou apenas à sua irmã Evelyn?

Jeane Dixon: Sim, porque os meus outros irmãos e irmãs não andam de avião. Sabia que era o embate de um avião.

É muito difícil para mim falar sobre isso neste momento. ... Sabia que alguém tinha morrido, alguém que amávamos. ... Tinha esta morte, mas não sabia que era ele. Mas já lhe disse várias vezes: «General Watts, quando encontrar o seu Criador, será porque adormeceu no seu avião.»

Ele alguma vez lhe disse que tinha adormecido no seu avião?

Jeane Dixon: Não, mas não vejo como poderia evitá-lo. Porque trabalha como eu trabalho.

Vê o General Watts a ir para o céu agora?

Jeane Dixon: Tem um anjo da guarda tão grande e tão poderoso que sei que vai para o lugar que é o melhor lugar para onde ir.

Na minha entrevista de 1972 consigo, não acreditava que houvesse vida inteligente noutros planetas. Recentemente mencionou que havia vida inteligente num planeta irmão da Terra no lado oposto do sol.

Jeane Dixon: Naquela altura ainda não o tinha captado. Mas desde então tomei conhecimento do planeta irmão.

Obteve-o através de meditação?

Jeane Dixon: É assim que a maior parte das coisas chega. Percebe, liberto-me para ver o que consigo captar e, antes, tinha-me limitado à lua e não tentava ir mais longe.

Desde então tenho dedicado mais tempo à meditação, mais tempo a ouvir o que sinto, e quanto mais tempo se dedica mais se obtém. Este planeta está exactamente do outro lado do sol. E penso que os OVNIs estão associados a este planeta irmão. E penso que vamos colocar instrumentos em Júpiter e eles vão dar-nos uma visão panorâmica.

Há pessoas como nós nesse planeta?

Jeane Dixon: Não lhe posso dizer, mas sei que há vida lá. Sinto que há

vida lá. E, Denis, onde há vibrações há vida. Quando não há vibrações, então está morto. Sinto que há vida animal e vegetal nesse outro planeta, e que dele provém um ritmo de vibrações. E isso significa que o que quer que lá exista está em sintonia com o universo.

22

Opiniões de Dois Padres Católicos

Padre Eugene B. Gallagher

Padre jesuíta que fez um estudo especial sobre possessão demoníaca e exorcismo, o Padre Eugene B. Gallagher, da Old St. Joseph's Church, na Filadélfia, há anos que dá conferências sobre esses temas. De facto, as suas palestras sobre um exorcismo real foram a génese do romance O Exorcista, de William Blatty. Blatty foi aluno numa das aulas do Padre Gallagher. Entrevistei-o a 8 de Março de 1974.

Brian: Jeane Dixon fala do diabo como uma realidade física. Um psiquiatra, o Dr. Riesenman, ao falar sobre possessão diabólica e exorcismo, trata-os como factos. Concorda com eles?

Padre Gallagher: Sim, físico no sentido em que é uma coisa; que o espírito do mal é uma personalidade que existe de facto. Não é material, mas é físico no sentido de uma realidade efectivamente existente.

E qual é o propósito?

Padre Gallagher: É um mal que Deus permite. Retiro isto das próprias palavras e actos de Cristo no Novo Testamento. Aparentemente os espíritos malignos têm permissão para vaguear pela terra até ao fim do mundo e então serão confinados ao Abismo, como os espíritos malignos perto do lago da Galileia disseram a Cristo: «Portanto não nos mandes para o Abismo agora, antes do tempo. Manda-nos antes para estes 2000 porcos.» E Cristo disse: «Muito bem, ide.» E foram ao fundo do lago e afogaram-se.

Acha que de certa forma esses «espíritos malignos» se estão a divertir?

Padre Gallagher: Sim, estão. Porque odeiam Deus e estão irrevogavelmente confirmados no mal. É uma espécie de expressão vingativa contra Deus. Não podem odiar a Deus, por isso odeiam a melhor coisa a seguir: o homem feito à imagem e semelhança de Deus.

Os críticos mais fervorosos de Jeane Dixon dizem que ela é inspirada pelo diabo.

Padre Gallagher: Não creio, pelo que li sobre ela.

Acha que, se o fosse, as suas actividades seriam menos amistosas, menos benignas?

Padre Gallagher: Exactamente. Ela não é anti-religiosa. Penso que é uma mulher que aproveita as suas intuições e é paga por isso.

Tem alguma opinião firme sobre Jeane Dixon enquanto profeta?

Padre Gallagher: Só posso dizer o que disse em resposta a uma pergunta sobre ela em algumas conferências: «Faz um pouco melhor do que Drew Pearson.»

Acredita que Deus se revela ao homem em revelações específicas, indicando como será o futuro?

Padre Gallagher: Digamos o seguinte. Deus revela coisas na Bíblia. Disse-nos muito pouco sobre o futuro. Diz-nos na Bíblia, no Antigo Testamento, que há duas coisas que nenhum deus falso e nenhum ser humano poderia saber. Disse: «Só Eu posso prever as acções futuras das pessoas. Ide aos vossos deuses falsos e vede se eles conseguem fazer isso.» E diz: «Só Eu conheço os segredos mais íntimos do coração.» Só Deus conhece os seus pensamentos mais íntimos no que

diz respeito à sua atitude perante esse pensamento, se consente ou discorda, etc. Por outras palavras, o espírito maligno teria de esperar até que entrasse em acção manifesta para descobrir o que pensa sobre certas ideias que lhe poderia ter sugerido.

Por isso acha que a capacidade de Jeane Dixon é intuitiva?

Padre Gallagher: Acho que tem bons palpites.

Não acha que Deus está a falar com ela?

Padre Gallagher: Não, não acho, de forma alguma. Na verdade, costumava lê-la no jornal para me rir. Sou de Sagitário e nunca encontrei uma linha que se aplicasse a mim. Seria moralmente errado para qualquer pessoa, incluindo ela própria, pensar que Jeane, pelo seu próprio poder, está a prever com certeza actos futuros e livres dos seus concidadãos — só Deus pode fazer isso, e aqueles que porventura recebam revelações Suas. Espero que Jeane Dixon tenha levado os seus leitores, sem fé firme nas suas previsões, a lê-la como eu faço ocasionalmente, para divertimento e entretenimento. Está a conduzir um jogo de adivinhação e muita gente gosta de participar na brincadeira!

Monsenhor James A. Magner, Procurador da Universidade Católica da América (aposentado)

O Padre Magner foi citado em A Gift of Prophecy, do seguinte modo: «Nem na ideia nem na expressão há qualquer conflito entre o dom da Sra. Dixon e a Igreja. Na verdade, para um católico parece algo bastante normal, embora ainda não saibamos muito sobre este campo dos fenómenos psíquicos.» Isso foi em 1965. Dez anos mais tarde, a 3 de Junho de 1975, perguntei-lhe:

Brian: Acha que Deus comunica com indivíduos, como Jeane Dixon acredita que Deus comunica com ela, através de revelações?

Padre Magner: Acredito certamente que Ele comunica com indivíduos. Rezo a Deus todos os dias e peço-Lhe que me ajude, que me instrua, que me ilumine, que me inspire. Da mesma forma rezo aos santos, porque acredito na comunhão dos santos tanto na vida presente como na vida futura; e perante o trono de Deus, que têm o Seu ouvido, por assim dizer.

E rezo-lhes igualmente e peço-lhes que intercedam por mim para que eu possa compreender melhor o que devo fazer, que me deem força e coragem para fazer o que é certo. E rezo também por coisas materiais. Rezo pela saúde, e posso rezar pelo sucesso nesta ou naquela empresa. Acredito que o próprio Cristo nos diz para fazer isso.

A sua abordagem à Sra. Dixon é inteiramente religiosa ou tem também uma atitude científica?

Padre Magner: Parcialmente ambas. Não descarto a ideia de comunicação espiritual ou sobrenatural direta com Deus. Mas é minha opinião que a Sra. Dixon poderá ter algum tipo de comunicação com as forças, elétricas ou outras, supersensoriais ou extrassensoriais, sobre as quais sabemos muito pouco.

Leu extensamente na história da investigação psíquica ou da parapsicologia?

Padre Magner: Não, não li.

Tem alguma dúvida sobre as capacidades da Sra. Dixon?

Padre Magner: Não posso dizer que tenha dúvidas. Mas diz-se sempre: «Bem, acho que devo saber um pouco mais sobre isto antes de emitir um juízo positivo.»

Quando falei com ela, falou do diabo como de uma entidade absoluta. Concorda com ela em que o diabo é uma entidade?

Padre Magner: Sim.

Os seus críticos mais severos sugerem que o seu dom vem do diabo.

Padre Magner: Não subscreveria isso de forma alguma. Alguns dos seus escritos, previsões, e assim por diante, achei bastante difíceis de aceitar, mas nunca encontrei nada minimamente diabólico neles. Conheço a Sra. Dixon bastante bem pessoalmente e considero que é uma pessoa muito profundamente religiosa, cuja mensagem fundamental é realmente o amor de Deus. Vai à missa todas as manhãs, sei que recebe a comunhão diariamente, e reza na igreja e pede orientação divina. Não consigo conciliar isso com a alegação de que ela estaria em comunicação com o diabo.

Falei com um padre que sugeriu que a Sra. Dixon adivinha e que faz «um pouco melhor do que Drew Pearson».

Padre Magner: Algum deles adivinhou o assassínio do Presidente Kennedy? Essa é uma previsão dela bastante bem comprovada.

Padre Magner: Acho que antes de se fazerem afirmações desse tipo, seria conveniente contabilizar as previsões que fez e ver quais delas foram verificadas e quais delas, digamos, foram igualadas por bons adivinhadores.

Tem alguma opinião geral sobre a perceção extrassensorial?

Padre Magner: Não sei, em primeiro lugar, qual é a fonte de comunicação quando falamos de perceção extrassensorial. Pode ser uma revelação de Deus, ou uma comunicação de Deus de uma forma ou de outra, ou pode ser em alguns casos tipos de radiação material. Penso que estamos apenas no limiar de compreender o significado da inteligência e da atividade do cérebro e acredito que, com o passar do tempo, poderemos

Jeane Dixon: As Testemunhas 181

descobrir que existem formas de comunicação elétrica que não têm necessariamente a ver com o futuro, mas que têm a ver com pensamentos e intenções de mentes que não a nossa.

O que pensa da coluna de astrologia da Sra. Dixon?

Padre Magner: Disse-me que em jovem entrou em comunicação com um padre jesuíta e ele deu-lhe algumas ideias nesse sentido.

É claro que um padre jesuíta pode ser um homem bastante excêntrico.

Padre Magner: Bem, pode. Na verdade, perguntei à Sra. Dixon se as suas colunas de astrologia — que aliás são publicadas em todo o mundo — servem um propósito útil. E ela disse que sim, que tentava dar inspiração; ou ideias úteis, ou alegres ou otimistas. E eu disse: «Não poderia eu escrever uma?» Ela disse: «Acho que podia.» Por isso isso pode ser parte da sua própria explicação. Mas diria, pelos meus contactos pessoais com a Sra. Dixon, que não há dúvida: ela é uma boa pessoa, e prega, prega mesmo comigo, e é ela quem faz a maior parte da conversa quando nos encontramos. E a sua conversa é sobre o amor de Deus e a importância de uma boa religião.

Como aprecia o facto de ela lhe pregar?

Padre Magner: Tudo bem. Acho que de vez em quando talvez precise.

22

Jeane Dixon: A Favor e Contra

Embora me tivesse proposto entrevistar testemunhas a favor ou contra Jeane Dixon, e tivesse tencionado deixar o leitor ser o juiz, apercebi-me de que, devido ao meu papel na investigação, eu próprio me tornei uma testemunha.

A minha opinião é evidente nesta segunda e última entrevista com Daniel St. Albin Greene do The National Observer, a 4 de Janeiro de 1974 — e não só nesta.

Brian: Gostaria de fazer duas breves observações. A primeira é que, embora ache que as suas provas no seu artigo do National Observer sobre Jeane Dixon são notavelmente persuasivas, continuo a achar que é um mistério.

Greene: Oh, sim. Sou o primeiro a admitir que algumas partes da história de Jeane Dixon continuam a ser um mistério. Ela mantém-no assim.

Brian: A outra observação é a seguinte: não acho que tenha sido justo enquanto jornalista, enquanto repórter objetivo, para com a capacidade psíquica de Jeane Dixon. Ela fez algumas previsões notavelmente precisas a pessoas inteligentes, que se apoiam mutuamente na confirmação dessas previsões. Passou por cima delas no seu artigo.

Greene: O artigo foi um pouco cortado no final por ser demasiado longo. Tinha dedicado pelo menos metade do artigo a uma avaliação de Jeane Dixon enquanto psíquica. Se tivesse sido mais longo, teria fornecido mais provas para sustentar a minha premissa de que Jeane Dixon não é uma profeta. Investiguei várias das suas famosas previsões. Tentei encontrar pessoas que as corroborassem. Falei com várias pessoas que supostamente sabiam algo sobre a previsão de Bobby Kennedy. Simplesmente não se sustenta. A previsão de John F. Kennedy — falei com algumas pessoas que disseram: «Sim, ela disse-me isso.» Mas desde então falei com pessoas que a conhecem muito bem há anos, que afirmam poder provar que ela nunca fez essa previsão.

Brian: Não falou com Ira Walsh, um executivo da Hearst na Costa Oeste?

Greene: Não, não falei com Ira Walsh.

Brian: E ele é apoiado por um executivo de televisão, Tom Swafford, com quem também não chegou a falar, imagino.

Greene: Não, não conheço o nome. Não sou um descrente total. Acredito que pode haver algo chamado percepção extra-sensorial, mas não consigo explicá-la. Têm de me mostrar provas bastante sólidas, o que nunca me foi mostrado.

Uma coisa que me torna desconfiado em relação aos profetas é que todos eles usam o mesmo sistema. Estão sempre a prever calamidades. Estão sempre a prever doenças ou assassínios ou problemas globais. E se previrem um número suficiente desses, alguns hão-de acabar por se confirmar. Uma pessoa como Jeane Dixon está constantemente a dizer às pessoas que algo terrível vai acontecer. Ora, a maior parte dessas coisas não acontece. Mas ocasionalmente acontecem, e então os seus crentes juram a pés juntos que Jeane Dixon o profetizou.

Brian: É o que penso. Acho que ela tem alguma coisa. Para fins de argumentação, acho que faz dez previsões genuínas por ano que se confirmam, muitas vezes sobre pessoas próximas dela. Mas depois obscurece-as com dezenas de previsões sobre celebridades e acontecimentos nacionais e internacionais para as quais usa a sua intuição ou simplesmente faz suposições inteligentes, e apenas uma pequena parte delas se confirma.

Greene: Falei com várias pessoas que inicialmente se aproximaram de Jeane porque acreditavam que era uma mulher santa e queriam fazer parte da sua vida. Mas essas pessoas mais cedo ou mais tarde souberam a verdade, e agora dizem: «Ela simplesmente não é o que eu pensava que era.» Estão desiludidas.

Brian: Com as previsões genuínas, o que parece acontecer é que, à medida que se aproxima a data do acontecimento previsto, ela torna-se mais específica e mais emotiva.

Greene: Se ela realmente tem alguma coisa, como sugere, penso que ao longo de todos estes anos devia ter sido encontrada alguma forma de provar cabalmente o seu poder. O senhor sabe tão bem quanto eu que ela recusou repetidamente ser testada por qualquer cientista credível.

Brian: Acho que ela tem alguma coisa. Por exemplo, quando diz a uma amiga [Martha Rountree]: «Não entre naquela casa, imploro-lhe!» E pouco depois a casa fica reduzida a cinzas.

Greene: O meu tio fazia o mesmo. O meu tio jura — e não foi outra coisa além de pintor de casas a vida toda — que em duas ou três ocasiões, quando morreram familiares, viu visões da morte antes de acontecer. Ora, isso não o torna um profeta. Não sei o que o torna. Pode significar que é uma pessoa demasiado sensível ou uma pessoa com uma quantidade extraordinária de intuição trágica — não sei. Pode ser simplesmente disparate que ele diz quando está a beber ou coisa assim. Sabe, milhares de pessoas têm pressentimentos. Ouviu falar do Serviço de Pressentimentos?

Brian: Claro que sim.

Greene: Têm não sei quantos relatos de pressentimentos, que se confirmaram ou não. Mas as pessoas que os tiveram não andam por aí a ganhar muito dinheiro a chamar-se profetas.

Brian: Acho que há verdade em ambos os nossos pontos de vista. Não acho que nenhum de nós tenha toda a razão.

Greene: [Ri.] Há alguns anos cheguei finalmente ao ponto de realização intelectual em que descobri que nunca saberei tudo, que muitas coisas que

aprendi estão erradas, e que não há nada de errado em mudar de opinião. Comecei a chamar-me a mim mesmo um homem inteligente quando cheguei a esse ponto.

24

A Visão de Jeane Dixon

Enquanto meditava na Catedral de São Mateus em Outubro de 1974, Jeane Dixon viu um par de botas vermelhas marchar pelo altar de forma determinada.

O seu primeiro pensamento foi: «O diabo usa botas vermelhas.»

Olhou novamente para o altar e agora via os doze apóstolos.

Num esforço para compreender estas visões, jejuou e rezou durante três dias. Depois, às duas da manhã, acordou com um deslumbrante espetáculo de luzes e cores sobre a sua cama.

Sentiu que as luzes eram um símbolo de Deus, que as botas vermelhas tinham sido um símbolo do Mal, e que a mensagem era que na batalha que se avizinhava entre o Bem e o Mal, o Bem triunfaria.

Nas duas semanas seguintes teve uma série de visões vívidas e detalhadas que a deixaram emocionalmente esgotada, mas exaltada. «Vi imagens e ouvi vozes na minha mente», explica a Sra. Dixon. «Talvez, como uma criança que ouve adultos a falar, só tenha compreendido parte da conversa. Talvez tenha vislumbrado tudo. Não sei.»

Recorda ter visto dois homens a instalar fiação eltrica num laboratório de investigação e pareciam estar a monitorizar os sonhos de pessoas que dormiam em dois quartos contíguos.

Jeane Dixon observou-os na sua visão em estado de transe e viu os que dormiam mudar de tamanho, de raça, e várias vezes de sexo.

Interpretou isso como significando que Deus tinha escolhido dar a essas pessoas tais corpos em vidas diferentes e que estava a testemunhar uma versão acelerada das suas reencarnações.

«Viu» um cirurgião num laboratório hospitalar cujo cérebro parecia gigantesco e repleto de conhecimento das suas vidas anteriores. E ele levou o conhecimento acumulado para a mesa de operações. A Sra. Dixon sentiu após esta visão que segredos que morreram com cientistas do passado serão revividos e doenças serão vencidas; técnicas e teorias médicas concebidas há muito mas

nunca postas em prática por serem consideradas heréticas ou descabidas, serão experimentadas e revelar-se-ão eficazes.

As visões de reencarnação de Jeane Dixon ecoam a sua própria intuição: sente que viveu anteriormente numa região montanhosa onde o ar era frio e rarefeito e os seus companheiros eram monges. Na verdade, acredita que pode ter sido, numa vida anterior, um homem santo num mosteiro tibetano.

Mas as suas três noites de visões que se prolongaram até Novembro não eram todas sobre reencarnação. Viu Copérnico e depois um grande radiotelescópio, o que evocou a sua previsão anterior de que contactaríamos outra civilização antes do fim do século.

Ficou com a convicção de que antes do fim do século XX, as pessoas comuns serão capazes de usar a telepatia e que esta será considerada uma forma natural de comunicação entre amigos. E os doentes, acredita ela, usarão a cura pela fé para se curarem a si próprios.

É raro a Sra. Dixon ter visões de natureza tão positiva e esperançosa, mas salientou que o que «viu e ouviu» não vai acontecer amanhã. «A princípio algumas pessoas usarão o conhecimento das suas vidas passadas para o mal», disse ela. «Foi isso que as botas do diabo significaram na minha primeira visão. Mas o Bem acabará por triunfar. Depois as guerras e os ódios pessoais terminarão e o homem partilhará o seu conhecimento com o resto do mundo.»

Numa palestra, algumas semanas mais tarde (26 de Novembro de 1974), a Sra. Dixon disse aos membros do Conselho de Agentes Imobiliários do Norte do Condado de Palm Beach: «Em Washington, D.C., a minha cidade natal, os escritórios imobiliários estão a começar a fechar. As listagens estão lá, os agentes estão lá, os compradores estão lá — mas o dinheiro não está.» Mas consolou-os com a sua crença de que os agentes imobiliários da Flórida teriam melhores resultados do que os de qualquer outro estado durante a recessão.

«A economia não vai melhorar por agora», prosseguiu.

«Deus deu-nos Nixon para nos dividir... para nos pôr à prova no que diz respeito à nossa fé, para ver se conseguíamos unir-nos.»

Em resposta a perguntas de jornalistas, Jeane Dixon disse: «Os futuros historiadores vão descobrir revelações surpreendentes sobre o escândalo de Watergate. Apenas vimos a ponta do icebergue. Em ano e meio, o povo americano saberá de encobrimentos relativos a Pearl Harbor, à Baía dos Porcos, ao Vietname e ao relatório da Comissão Warren sobre o assassínio de John Kennedy.»

«Em 1976, dois médicos vão levar a Associação Médica Americana a aceitar uma cura para o cancro — uma cura que já existe agora.»

«Em 1978, verão um Spiro Agnew diferente de volta ao caminho ascendente. Ele explicará muitas coisas num novo livro.»

«Vamos ter uma das maiores guerras civis que alguma vez se possa imaginar. Uma organização de génios já a delineou. Este conflito começará em 1978.»

«Até ao final da década de 1970, não só as fontes de combustível e energia, mas também as empresas de transportes e comunicações estarão sob controlo governamental. A última a ser nacionalizada será a indústria siderúrgica.»

«O mundo não acabará por mais 3000 a 5000 anos, quando o sol e a terra colidirão.»

Enquanto atravessava o átrio do Hotel Breakers de Palm Beach, onde fez a sua palestra aos agentes imobiliários, Jeane Dixon foi abordada por um homem de cabelos grisalhos.

«É mesmo uma profetisa?» perguntou ele.

«Sou apenas a simples Jeane Dixon», respondeu ela com um sorriso. «Um ser humano simples. Uma cidadã simples.» E depois deu-lhe a conhecer a sua filosofia. «Quero ajudar os outros a ajudarem-se a si próprios. Deus deu-me um talento para isso.»

Tocou-lhe levemente nas pontas dos dedos e disse: «Quando ficar mais velho o seu coração não será tão forte como é hoje. Cuide de si — é importante.»

Uma caricatura publicada pouco depois num jornal local tinha como legenda

«Deus deu-nos Nixon para nos dividir. — Jeane Dixon.» E a caricatura mostrava uma nuvem com uma voz a sair dela, dizendo: «Não me culpem. Eu votei no McGovern.»

Se conheço bem Jeane Dixon, ela também se teria rido.

O Messias

ou

A Segunda Vinda de Cristo

Numa reunião patrocinada pelo Clube Feminino de Lakeport em Laconia, New Hampshire, a 21 de Outubro de 1975, a Sra. Dixon previu:

«A maior obra de Alexandre Soljenítsin ainda está por vir. Será uma obra do espírito que acenderá novo fogo nos corações dos cínicos de todo o mundo. Ele tornar-se-á o centro de um movimento internacional para restaurar a fé religiosa no mundo, incluindo a sua própria Rússia, que será convertida.

«Os cientistas descobrirão criaturas ainda vivas há muito consideradas extintas.

«Todo o Médio Oriente está à beira de uma nova era gloriosa e será para o mundo moderno o que o Renascimento italiano foi para o século XVI.»

No final do século, disse ela, o Canadá e o Brasil estarão entre os países mais poderosos porque terão tanto alimentos como energia.

Previu que neste século seremos capazes de pousar equipamento em Júpiter e expressou a sua crença de que há vida num planeta irmão da Terra, do lado oposto do sol.

«Há muitos aqui esta noite», disse a Sra. Dixon ao seu público de mais de setecentas pessoas, «que vão experienciar o que acontecerá em Jerusalém.» Disse que os judeus sentirão que é a vinda do seu Messias, e os cristãos, que é a segunda vinda de Cristo.

Ninguém sabe exactamente quando acontecerá, disse ela, lembrando ao seu público que a Bíblia diz que nem sequer os anjos no céu o sabem.

«Todos testemunharemos a sombra da cruz, o tremor da terra e três dias de escuridão.»

25

John Nebel, JFK e Lee Harvey Oswald

À medida que o prazo para entregar este livro ao meu editor se aproximava, estava ansioso por reunir o máximo de provas possível nos poucos dias que restavam. Haveria alguma testemunha que o confirmasse definitivamente: que desse provas conclusivas de que Jeane Dixon fez uma previsão certeira, que não pudesse ser explicada de outra forma? Ou haveria uma testemunha que pudesse demolir todo o fenómeno como fantasia, ou uma hábil fraude perpetrada por uma mulher persuasiva sobre pessoas inocentes?

E então encontrei a minha testemunha.

Era John Nebel, que apresentava um programa de rádio de conversa da meia-noite às seis da manhã na WMCA em Nova Iorque.

Segundo se dizia, 100 000 ouvintes bloqueavam as linhas a cada quinze minutos tentando falar com Nebel. Felizmente, telefonei-lhe a um quarto para a meia-noite, a 19 de Junho de 1975, antes de o programa começar.

Foi o que ele disse:

Nebel: Jeane Dixon esteve no meu programa a 23 de Janeiro de 1963. Alguém perguntou à Sra. Dixon: «Quem acha que será o adversário republicano do Presidente Kennedy nas eleições do próximo ano?»

A Sra. Dixon disse, com uma voz muito triste, que não só Kennedy não concorreria em 64, como seria morto por um assassino antes do final de 1963.

Passei rapidamente para um anúncio publicitário e enquanto estávamos fora do ar disse a todos que não fizessem referência à previsão da Sra. Dixon quando voltássemos ao ar. E a Sra. Dixon disse que compreendia a minha preocupação.

Ora, por uma extraordinária coincidência, na noite seguinte, cerca de uma hora antes de ir para o ar, Lee Harvey Oswald telefonou-me.

Queria aparecer no programa. Disse que tinha pago para vir do Louisiana e queria aparecer para falar sobre fair play para Cuba — não a organização em si — mas estava a falar sobre a filosofia de ser justo. E depois, para me dar mais alguns atractivos, tinha desertado para a Rússia e casado com uma rapariga lá e voltado, e assim por diante. Mas simplesmente não me interessou. Por isso o resultado foi que disse não. E então ele virou-me as costas; chamou-me filho da puta, maricas, e o que se pode imaginar.

Brian: Estava a telefonar-lhe de longa distância?

Nebel: Sim, e pagou pela chamada.

Portanto, do Louisiana, era impossível que tivesse ouvido o seu programa na noite anterior, quando Jeane Dixon previu o assassínio de JFK?

Nebel: Não, era absolutamente impossível que tivesse ouvido esse programa. Oswald indicou-me que tinha sido ouvinte meu quando vivia no Greenwich Village e disse-me um monte de disparates sobre como eu era óptimo e conhecedor e toda essa conversa que acompanhou. Não me interessou nada. Nunca tinha ouvido falar de Oswald na minha vida. Apenas rabisquei o nome dele num papel e meti-o num arquivo — que consultei depois do assassínio.

Outra coisa que aconteceu com Jeane Dixon. No domingo anterior ao assassínio ela telefonou-me. E disse-me que estava a caminho de um almoço com

a viúva de um homem que tinha sido maestro da Banda dos Marines dos Estados Unidos. E a Sra. Dixon disse, enquanto passava pela Casa Branca, que viu uma mortalha sobre ela. Disse-me ao telefone: «Algo vai acontecer ao Jack esta semana.» Chamou-lhe Jack.

Bem, devo admitir que não fiquei excitado com isso. Certamente não ia usar isso no ar. Por isso agradeci-lhe muito e disse que estava encantado com o telefonema e tudo mais; mas não significava nada para mim — porque se ele fosse atropelado por um carro ela diria que tinha sido a sua previsão. E eu sabia perfeitamente que nada lhe ia acontecer.

Então chegou a sexta-feira, o dia do assassínio.

Talvez por volta das onze e meia, um quarto para o meio-dia, talvez já tivesse chegado ao meio-dia, ela telefonou-me e disse que tinha almoçado com a mesma senhora, a viúva do maestro, e que estava tão preocupada quando passou pela Casa Branca porque havia uma mortalha sobre ela, ainda mais escura do que no domingo anterior. Disse que conhecia, creio que era um familiar do Jack, e que o tinha contactado e lhe dissera para não ir ao desfile, para não se envolver em nenhum acto político em Dallas nesse dia — que algo ia acontecer.

Bem, aceitei isso da mesma forma que aceitei a história do domingo anterior. Não estava interessado. Não lhe disse isso. Agradeci-lhe muito.

Por volta de um quarto para as duas recebi uma chamada de um indivíduo que disse: «Ligue a televisão!» E desligou. Porque estava ansioso por voltar à dele. Mais tarde fiquei a saber quem era — na altura não reconheci a voz.

Por isso liguei a televisão e em qualquer canal que sintonizasse dava a notícia.

Bom, sou uma espécie de descrente — e no entanto isso é bastante impressionante.

Algumas pessoas insinuaram que a previsão de Jeane Dixon sobre o assassínio de JFK foi uma profecia auto-realizável, no sentido em que Oswald poderia ter ouvido a sua previsão e decidido torná-la realidade. Mas está convicto, não está, de que ele nunca ouviu o programa de rádio em que ela fez a previsão — embora lhe tivesse telefonado na noite seguinte?

Nebel: Estou absolutamente convicto de que ele nunca ouviu esse programa. Mas não acredito que Oswald tenha sido o assassino. Penso que foi uma conspiração.

Portanto, embora seja um descrente, Sr. Nebel, acha que a sua previsão sobre Kennedy foi notável?

Nebel: Bem, teria de dizer isso — se ela me tivesse dado Robert Kennedy e mais alguns.

Isso teria feito de si um crente?

Nebel: Teria dado maior interesse à possibilidade. Claro que ela também errou muito, sabe.

Sim, mas todos os psíquicos erram.

Nebel: Concordo.

Espero que eventualmente leia este livro. Acho que vai achar os seus poderes mais persuasivos.

Nebel: Senhor, tenho de ir para o ar.

Boa emissão.

Nebel: Obrigado... [Eram quase dez minutos para a uma da manhã.]

[John Nebel continua a ser um descrente — e no entanto testemunhou que Jeane Dixon lhe disse três vezes que o Presidente Kennedy seria assassinado — a última vez entre três quartos de hora a meia hora antes de acontecer.]

Outra Testemunha

Mas continuava a querer outra testemunha que confirmasse que Jeane Dixon tinha previsto em antena que JFK seria assassinado.

Presumivelmente, centenas de milhares de nova-iorquinos tinham ouvido a emissão — mas isso tinha sido doze anos antes e algum deles teria razão para se recordar dos pormenores exactos?

John Nebel disse que Jacqueline Susann era convidada do programa. Mas ela tinha morrido a 21 de Setembro de 1974.

Na esperança de que Jacqueline Susann pudesse pelo menos ter mencionado Jeane Dixon ao seu marido, o produtor cinematográfico Irving Mansfield, localizei-o no Beverly Hills Hotel e perguntei.

Foi o que Irving Mansfield disse, a 25 de Junho de 1975:

John Nebel tem toda a razão. Depois de Jeane Dixon ter previsto que John Kennedy seria assassinado, Nebel passou imediatamente para um anúncio publicitário. Eu estava no estúdio, mas não no programa. Durante o anúncio, Nebel disse: «Não vamos discutir a previsão do assassínio.»

Nebel disse que essa emissão foi a 23 de Janeiro de 1963. Mas foi muito mais próximo da data do assassínio do que isso. Digo-lhe por que razão o sei. A Jackie estava a dar entrevistas para promover o seu primeiro livro, Every Night, Josephine! Já tinha feito alguns programas de televisão, mas esses são gravados duas ou três semanas antes de serem transmitidos. O de Nebel era um programa de rádio em directo, e o primeiro que Jacqueline Susann fez — cerca de dois dias antes da data de publicação do livro. Demos ao Long John uma exclusividade de certa forma — o seu primeiro programa de rádio em directo. E isso foi em Novembro de 1963.

Acredito que o Presidente Kennedy foi assassinado um dia após a publicação do livro.

Portanto, de facto, Jeane Dixon fez a previsão apenas alguns dias antes de acontecer.

[Voltei a contactar John Nebel e ele explicou a discrepância nas datas dizendo que Jeane Dixon esteve no seu programa várias vezes em 1963 e fez a previsão do assassínio de JFK mais do que uma vez.]

O Presidente Franklin Roosevelt

Por fim, com o tempo a esgotar-se, tentei obter confirmação de que Jeane Dixon tinha sido chamada à Casa Branca pelo Presidente Franklin Roosevelt.

Jeane Dixon diz que foi pelo menos duas vezes: numa quinta-feira de Novembro de 1944, e em meados de Janeiro de 1945, alguns meses antes da sua morte.

Os seus críticos dizem que não há provas oficiais que confirmem essas visitas.

Quais são as provas oficiais?

O Serviço Nacional de Arquivos e Registos em Washington, D.C., não tem qualquer informação sobre as visitas.

Os Serviços Secretos dizem que a sua política proíbe comentar as consultas ou o itinerário do Presidente ou de antigos Presidentes.

A Biblioteca Franklin D. Roosevelt não pode confirmar nem negar que Jeane Dixon visitou Franklin Roosevelt. «O seu nome não consta nos diários de visitas da Casa Branca para os períodos em causa, e não nos foi possível encontrar em mais nenhum lugar nos documentos aqui existentes qualquer prova de que se tenha encontrado com o Presidente. No entanto, o Sr. Roosevelt estava

em Washington nas datas mencionadas, pelo que não podemos dizer que fosse impossível que se tivessem encontrado.»

Jim Bishop não oferece quaisquer pistas a favor ou contra as visitas no seu livro FDR's Last Year. Mas regista o comportamento misterioso do médico de FDR, o Vice-Almirante McIntire, que, a 18 de Novembro de 1944 (por volta da altura em que a Sra. Dixon afirma ter visitado FDR pela primeira vez), escreveu a um colega médico: «O Presidente goza de excelente saúde.» Escreveu isto apesar de o Comandante Bruenn, um especialista em cardiologia, ter informado McIntire de que FDR sofria de doença cardíaca hipertensiva irreversível, estava a perder peso e tinha tensão arterial elevada. «Enquanto médico», escreve Jim Bishop, «McIntire compreendia a situação mas negava-a. Os seus relatórios diários de Bruenn tornaram-se segredos da Marinha.»

O livro detalhado de Bishop revela que FDR nunca fez aos seus médicos sequer as perguntas mais casuais sobre o seu próprio estado de saúde.

No entanto, Roosevelt é conhecido por ter sido um homem de curiosidade insaciável.

Poderia o Dr. Bruenn resolver o mistério? Perguntei-lhe, a 11 de Novembro de 1975.

Disse: «Em Novembro de 1944 [a data da primeira visita relatada da Sra. Dixon] já tratava do Presidente Roosevelt há oito meses. Não há dúvida de que estava doente, mas isso certamente não prejudicava as suas faculdades mentais. Quando era preciso, estava bem presente.

«Tanto quanto me lembro do livro do Bishop, ele pensava que o Presidente era mentalmente incapaz de continuar o seu trabalho. Isso era manifestamente incorrecto. Estava em contacto bastante próximo com ele praticamente todos os dias durante o último ano ou mais, e não tenho qualquer dúvida de que funcionava bem.

«Sei que Elliott Roosevelt acredita que o seu pai pode ter ficado em silêncio porque 'o que não se sabe não faz mal'. A minha interpretação de por que razão o Presidente nunca fez perguntas sobre a sua saúde é que se sentia um homem do destino — no sentido de que tinha um trabalho a fazer e nada o iria deter — nem a sua saúde nem os seus adversários políticos.»

Mas certamente que um homem doente determinado a terminar um trabalho quer saber se tem hipótese de sobreviver tempo suficiente para o fazer?

Quaisquer que fossem os seus motivos, é claro que o Presidente Roosevelt não perguntou aos seus médicos: «Quanto tempo me resta?» ou mesmo: «O que se passa comigo?», e que eles não ofereceram voluntariamente a informação.

Na verdade, o Dr. Bruenn não poderia ter respondido à primeira pergunta. «A morte do Presidente», diz ele, «foi completamente inesperada.»

Neste contexto, FDR ter mandado chamar uma psíquica de quem se falava entusiasticamente nos círculos diplomáticos começa a soar plausível.

Perguntei a Jeane Dixon se conseguia explicar por que razão o seu nome não constava do livro de visitas da Casa Branca.

FDR pediu-lhe que mantivesse as visitas em segredo?

Jeane Dixon: Nunca. Ninguém me pediu isso.

Por que razão as manteve em segredo? (Até vinte anos após a sua morte.)

Jeane Dixon: Se alguém me faz uma pergunta em privado, não a vou discutir com outra pessoa. Acredito que uma confidência é uma confidência. Como poderia construir uma reputação se falasse? Detesto a bisbilhotice e não gosto que ninguém traia uma confidência.

Há, tanto quanto sabe, bastantes pessoas que visitam Presidentes dos EUA em privado e que não constam dos livros de marcações?

Jeane Dixon: Sim, há. Mas quando visitei o Presidente Roosevelt ficou tacitamente entendido que a minha visita não seria registada. Eu queria dessa forma, para que as portas não me fossem fechadas; e FDR podia chamar-me e outros podem chamar-me hoje sem receio de publicidade. Recordo-me de quando conheci o Presidente Roosevelt pela primeira vez, o seu mordomo perguntou-me se queria chá ou café, e quando disse «Nenhum dos dois», deixou-nos a sós. O Presidente tinha uma bela mente espiritual e tinha grande visão. Não me perguntou quanto tempo lhe restava de vida. Quis saber: «Quanto mais tempo tenho para fazer o meu trabalho?»

Os seus críticos, eu sabia, não aceitariam só a palavra de Jeane Dixon como prova das suas visitas a FDR. A sua filha, Anna, que viveu com o pai no último ano da sua vida e em quem FDR confidenciava, certamente tinha ouvido falar das visitas.

Liguei-lhe e perguntei. Mas Anna foi tão pouco prestável quanto os documentos oficiais. Não sabia nada de quaisquer visitas de Jeane Dixon ao seu pai.

Anna Roosevelt Halsted parecia ser o derradeiro beco sem saída no que dizia respeito a obter provas irrefutáveis. Se ela não sabia, quem saberia?

Mais uma vez, o apresentador de rádio John Nebel deu-me uma pista. Fale com Betty Beale do Washington Star, sugeriu.

Betty Beale recordou uma conversa com o filho de FDR, Elliott, na qual as visitas de Jeane Dixon à Casa Branca tinham sido discutidas.

Contactei Elliott Roosevelt em Inglaterra, onde vive agora, a 16 de Setembro de 1975.

Disse: Conheço bem Jeane Dixon. Previu duas coisas para mim e ambas se confirmaram. Previu para a minha mulher, pouco antes das eleições, que eu seria derrotado na reeleição para a presidência da câmara de Miami Beach. Não era provável que eu perdesse. Mas ela tinha razão: perdi. E previu, novamente para a minha mulher, que eu teria tempos difíceis à frente no que dizia respeito à minha saúde. Isso também se confirmou.

Jeane Dixon tinha acesso à Casa Branca e penso que teve várias convites. Recordo-me do meu pai falar dela em algumas ocasiões e penso que falou sobre as suas prognósticos. Em diversas ocasiões diferentes, o meu pai e eu discutimos a capacidade de projectar pensamentos e outros aspectos da percepção extra-sensorial. O assunto interessava-lhe.

Sim, o meu pai conhecia Jeane Dixon. E mencionou que ela tinha ido à Casa Branca em algumas ocasiões. Ele conhecia-a.

26

Conclusão

Há quem pense que o universo foi criado por um super-homem com gosto por hinos e necessidade de constante confirmação de que Ele é o maior. Há quem pense que tudo é acidente. Outros encaram o universo e o seu criador, se é que existe, como um mistério enorme e a si próprios como detectives.

Estou do lado dos detectives, e é também essa a minha atitude perante a percepção extra-sensorial. As provas a favor da PES são boas e crescentes — e as provas de que Jeane Dixon é capaz de clarividência e precognição são persuasivas. Mas haverá uma explicação alternativa? Vejamos.

As Testemunhas

Durante os treze anos em que Sir Walter Raleigh esteve preso na Torre de Londres sob sentença de morte, afastava da mente o machado fazendo experiências químicas e escrevendo. Completou um volume de uma história do mundo em múltiplos volumes. Depois, segundo a história, teve lugar uma briga violenta do lado de fora da sua cela. Ele e várias outras pessoas viram tudo.

Quando foram chamados a depor sobre a briga, verificou-se que ele e todas as outras testemunhas, sem excepção, tinham visto brigas diferentes. Desiludido com a possibilidade de escrever uma história objectiva de qualquer coisa — abandonou o projecto.

Consciente desta fragilidade, fiquei surpreendido com o facto de as testemunhas que entrevistei serem invulgarmente coerentes nos seus depoimentos. Dei-lhes a oportunidade de exagerar: não a aproveitaram. Meti-lhes palavras na boca: retiraram-nas. Entrevistei alguns várias vezes, abordando as questões que queria ver respondidas de ângulos diferentes: as respostas nunca variaram na substância. Ora, não estavam a repetir uma fantasia bem ensaiada, porque em todos os casos as suas recordações coincidiam com factos conhecidos.

Mesmo o Padre Cleary, sofrendo uma desilusão de 3 milhões de dólares, disse: «Sei de vários casos em que ela lidou com outras pessoas e acertou em cheio. [...] Não vejo nada de espiritual nisso. Qualquer pessoa que afirme ter uma linha directa para Deus está iludida.»

E a sua primeira biógrafa, Ruth Montgomery, desiludida com a Sra. Dixon por razões pessoais, disse-me: «Não há dúvida de que acreditei que Jeane tinha poderes especiais, caso contrário nunca teria escrito o livro. Acho que ela tinha o dom nessa altura.»

Mas será que o dom de Jeane Dixon não é extra-sensorial, mas talvez uma consciência sensorial agudamente desenvolvida? Terá ela previsto a morte do Juiz Frank Murphy porque viu o homem — e ele parecia gravemente doente? Tentei preencher a lacuna na minha investigação e responder à pergunta discutindo esse ponto com a mulher com quem o juiz tinha planeado casar-se, Joan Cuddihy.

Ela disse, a 18 de Agosto de 1975:

Sinceramente não acredito em psíquicos. Tenho ceticismo em relação a qualquer coisa desse género. Mas não acho que Jeane Dixon teria sabido que ele ia morrer — se é que soube — apenas por olhar para ele. Estava muito, muito bem, diria eu. Falei com ele muitas vezes. Tive cartas dele durante todo esse período e ele nunca se queixou de qualquer doença. Provavelmente estava cansado no final, mas todos os Juízes do Supremo Tribunal estão cansados no

final do mandato. Mas para um homem de cinquenta e seis anos estava com muito boa saúde e era uma espécie de viciado em saúde. Nunca bebia, nem sequer café. Só bebia chá. E não fumava.

Foi para o Michigan porque era época de férias e ia fazer o seu exame anual como fazia há muitos anos. Não havia suspeita de que estivesse doente quando entrou. Falei com ele na noite anterior à sua morte. Telefonou-me de um telefone público, provavelmente num corredor do hospital. Tivemos uma conversa muito agradável, a falar da minha ida até lá.

E no dia seguinte ouvi no rádio que tinha morrido. Não creio que alguma vez tenham descoberto realmente a causa da sua morte: o coração simplesmente parou.

Mas os seus exames estavam bem. Tenho uma carta do médico que era director do Henry Ford Hospital, a dizer que o Juiz Murphy tinha passado em todos os exames.

Brian: Portanto diria que, se de facto Jeane Dixon disse a Eleanor: «O Juiz Murphy não se vai casar, vai ter um novo emprego, e alguém próximo de si, mas não um familiar, vai morrer» — isso parece apontar para o que de facto aconteceu?

Cuddihy: Sim.

E, pelo que diz, a Sra. Dixon não teria forma normal de chegar a essa conclusão?

Cuddihy: É verdade. Mas mesmo assim não acredito que a Sra. Dixon tenha PES.

[Isso parece eliminar a probabilidade de Jeane Dixon ter captado indícios físicos bastante óbvios da morte iminente do Juiz. Embora tenha sabido por Frank J. Sladen, médico-chefe do Henry Ford Hospital, que o Juiz Murphy «tinha alguns sintomas cardíacos desde uma operação nasal».]

Céticos e Crentes

Os céticos e os desiludidos descartam-na como uma mulher que teve alguns palpites sortudos e os aproveitou, através de um livro bestseller e aparições em rádio e televisão de costa a costa, para construir uma reputação mundial de profecia.

Os céticos radicais dizem que ela é uma impossibilidade, negando que a PES exista apesar de um século de investigação meticulosa que claramente indica

que existe; por isso classificam-na como iludida ou como uma falsificadora consumada.

Obtém ela, de facto, alguma da sua informação «psíquica» de fontes mais mundanas? Acredito que sim.

A Sra. Dixon disse-me uma vez que era capaz de guardar segredo. Um desses segredos, tenho a certeza, é a identidade de muitos dos famosos e poderosos que recorrem a ela em busca de ajuda, conselho e para lhes prever o futuro. Alguns políticos podem considerá-lo um atalho para Deus, ou a forma de oração do século XX. Mas deles, parece provável, a Sra. Dixon deve obter, talvez de forma completamente inconsciente, informação privilegiada que a ajudaria em algumas previsões.

Os crentes mais fervorosos não aceitam nada disto. Para eles, quase cada palavra que ela profere tem uma fonte divina.

E claro que há os que ficam no meio-termo: céticos que dizem que ela pode ter alguma coisa, e crentes que reconhecem que não é infalível.

Os Psíquicos São Reais?

De acordo com cientistas de todo o mundo que deveriam saber — os parapsicólogos — foram feitas experiências suficientes para indicar que a clarividência e a precognição são factos da vida. Não têm a certeza quanto à telepatia, que poderia estar a mascarar-se de clarividência e vice-versa.

Para além de experiências controladas em laboratório, a Dra. Louisa Rhine estudou mais de 15 000 casos de PES espontânea que lhe foram revelados ao longo dos anos por pessoas que afirmam ter sonhado com um acontecimento antes de ele ter ocorrido, ou ter tido consciência de um acontecimento corrente através de algo que não os seus cinco sentidos. E rejeitar todos estes relatos, muitas vezes verificados por várias testemunhas, como coincidências, manifestações de loucura, invenções ou relatos deficientes, é pouco razoável, ou uma reacção automática daqueles que não têm espaço para o desconhecido nas suas vidas.

Não há dúvida de que o mundo dos psíquicos está sobrepovoado de impostores. A literatura sobre os apanhados em flagrante supera em cerca de cinquenta para um os relatos sobre os que nunca o foram. Mas existem diamantes no meio da sujidade. Há vários de reputação imaculada, que resistiram a todos os testes que os cientistas lhes puderam aplicar — um chegou mesmo a ser investigado por detectives e considerado completamente honesto. Estes psíquicos produziram provas notáveis de possuírem a capacidade de obter informação por meios extra-sensoriais. Entre eles contam-se Leonora Piper, Gladys Osborne

Leonard, Estelle Roberts, a Sra. A. W. Verrall, a Sra. Willett, a Sra. Holland (irmã de Rudyard Kipling), e mais recentemente Eileen Garrett e Ena Twigg — todas mulheres, aliás.

O Mundo Real?

Hoje em dia, o mundo da causa e efeito está a encolher e a alternativa frustra os cientistas que querem que tudo seja explicado através da mecânica ou do eletromagnetismo. E a infiltrar-se no quadro vem o mundo extrassensorial com tudo o que isso implica.

O mundo que Jeane Dixon habita tem dimensões que nós, os não-psíquicos ou psíquicos latentes, só visitamos nos sonhos e talvez a meio caminho entre o sono e a vigília, se é que alguma vez o fazemos. Completamente despertos, assistimos ao caixão coberto com a bandeira do Presidente Kennedy e ao cavalo sem cavaleiro — Jeane Dixon, também completamente desperta, vê Kennedy a dançar em cima do seu caixão. Será a dela ou a nossa a realidade — ou são ambas factuais, mas ela está a ver o que nos está oculto?

Segundo relatos, Cristo apareceu aos discípulos três dias após a sua morte e não como uma aparição. Talvez esses homens também fossem psíquicos. Mas, por mais descabida que pareça, a experiência de Jeane Dixon de ver Kennedy a saltitar no seu próprio caixão tem eco noutros psíquicos.

Eileen Garrett conta ter visto o seu tio após a sua morte, como se ainda estivesse vivo. Ena Twigg foi ao serviço fúnebre do Marechal do Ar Lord Dowding na Abadia de Westminster e escreve no seu livro Ena Twigg: Medium: «Lord Dowding apareceu entre dois vasos de rosas no altar; em posição de sentido, a fazer a continência. Estava radiante e parecia trinta anos mais novo — como deveria ter parecido durante a Batalha de Inglaterra.»

A Sra. Twigg diz: «Quando estou em estado de clarividência, vejo formas espirituais tanto mentalmente como objetivamente... Antes de uma forma espiritual aparecer de facto, vejo uma luz brilhante penetrante, e depois a forma vai tomando forma sob a luz.»

Jeane Dixon diz: «Acredito genuinamente que há espíritos à nossa volta.»

Revelação?

Antes de Deus comunicar com ela, diz ela, há três dias durante os quais o mundo está iluminado com uma luz sobrenatural e ela sente que lhe vai ser dada uma revelação. Aqui parece partilhar um mundo com os místicos — um mundo que outros acreditam poder alcançar através de drogas, do jejum, ou da mortificação da carne.

Não podendo entrevistar Deus, não posso dizer se Jeane Dixon é uma das Suas profetas. Dizia-se que os profetas dos tempos do Antigo Testamento tinham chegado ao fim após a queda do Templo e que o dom tinha sido dado a tolos e crianças. Isto pode ser uma analogia dos factos, no sentido em que, talvez, os verdadeiros profetas conservem a sua inocência e fé infantis, e que os sofisticados sufoquem o dom, ou o deixem atrofiar, por ser embaraçoso. Não podendo ler a mente da Sra. Dixon, é impossível refutar as suas afirmações.

Os Confins da Mente

Apesar dos magníficos exploradores da mente e do cérebro, apesar de Freud e William James e Wilder Penfield, apesar dos cientistas nos seus laboratórios de sonhos e de outros a experimentar com a hipnose — a mente continua a ser um mistério enorme.

Mas os investigadores acreditam que o seguinte é verdade: Sob hipnose, em sonhos, no estado sonolento entre o sono e a vigília, ou durante a meditação, uma pessoa está mais propensa a experienciar o que é chamado o extrassensorial — um vislumbre verdadeiro de acontecimentos futuros, ou de um acontecimento corrente a ocorrer noutro lugar, ou a resposta a um problema anteriormente não resolvido. É quando a mente está mais relaxada e talvez quando parte dela muda para outra marcha — do ponto morto para o sobrenatural!

Os cientistas do mundo ocidental e da Rússia concordam que o poder de um psíquico não pode ser fixado. Vem e vai com tão pouco aviso como um soluço ou o brilho de um pirilampo. Raramente pode ser convocado à vontade. Muitos fingem ter poder psíquico, mas poucos conseguem demonstrá-lo com êxito em condições de teste. Ainda não pode mover montanhas, embora possa mover objetos do tamanho de toupeiras.

Para Jeane Dixon, que afirma ter telepatia, clarividência e precognição, estas sensações fugazes podem acontecer a qualquer hora — ao almoço, no banho, a caminhar na rua. Mas serão as mensagens que recebe extrassensoriais?

A Dra. Louisa Rhine, provavelmente mais familiarizada com casos espontâneos de PES do que qualquer outra pessoa, diz: «O critério para julgar se uma experiência envolve PES é simples. Tem de ser uma que traga informação nova à pessoa e que a traga sem mediação.»

Decidi não me debruçar sobre as previsões de Jeane Dixon sobre catástrofes cósmicas num futuro distante. Seria como lutar contra sombras. Na melhor das hipóteses erra-se o alvo, na pior magoa-se o punho numa parede. E não tenho qualquer interesse em acompanhar as suas previsões semestrais sobre o destino das nações e os casamentos de estrelas de cinema.

São as suas expressões espontâneas, muitas vezes emotivas, sempre improvisadas de PES que me intrigam e que considero mais convincentes e mais sujeitas a investigação.

Quais são as que acho mais convincentes? Os incidentes envolvendo Frank Sinatra Jr., John Kennedy, Robert Kennedy, os astronautas. Incluiria o incêndio que destruiu a casa de Martha Rountree, o assassínio da filha de Kitty Von Ammon, a morte do Juiz Frank Murphy e, mais próximo de casa, o aviso de Jeane Dixon ao seu marido para não viajar num avião que de facto se despenhou no voo que ele tinha planeado tomar.

Talvez a mais impressionante de todas seja a sua previsão de que os três astronautas morreriam num incêndio, durante o teste sem energia, e a sua identificação da causa do incêndio fatal, após o evento, mas antes da investigação oficial que confirmou a sua previsão.

Curar os Doentes

Ninguém cresceu um membro depois de uma visita a Lourdes nem restaurou uma artéria seccionada ao seu estado anterior assistindo a um serviço de cura pela fé. Mas quando uma doença é causada ou mantida pela mente, então a mente parece também ser capaz de a curar.

Isto, acredito eu, foi algo que a Sra. Dixon conseguiu fazer — ajudando James Harkins a perder as suas verrugas de um dia para o outro e também a dor nas pernas. Falei com outros que pensam que a Sra. Dixon ajudou a curar as suas doenças. E os médicos confirmaram que tinham sido curados.

Há provas científicas de tal cura? O Dr. Bernard Grad, biólogo de Montreal, fez experiências com o Coronel Oskar Estebany e publicou os resultados no Journal of the American Society for Psychical Research, volume 50, em 1965. Disse que Estebany conseguia promover a cura acelerada de ratinhos feridos ao segurar as mãos sobre eles. Em testes realizados pela Dra. Justa Smith do Rosary Hill College, em Buffalo, Nova Iorque, em 1967, Estebany e outros três curadores seguraram as mãos sobre frascos contendo enzimas. Todos os quatro conseguiram acelerar ou abrandar a actividade das enzimas de uma forma que teria promovido a cura do corpo. Não é inconcebível que Jeane Dixon tenha um poder semelhante.

Mas e a sua aparente capacidade de detetar uma criança doente mesmo que nem o médico da criança visse nada de errado; de dizer, ao olhar para uma fotografia de uma rapariga, que «nasceu sem as duas cavidades dos quadris», embora o pai da rapariga, médico, não o tivesse descoberto; de avisar Ira Walsh para «ir ao médico e prolongar a vida» embora ele se sentisse e parecesse

saudável à parte de ter excesso de peso — e o conselho estava correto — e tudo o resto?

Esforçando-me por encontrar uma explicação que pudesse lidar com esses factos e ainda assim pôr de parte qualquer capacidade extrassensorial, poderia argumentar que o que ela fez era possível por meios normais. Em cada caso pode ter detetado indícios sensoriais das doenças ou deficiências, talvez até indícios subliminares: uma realização notável em si mesma.

E para representar os pontos de vista dos céticos mais obstinados: é possível que a Sra. Dixon diga a todas as pessoas com excesso de peso que encontra — «Vá ao médico e prolongue a vida.» E no caso de uma em mil ela tem razão. Isto, claro, significaria que há possivelmente milhares de pessoas com excesso de peso com conselhos idênticos da Sra. Dixon e pela lei da probabilidade algumas estão destinadas a encontrar-se e a trocar impressões — e então a bolha da Sra. Dixon rebentaria!

Isto pode parecer descabido — mas quero dar aos céticos uma audiência justa.

Os Seus Críticos

O que dizem? Que faz tantas previsões que algumas têm de se confirmar. Que diz uma coisa a uma pessoa e o contrário a outra

e depois envia os investigadores apenas à testemunha que ouviu a previsão precisa. Que demasiadas previsões são vagas e podem ter muitas interpretações. Que, após o acontecimento, afirma que a sua previsão foi mais específica do que de facto foi. Que as testemunhas positivas são amigos próximos ou seus empregados. Que muitas previsões estão tão distantes no futuro que nenhum de nós estará vivo para provar se tem razão ou não.

Que tem amigos em lugares influentes e poderia obter deles informação semi-secreta, reclamando depois que veio de uma fonte extrassensorial. Que muitas previsões são projeções das suas próprias convicções religiosas e políticas. Que se esquiva à investigação científica. Que para uma mulher com uma linha direta para Deus passa demasiado tempo e energia em empreendimentos comerciais. Que um grupo considerável de antigos empregados e amigos desiludidos diz que o ídolo tem pés de barro.

Mesmo concedendo que há alguma ou muita verdade nestas críticas, penso que a acumulação de provas apresentadas pelas testemunhas neste livro é tão notável que os céticos têm de encontrar outras explicações além da sorte, relatos deficientes, memórias fracas, informação privilegiada — para a pôr de parte.

Quando leio um livro sobre um psíquico pergunto-me o que foi deixado de fora para melhorar a imagem de um prodigioso trabalhador de milagres sem falhas, quanta pressão foi exercida sobre o autor para omitir o negativo e acentuar o miraculoso.

Tentei ser justo — dentro dos limites da difamação — e espero que quaisquer testemunhas dispostas a falar que não contactei me contactem para enriquecer o registo.

Jeane Dixon, sendo humana, comete erros. Também racionaliza os seus erros, por vezes tão eficazmente que quase convence de que as suas falhas foram quase acertos. Talvez apenas os masoquistas, os santos e os matemáticos puros sejam escrupulosos em recordar os seus fracassos com a mesma vivacidade que os seus triunfos.

Um Desafio

Os cientistas não são fáceis de persuadir. A Dra. Louisa Rhine, por exemplo, escreve sobre pessoas que fazem previsões precisas: «Adivinhações informadas e suposições prováveis não podem ser descartadas, e a imprecisão da formulação torna impossível a interpretação específica.

Por vezes os prognosticadores... pensam que, ao depositar as suas afirmações num centro como o Laboratório de Parapsicologia, estabelecerão a sua validade se o acontecimento se verificar. Não compreendem que a validade não pode ser estabelecida desta forma, mas que depende da eliminação de explicações contrárias.»

Gostaria de lançar um desafio amistoso à Dra. Louisa Rhine. Se, antes dos acontecimentos, Jeane Dixon lhe tivesse dito o seguinte, conseguiria explicar coletivamente como algo que não fosse prova de PES?

1. O secretário-geral das Nações Unidas será morto num acidente de aviação.

2. O Juiz do Supremo Tribunal Murphy morrerá nos próximos dias, embora tenha apenas cinquenta e seis anos, pareça estar de boa saúde, e esteja a planear casar. (Não as suas palavras precisas, mas, penso eu, uma paráfrase justa.)

3. A casa de Martha Rountree ficará reduzida a cinzas em poucos dias.

4. Os três astronautas morrerão queimados num teste sem energia no final do ano.

5. Robert Kennedy vai ser mortalmente baleado com duas balas na cabeça no Hotel Ambassador.

6. A Baronesa Von Ammon vai casar com um homem que ainda não conheceu (nem eu, Jeane Dixon), com cabelo ruivo e dentes muito espaçados. O homem que ela agora ama vai morrer. A sua filha será assassinada ou suicidar-se-á.

7. O Presidente Kennedy será assassinado dentro de uma semana.

8. Proud Clarion vai ganhar o Kentucky Derby e vai correr na posição de largada número sete.

9. As pessoas vão pensar que alguém próximo de Frank Sinatra está morto — depois vão descobrir que está bem.

Então, Dra. Rhine?

A batalha entre os céticos e os crentes da PES está quase no seu auge. De um lado está a Dra. Louisa Rhine a dizer: «As experiências precognitivas são provavelmente quase tão comuns como as bolotas nos carvalhos.» E do outro, os cientistas mecanicistas escondem-se atrás dos seus computadores e dizem: «Mesmo que mo prove, ainda assim não acreditarei!»

Esses também são quase tão comuns como as bolotas nos carvalhos. Quando pressionados para uma resposta racional, estes críticos refutam as provas acusando os parapsicólogos de falsificarem as provas ou de as influenciarem, talvez inconscientemente, para estarem em conformidade com os resultados que procuram.

Mas enquanto a escaramuça continua, psíquicos como Jeane Dixon demonstram fora do laboratório a aplicação prática da PES.

Sabendo como qualquer relato do sobrenatural ou do extrassensorial pode crescer à medida que é recontado, achei de valor ter um registo disponível, o testemunho de testemunhas maioritariamente diretas das capacidades de Jeane Dixon.

Se ela é tudo o que aparenta ser, e se, como alguns parapsicólogos acreditam, todos nós temos tais poderes à espera de serem desencadeados, desenvolvidos e utilizados — o que é que isso significa?

Em primeiro lugar, exige uma nova definição do homem.

Desafia os que acreditam que o último suspiro do homem na terra é a sua última atividade de qualquer espécie — além de se decompor.

Refuta os que têm a certeza de que o homem é apenas uma máquina inteligente, amedrontada por um pau, enganada por uma cenoura; que termina a sua existência humana como um punhado de produtos químicos biodegradáveis.

Significa que o homem não tem de ser prisioneiro dos seus sentidos, meramente um animal que fala com ideias criativas, cuja mente, confinada ao cérebro, está condenada com a morte.

O homem pode muito bem ser um espírito imortal, não isolado dos seus semelhantes pelo tempo, pela distância, ou pela sua própria pele — e capaz de curas «milagrosas» que desconcertam os especialistas médicos.

E Jeane Dixon aponta para essas possibilidades.

Apêndice

Arthur Koestler, falando perante a convenção anual da Associação de Parapsicologia em Edimburgo, Escócia, em Setembro de 1972, disse:

Num livro publicado recentemente [The Challenge of Chance] tentei demonstrar que os fenómenos impensáveis da parapsicologia parecem um pouco menos absurdos à luz da proposição impensável da física quântica moderna... Einstein, de Broglie e Schrödinger entre eles desmaterializaram a matéria como o prestidigitador que faz desaparecer a senhora da caixa no palco. Heisenberg substituiu o determinismo pela incerteza e a causalidade pela estatística; Dirac postulou buracos no espaço cheios de eletrões de massa negativa; Thomson fez uma única partícula passar por dois buracos num ecrã ao mesmo tempo — o que, comentou Cyril Burt, é mais do que um fantasma consegue fazer.

Fotões de massa em repouso nula foram observados no processo de dar à luz virginalmente gémeos dotados de massa em repouso sólida; Feynman fez o tempo fluir para trás nos seus diagramas; e estes são apenas alguns vislumbres do panorama surrealista que a física quântica nos abriu. Para parafrasear um velho provérbio: Dentro do átomo é onde acontecem coisas que não acontecem...

O meu propósito ao recordar-lhes estes desenvolvimentos bem conhecidos foi sublinhar mais uma vez o facto de que a visão do mundo mecanicista e determinista, que ainda é dominante na sociologia, nas ciências do comportamento e no grande público, já não tem qualquer sustentação; tornou-se um anacronismo vitoriano.

O modelo do universo como um relógio do século XIX está em ruínas, e uma vez que a própria matéria foi desmaterializada, o materialismo já não pode reivindicar ser uma filosofia científica.